

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

Luís Gustavo dos Santos Júnior

**GZH E AS RESPOSTAS AOS PROBLEMAS SOCIAIS: UMA ANÁLISE  
DAS PRÁTICAS DE JORNALISMO DE SOLUÇÕES**

Santa Maria, RS  
2023

Luís Gustavo dos Santos Júnior

**GZH E AS RESPOSTAS AOS PROBLEMAS SOCIAIS: UMA ANÁLISE DAS  
PRÁTICAS DE JORNALISMO DE SOLUÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de jornalista.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Márcia Franz Amaral

Santa Maria, RS  
2023

**LUÍS GUSTAVO DOS SANTOS JÚNIOR**

**GZH E AS RESPOSTAS AOS PROBLEMAS SOCIAIS: UMA ANÁLISE DAS  
PRÁTICAS DE JORNALISMO DE SOLUÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **jornalista**.

**Aprovado em 14 de dezembro de 2023.**

---

**Dra. Márcia Franz Amaral, Docente no Departamento de Ciências da Comunicação  
(UFSM)  
(Orientadora)**

---

**Msc. Alice Bianchini Pavanello, Docente substituta no Departamento de Ciências da  
Comunicação (UFSM)  
(Presidente)**

---

**Dra. Josemari Quevedo, Pesquisadora de Pós-Doutorado do Programa de Pós-  
Graduação em Comunicação (UFSM)**

---

**Tainá Castro Binelo dos Santos, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em  
Comunicação (UFSM)**

Santa Maria, RS  
2023

Dedico este trabalho à Tatiana, Luís, Leonardo, Bernardo e Caroline. Essa conquista é de vocês também. Obrigado por estarem ao meu lado durante esse período. Amo vocês.

*A zona de conforto é o lugar onde os sonhos morrem*

*Black Alien (Jamais Serão)*

## RESUMO

### GZH E AS RESPOSTAS AOS PROBLEMAS SOCIAIS: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE JORNALISMO DE SOLUÇÕES

AUTOR: Luís Gustavo dos Santos Júnior

ORIENTADORA: Márcia Franz Amaral

Este trabalho tem como proposta analisar as reportagens do site GZH que utilizam o jornalismo de soluções, corrente emergente que tem como fio norteador a apresentação de respostas a problemas sociais. A partir de uma revisão teórica, a monografia busca contextualizar e explicar o jornalismo de soluções a partir dos autores Souza (2017), Loose (2019), Farias e Belém (2020), Borges (2021), Oliveira, Pastl e Garcia (2021), Simões (2022) e Santos (2022), bem como explorar outras correntes que serviram de influência para este tipo de jornalismo. As cinco características fundamentais do jornalismo de soluções indicadas pela Solutions Journalism Network (SJN), organização considerada referência mundial no tema, são: 1) concentra-se profundamente na resposta a um problema social; 2) examina como a resposta funciona com detalhes significativos; 3) concentra-se na eficácia, não nas boas intenções, apresentando evidências, disponíveis dos resultados; 4) oferece não apenas inspiração, mas insights que outros podem usar e 5) discute o que não está funcionando na abordagem. Metodologicamente, concebemos um protocolo a partir destes tópicos que foi aplicado ao *corpus* de 10 reportagens produzidas entre maio e junho de 2023 publicadas sob a *tag* “Jornalismo de Soluções”. Os resultados mostram que GZH cumpre com a maioria dos critérios estabelecidos pela SJN para que uma produção se enquadre como jornalismo de soluções. Entretanto, detectamos que em nenhum momento o veículo apresenta as cinco características em uma mesma reportagem.

**Palavras-chave:** Jornalismo de Soluções. GZH. Fontes jornalísticas.

## ABSTRACT

### GZH AND RESPONSES TO SOCIAL PROBLEMS: AN ANALYSIS OF SOLUTIONS JOURNALISM PRACTICES

AUTHOR: Luís Gustavo dos Santos Júnior

ADVISOR: Márcia Franz Amaral

The purpose of this paper is to analyze the reports on the GZH website that use solutions journalism, an emerging trend whose guiding principle is to present answers to social problems. Based on a theoretical review, the monograph seeks to contextualize and explain solutions journalism based on the authors Souza (2017), Loose (2019), Farias and Belém (2020), Borges (2021), Oliveira, Pastl and Garcia (2021), Simões (2022) and Santos (2022) as well as exploring other currents that have influenced this type of journalism. The five fundamental characteristics of solutions journalism indicated by the Solutions Journalism Network (SJN), an organization considered a world reference on the subject, are: 1) it focuses deeply on the response to a social problem; 2) it examines how the response works in significant detail; 3) it focuses on effectiveness, not good intentions, presenting available evidence of the results; 4) it offers not only inspiration, but insights that others can use and 5) it discusses what is not working in the approach. Methodologically, we designed a protocol based on these topics that was applied to the corpus of 10 reports produced between May and June 2023 and published under the "Solutions Journalism" tag. The results show that GZH complies with most of the criteria established by the SJN for a production to qualify as solutions journalism. However, we detected that at no time did the vehicle present all five characteristics in the same report.

**Keywords:** Solutions Journalism. GZH. Journalistic sources.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – <i>Tag</i> jornalismo de soluções.....	48
Figura 02 – Selo jornalismo de soluções.....	54

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Como identificar se é ou não jornalismo de soluções? .....	23
Quadro 2 – Matriz da tipificação das fontes de notícias. ....	25
Quadro 3 – Protocolo de Análise.....	48
Quadro 4 – <i>Corpus</i> da pesquisa.....	54

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – A solução do problema é apresentada em primeiro lugar? .....	56
Gráfico 2 – Que tipos de fontes utilizadas? Quais são? .....	58
Gráfico 3 – A estrutura da reportagem está ancorada no “como” ao invés de outras perguntas do lead? .....	59
Gráfico 4 – A história apresenta e explica as causas de um problema? .....	60
Gráfico 5 – São problemas de âmbito local, regional, nacional? .....	62
Gráfico 6 – A história apresenta uma ou mais respostas associada a esse problema? .....	63
Gráfico 7 – A história explica o funcionamento da resposta? .....	64
Gráfico 8 – As fontes possuem um entendimento sobre o assunto abordado? .....	65
Gráfico 9 – As soluções remetem a problemas de que ordem? Políticos, econômicos, ambientais e sociais? .....	66
Gráfico 10 – A história dá mais atenção à resposta do que há um líder/inovador/benfeitor? .	67
Gráfico 11 – As soluções são destinadas à problemas superficiais e gerenciais ou referem-se também a problemas estruturais? .....	67
Gráfico 12 – A história apresenta personagens que estão vivenciando o problema ou as respostas? .....	69
Gráfico 13 – A história traz evidências dos resultados?.....	70
Gráfico 14 – A história apresenta as limitações da resposta?.....	72
Gráfico 15 – A história explica como fazer a implementação da resposta?.....	73

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>2 SOLUÇÕES COMO CENTRO DA NOTÍCIA</b> .....	<b>18</b>
2.1 RESPOSTAS DEVEM SER O FOCO DA NOTÍCIA .....	23
<b>2.1.1 As fontes de informação</b> .....	<b>24</b>
2.1.1.1 Oficial.....	26
2.1.1.2 Empresarial.....	26
2.1.1.3 Institucional.....	26
2.1.1.4 Individual .....	26
2.1.1.5 Testemunhal.....	27
2.1.1.6 Especializada .....	27
2.1.1.7 Referência.....	28
2.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS PROBLEMAS .....	28
2.3 EXPLICAÇÃO DA SOLUÇÃO .....	29
2.4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DA EFICÁCIA .....	29
2.5 APRESENTAR AS LIMITAÇÕES DA REPOSTA .....	30
2.6 GERAR INSIGHTS .....	30
<b>3 COMO CHEGAMOS ATÉ O JORNALISMO DE SOLUÇÕES?</b> .....	<b>32</b>
3.1 VERTENTES QUE SERVIRAM DE BASE .....	32
<b>3.1.1 Jornalismo para a paz</b> .....	<b>32</b>
<b>3.1.2 Comunitarismo</b> .....	<b>33</b>
<b>3.1.3 Jornalismo cívico</b> .....	<b>34</b>
<b>3.1.4 Jornalismo construtivo</b> .....	<b>36</b>
<b>3.1.5 Modelo tradicional em crise</b> .....	<b>37</b>
3.2 UMA ALTERNATIVA À CRISE? .....	42
<b>4 CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO EMPÍRICO E PASSOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>46</b>
4.1 GZH E O JORNALISMO DE SOLUÇÕES .....	46
4.2 PROTOCOLO DE ANÁLISE.....	48
4.3 INDICADOR “ESTRUTURA TEXTUAL” .....	51
4.4 INDICADOR “CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA” .....	51
4.5 INDICADOR “EXPLICAÇÃO” .....	51

4.6 INDICADOR “RESULTADOS/EFICÁCIA” .....	52
4.7 INDICADOR “LIMITAÇÕES” .....	52
4.8 INDICADOR “GERAR INSIGHTS” .....	52
4.9 <i>CORPUS</i> .....	53
<b>5 RESULTADOS DAS ANÁLISES.....</b>	<b>56</b>
5.1 INDICADOR “ESTRUTURA TEXTUAL” .....	56
5.2 INDICADOR “CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA” .....	60
5.3 INDICADOR “EXPLICAÇÃO”.....	64
5.4 INDICADOR “RESULTADOS/EFICÁCIA” .....	68
5.5 INDICADOR “LIMITAÇÕES” .....	71
5.6 INDICADOR “GERAR INSIGHTS” .....	73
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>80</b>
<b>APÊNDICE A .....</b>	<b>84</b>
<b>APÊNDICE B .....</b>	<b>88</b>
<b>APÊNDICE C .....</b>	<b>91</b>
<b>APÊNDICE D .....</b>	<b>95</b>
<b>APÊNDICE E .....</b>	<b>98</b>
<b>APÊNDICE F.....</b>	<b>102</b>
<b>APÊNDICE G.....</b>	<b>105</b>
<b>APÊNDICE H.....</b>	<b>108</b>
<b>APÊNDICE I .....</b>	<b>111</b>
<b>APÊNDICE J.....</b>	<b>113</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O noticiário é predominado por notícias negativas. Basta assistir a um telejornal ou ler a edição impressa de um jornal, para ver que a tragédia, o caos, o conflito, entre outros, estão presentes, majoritariamente, nas notícias. Essas escolhas são frequentes e tendem a predominar em notícias *hard news*<sup>1</sup>.

Há inúmeras razões para isso que vão desde aspectos mercadológicos até aspectos que remetem à cultura profissional do jornalismo no que diz respeito ao processo de identificação sobre o que deve ser noticiado. Atualmente, há muitas maneiras de se fazer jornalismo que transcendem o formato tradicional. Em todas elas, os modos são guiados por razões tanto mercadológicas quanto simbólicas.

Entretanto, o jornalismo vive imerso em inúmeras crises e isso não é novidade. A queda no número de audiência e a perda de credibilidade do jornalismo são observadas em pesquisas desde os anos 1980. A ascensão da internet agravou o modelo tradicional de financiamento do jornalismo ancorado em anúncios publicitários. Embora as empresas de jornalismo procurem meios para conter os danos, a *web* emerge como concorrente dos veículos, disputando os investimentos antes quase que exclusivos do jornalismo tradicional.

Neste cenário, as certezas viraram dúvidas e o que dava certo antes pode não dar mais. Para se reinventar, e atrair o público novamente, iniciativas alternativas de fazer jornalismo surgem. Estudos de recepção como Jackson (2016) e Gielan; Furl; Jackson (2017) mostram que já existem pessoas que estão deixando de consumir notícias por conta da alta carga de negatividade. É importante ressaltar que o jornalismo deve sim mostrar os males da sociedade, fazer denúncias e mostrar a desigualdade social e a injustiça. Entretanto, também cabe aos profissionais mostrarem alternativas para superar esses problemas através de exemplos práticos que tem eficácia comprovada através de dados ou do relato de quem vivencia essa realidade. O jornalismo de soluções busca incluir o que às vezes é esquecido: relatar não apenas os problemas enfrentados pela sociedade, mas também como as comunidades respondem e agem a eles. De origem americana e inspirada em diversas vertentes, o jornalismo guiado por soluções, como o próprio nome já diz, busca a resolução de problemas. A virada de chave que esse modelo pode dar, passando do negativo para o positivo, gera esperança e, possivelmente, reacenda o interesse de parte do público com o consumo de notícias.

---

<sup>1</sup> Em tradução livre do inglês, significa notícias difíceis. É o acontecimento de agora que precisa ser noticiado hoje. A agilidade em divulgar determinado conteúdo é uma das características de uma notícia *hard news*. É o factual que amanhã, talvez, não tenha a mesma validade.

A primeira vez que eu ouvi falar de jornalismo de soluções foi durante o 15º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo, da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI), em 2020. Naquele momento, no auge da pandemia de covid-19, trancado em casa e sem perspectivas do retorno do que conhecíamos como normalidade, eu ouvia atentamente uma palestra, online, claro, da Marta Gleich, Diretora-executiva de Jornalismo do Grupo RBS, do Rio Grande do Sul. Ela apresentava um novo jeito de fazer jornalismo e explicava porque a principal referencia midiática dos Gaúchos adotou esse caminho. Apesar de não lembrar exatamente de tudo que ela disse, me recordo de alguns pontos destacados pela executiva, como a necessidade de se adaptar e inovar em meio à um cenário de mudanças no mundo todo por conta da crise sanitária, econômica e social.

Durante todo meu processo de formação acadêmica eu me considerei um problematizador. Independente do assunto, sempre há espaço para se fazer o tensionamento em algum aspecto. Não posso ser hipócrita e dizer que não franzi meus olhos quando Gleich afirmou que o jornalismo de soluções busca um viés mais positivo dos acontecimentos. Claro que a explicação viria logo em seguida. O jornalismo de soluções busca encontrar alternativas para os problemas que cercam a sociedade. O meu interesse pelo tema e a possibilidade de mostrar as possíveis soluções para os males sociais provavelmente está associado ao desejo de querer o término da pandemia naquele momento.

Minha visão romântica do jornalismo como um cão de guarda, fiscalizando e denunciando, somou-se com uma “nova” perspectiva em que o jornalista pode ir além e mostrar caminhos. Assim como vigiar o poder público – e privado – é papel fundamental do jornalismo apontar também para as soluções.

Mostrar o que dá certo para resolver problemas também muda a vida das pessoas. Talvez a romantização da profissão, que todo estudante viva em algum momento da sua formação, permaneça lá no fundo, mas com uma nova roupagem, justificada agora com uma camada mais prática de jornalismo, que se aproxime de ações do cotidiano de pessoas comuns e, por vezes, um pouco mais longe da holofotes de autoridades públicas.

Embora a prática do jornalismo de soluções ainda seja pouco comum no Brasil, ela já é uma realidade em outros países como EUA e Inglaterra. Mesmo com baixo número de iniciativas no país, o Grupo RBS, é considerado uma das referências internacionais no assunto. Além do conglomerado midiático Gaúcho, outros meios já estão investindo na prática para atrair o público. Um deles é o “ECOIA, por um mundo melhor”<sup>2</sup>, uma iniciativa do UOL com

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/>>. Acesso em 10 jul. 2023

notícias de viés positivo. Em seu rol de produções, há reportagens de soluções em duas categorias, “empresas que mudam” e “iniciativas que inspiram”.

O tradicional programa da Globo News, “Cidade e Soluções”<sup>3</sup>, criado em 2006 e comandado por André Trigueiro, apesar de não se dedicar a fazer jornalismo de soluções, carrega muitas características comuns ao modelo. Já no âmbito universitário, o projeto de extensão “Anti-horário”<sup>4</sup>, do curso de jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), se propõe a ter um olhar diferenciado para o cotidiano, mostrando histórias que inspiram e servem de exemplo. Dentro do projeto, os participantes produzem, inclusive, reportagens voltadas para soluções.

Ao olhar para fora do limite territorial nacional encontram-se narrativas focadas em soluções no mundo todo. A “Solution Story Tracker”<sup>5</sup>, uma base de dados da Solutions Journalism Network (SJN) faz a catalogação de publicações nesta modalidade. Organizações internacionais como The New York Times, The Guardian, Al Jazeera e La Nación são apenas algumas que desenvolvem esse tipo de conteúdo. O americano The New York Times, inclusive, teve uma seção de artigos de opinião dedicada a respostas de problemas sociais. Semanalmente, a *Fixes*<sup>6</sup> – ou *Conserta* no português – produzia histórias voltadas a notícias positivas e “analisava soluções para problemas sociais e por que elas funcionam” como diz a descrição no topo da página. Desde 2021, a página está parada, mas para fins de exemplificação, consideramos uma iniciativa que merece reconhecimento.

Em 2020, o veículo de comunicação polonês *Outriders* produziu uma série de reportagens sobre as estratégias de combate à covid-19 nas favelas de Paraisópolis, Heliópolis e no distrito de Brasilândia. A *Outriders* é uma startup independente, sem fins lucrativos e funciona com financiamento coletivo. A reportagem “Favela vs Covid-19: o que as periferias podem ensinar sobre estratégias de combate à pandemia”<sup>7</sup>, foi escrita por jornalistas brasileiros em formato de HQ.

Novidade em redações do Brasil, mas em crescimento ao redor do mundo, o jornalismo de soluções se mostra como um oportuno e interessante tema para ser estudado e explorado em pesquisas acadêmicas. Os resultados deste trabalho podem nortear redações e ajudar profissionais a entender como o jornalismo de soluções pode ser executado de forma mais

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/cidades-e-solucoes/>>. Acesso em 25 jun. 2023.

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/projetoantiorario/>>. Acesso em 28 abr. 2023.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.solutionsjournalism.org/storytracker>>. Acesso em 13 mai. 2023.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.nytimes.com/column/fixes>>. Acesso em 03 ago. 2023.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://outride.rs/en/articles/favela-vs-covid-19/>>. Acesso em 29 abr. 2023.

eficiente. Alguns pesquisadores como Souza (2017), Loose (2019), Farias e Belém (2020), Borges (2021), Oliveira, Pastl e Garcia (2021), Simões (2022) e Santos (2022) podem ser considerados referência para futuros estudos sobre o jornalismo de soluções no cenário nacional.

O estudo desenvolvido neste trabalho se baseia na análise das matérias que compõem a tag “Jornalismo de Soluções”<sup>8</sup>, do jornal digital GZH, uma das marcas do Grupo RBS. A escolha se justifica pelo fato do Grupo RBS ser uma referência no assunto e se propor a utilizar a prática desde 2020, estando entre os pioneiros no país.

A plataforma GaúchaZH ou GZH foi lançada em 2017 como a plataforma de jornalismo digital do Grupo RBS, e reúne conteúdos gerados pelo jornal impresso Zero Hora e pela rádio Gaúcha. A plataforma também se dedica a produções exclusivamente digitais. Sua criação representou um novo marco na empresa, já que, a partir daquele momento, as redações do grupo passaram a ser integradas. Mesmo com a fusão dos modelos de jornalismo impresso e do radiojornalismo, ambos continuaram existindo separadamente.

GZH é a primeira plataforma que une os dois formatos na web registrado no Rio Grande do Sul. O Grupo RBS além de se apresentar como maior grupo de comunicação do Estado, demonstra a capacidade de buscar alternativas, adaptando-se a novas formas de consumir conteúdo no contexto de convergência no jornalismo.

Desde 2020, o Grupo RBS se propõe a investir em jornalismo de soluções nas suas produções. O anúncio desta decisão inovadora veio através da Carta da Editora do dia 08 de maio de 2020, intitulada “A busca por soluções”<sup>9</sup>, escrita pela editora-chefe da Zero Hora, Dione Kuhn. A autora do artigo editorial ressalta que a decisão do grupo está atrelada à necessidade de dar as melhores respostas sobre a pandemia de covid-19 aos ouvintes, leitores e telespectadores. Em um dos trechos cita: “Não basta apenas apontar e diagnosticar problemas nas reportagens e análises. É preciso abrir amplos espaços para o debate – em profundidade – de soluções. Isso só é possível de fazer confrontando diferentes visões, buscando exemplos e analisando dados mundo afora” (CARTA DA EDITORA, 2020). A editora-chefe anuncia que a primeira reportagem produzida utilizando o jornalismo de soluções poderia ser conferida na edição impressa daquele final de semana e em GZH.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/ultimas-noticias/tag/jornalismo-de-solucoes/>>. Acesso em 10 ago. 2023.

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/dione-kuhn/noticia/2020/05/a-busca-por-solucoes-ck9yy17kp00kw015n49shvmzg.html>>. Acesso em 29 abr. 2023.

Fazer jornalismo de soluções não é fácil. Exige uma virada de chave, passando do modelo tradicional praticado em redações para uma abordagem mais aberta, livre de formatos engessados. A narrativa voltada para a solução deve seguir algumas características específicas que fazem-na se diferenciar do costumeiro. A *Solutions Journalism Network* (SJN), organização referência na categoria, editou um Kit de Ferramentas Básicas (2021) com algumas diretrizes para ajudar profissionais do mundo inteiro a entenderem e praticarem o jornalismo de soluções, seja em redações ou de forma independente. São elas: 1) concentra-se profundamente na resposta a um problema social; 2) examina como a resposta funciona com detalhes significativos; 3) concentra-se na eficácia, não nas boas intenções, apresentando evidências, disponíveis dos resultados; 4) oferece não apenas inspiração, mas insights que outros podem usar; 5) discute o que não está funcionando na abordagem.

Nem sempre uma produção apresentará todos esses critérios, mas para fazer jornalismo de soluções com qualidade é importante que tenham pelo menos três dessas características listadas pela organização. Por vezes, uma característica pode estar mais ressaltada e ter maior protagonismo do que as demais, mas nunca deve estar só. Neste sentido, para entender como isso se opera no veículo estudado, este trabalho busca responder quais são as características do jornalismo de soluções presentes nas reportagens de GZH?

O objetivo geral deste trabalho é analisar como são utilizadas as características do jornalismo de soluções nas produções jornalísticas na plataforma de jornalismo digital GZH.

Além disso, como objetivos específicos, pretende-se compreender em que contexto surge o jornalismo de soluções; conceituar o jornalismo de soluções e suas características; discutir sobre o jornalismo de soluções como uma possível alternativa à crise no jornalismo; e analisar quais técnicas do jornalismo de soluções são usadas em GZH.

Para alcançar esses objetivos, realizamos uma discussão sobre conceito de jornalismo de soluções e apresentamos suas características principais. Apresentamos correntes jornalísticas que serviram como base para a teorização do jornalismo de soluções, explorando quais são as características em comum entre elas. Metodologicamente, sistematizamos um protocolo de análise que foi aplicado nas matérias que compõem o *corpus* da pesquisa. A estrutura do protocolo está ancorada nos conceitos fundamentais do jornalismo de soluções apresentados ao longo do trabalho.

Após a aplicação e análise das matérias, foram apresentados os resultados. GZH cumpre com os critérios propostos pela SJN para se enquadrar como jornalismo de soluções, embora nenhuma das matérias analisadas tenha 100% de acerto no padrão definido pela

entidade. Nesse sentido, mesmo consideramos que o meio ainda pode avançar para qualificar ainda mais sua abordagem guiada por soluções.

Estruturalmente, essa monografia está dividida em 6 capítulos, que exploram a temática do jornalismo de soluções e apresentam nossa proposta de pesquisa.

No primeiro capítulo, fazemos uma introdução sobre o assunto estudado. Apresentamos os motivos pela escolha do jornalismo de soluções e também justificamos a escolha pelo nosso objeto de pesquisa. Aqui também apresentamos autores que servem como referência para estudos da área.

Na segunda parte do trabalho abordamos o jornalismo de soluções e a resposta a um problema social como centro da notícia. Nesta parte, nos debruçamos sobre as teorias do jornalismo de soluções e explicamos de maneira detalhada o que é essa vertente e como ela busca se diferenciar a outros modelos. Apontamos bons exemplos de quem faz jornalismo de soluções no Brasil e no mundo, e também discutimos o que não é considerado jornalismo de soluções, mas por vezes é confundindo com a corrente. Propomos uma discussão sobre as 5 principais características do jornalismo de soluções.

No terceiro capítulo buscamos entender quais são as referências históricas para o jornalismo de soluções. Nesse tópico, contextualizamos e explicamos o jornalismo para a paz, o comunitarismo, o jornalismo cívico e o jornalismo construtivo. Após, passamos para uma discussão sobre crise no jornalismo e como o jornalismo de soluções pode ser um dos muitos caminhos para superá-la.

Chegamos ao capítulo 4, onde apresentamos nosso objeto empírico e os passos metodológicos do trabalho. Aqui propomos uma contextualização de GZH e a sua relação com o jornalismo de soluções. Depois apresentamos nossa metodologia, o protocolo que é utilizado para fazer as análises e o *corpus*.

Por fim, no capítulo 5, mostramos os resultados das nossas análises em cada um dos indicadores estudados. Nas conclusões, propomos uma reflexão sobre os pontos principais da pesquisa.

## 2. SOLUÇÕES COMO CENTRO DA NOTÍCIA

O jornalismo de soluções pode parecer novo para os jornalistas brasileiros, mas vem sendo praticado desde os anos 1990 nos Estados Unidos. Durante os últimos anos ganhou força graças à atuação da Solutions Journalism Network (SJN)<sup>10</sup>, uma organização independente fundada em 2013 pelos jornalistas americanos Courtney Martin, David Bornstein e Tina Rosenberg, e que tem entre os objetivos a busca pela disseminação da prática em redações do mundo inteiro. Os dois últimos co-fundadores, inclusive, faziam parte do Fixes, do New York Times, e foram motivados pelo engajamento dos leitores nas colunas de opinião da página. O viés negativo, identificado em notícias, “estava produzindo uma realidade distorcida, o que fazia com que o leitor se sentisse impotente e desestimulado para ler notícias” (SOUZA e CAMURÇA, 2020).

A SJN trabalha para que as produções jornalísticas apontem resoluções para problemas através de bons exemplos e notícias com caráter positivo. No Kit de Ferramentas Básicas (2021) a organização define o jornalismo de soluções “como uma cobertura rigorosa e convincente de respostas a problemas sociais” (KIT [...] [2021], s/p).

Na América Latina, a prática tem apoio da Fundacion para un Nuevo Periodismo Iberoamericano (FNPI)<sup>11</sup> (também chamada de Fundação Gabo), que capacita jornalistas latino-americanos para o jornalismo de soluções desde os anos 2000, além de manter um blog<sup>12</sup> dedicado a contar histórias sob esse viés. A organização latino-americana também traduziu o “Kit de Ferramentas Básicas” editado pela SJN e que mostra caminhos para aplicar o jornalismo de soluções nas rotinas de produção do jornalista.

Para facilitar ainda mais a compreensão sobre essa forma de fazer jornalismo e contribuir com a conceituação, Simões (2022) afirma que o jornalismo de soluções:

É a modalidade jornalística materializada na produção de narrativas, a partir de um olhar focado em amplificar a visibilidade de soluções para problemas sociais, capazes de gerar emoções positivas na audiência e motivar o público a se engajar e a participar do processo de consolidação dessa resposta aos desafios sociais (SIMÕES, 2022, p. 99).

O autor argumenta que é trabalhoso encontrar soluções para os problemas que são apontados pela própria mídia e, por isso, há pouco investimento nessa modalidade pelos veículos de comunicação. Muitas vezes os próprios profissionais têm preconceito com uma

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://www.solutionsjournalism.org/>>. Acesso em 12 mai. 2023.

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://fundaciongabo.org/es>>. Acesso em 19 jun. 2023.

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://blog.edufors.com/2019/07/04/periodismo-de-soluciones/>>. Acesso em 18 jun. 2023.

narrativa positiva. Mas, o autor ressalta que a prática do jornalismo de soluções busca se distanciar “dos relatos irrelevantes sobre a realidade, os quais a própria mídia parece associar como sendo notícias positivas” (SIMÕES, 2022, p. 27). Santos (2022) ressalta que o jornalismo de soluções se ancora no jornalismo investigativo para investigar e apontar respostas para problemas sociais. Nesse sentido, ao focar a narrativa na resolução de problemas, essa modalidade do jornalismo incentiva a ação coletiva, facilitando que comunidades cobrem autoridades – ou ajam por conta própria – para replicar iniciativas semelhantes que são expostas nas produções.

Qual notícia tem maior probabilidade de ser útil, aquela que expõe um problema e cobra soluções às autoridades ou a que vai uma camada além e apresenta soluções, ao mesmo tempo, intrinsecamente, pressiona o poder público a aperfeiçoá-las e implementá-las? É provável encontrar utilidade e aplicabilidade em relatos que têm como matéria-prima repostas para problemas sociais (SIMÕES, 2022, p. 50).

Já para Curry e Hammonds (2014, p. 01) o jornalismo de soluções possibilita que se examine “casos em que pessoas, instituições e comunidades estão trabalhando para encontrar soluções”. Os autores ainda explicam que as narrativas que seguem a estratégia de solução não devem apenas focar no que está funcionando, mas também no que está falhando. Santos (2022, p. 03) ainda alerta que “o jornalismo de soluções não oferece soluções mágicas para o público, mas apresenta-lhes caminhos possíveis para encontrar respostas reais”.

Thier *et al* (2021) explicam que o jornalismo de soluções apresenta potencialidades para superar a desconfiança das pessoas em relação ao jornalismo, já que a prática pode apresentar alternativas confiáveis para problemas sociais urgentes. “O jornalismo de soluções reformula as abordagens jornalísticas tradicionais para reportar problemas sociais à medida que busca envolver os leitores, oferecer um plano de mudança e alterar o tom do discurso público” (THIER, 2016, p. 330).

Contudo, o jornalismo de soluções também apresenta limitações que devem ser debatidas. Walth *et al* (2019) refletem que essa é uma modalidade que, nos moldes atuais, não consegue dedicar atenção para as causas dos problemas e, conseqüentemente, dificilmente vai apontar os responsáveis de maneira explícita. Após estudos de audiência, Curry *et al* (2016, p. 01) sugerem que “embora o jornalismo de soluções possa trazer benefícios louváveis aos leitores e redações, ele não é uma panaceia para o engajamento público”.

Simões (2022) propõe que essa categoria de narrativa pode ser incorporada em forma de *suites*<sup>13</sup> de matérias que apontem problemas ou façam denúncias, complementando assim a cobertura midiática. Desse modo, o autor acredita que os veículos de comunicação dariam um passo adiante “afinal, essa forma de fazer jornalismo pressupõe inovação, engajamento com a comunidade, utilidade pública, entre outras características marcantes para a retomada do crescimento de sua relevância perante a sociedade” (*IBIDEM*, p. 51).

Para clarear o entendimento sobre o jornalismo de soluções, a SJN desenvolveu cinco critérios fundamentais para essa categoria de produção. A organização admite que nem sempre todos os critérios vão aparecer nas produções, mas que o jornalismo de soluções deve ser construído sempre buscando o maior número dessas características.

De forma ideal, cada notícia “concentra-se profundamente na resposta a um problema social”; “examina como a resposta funciona com detalhes significativos”; “concentra-se na eficácia, não nas boas intenções, apresentando evidências, disponíveis dos resultados”; “oferece não apenas inspiração, mas *insights* que outros podem usar”; “discute o que não está funcionando na abordagem (SIMÕES, 2022, p. 109).

O jornalismo de soluções deve contextualizar o problema social do qual está tratando, afinal, como propõe Alsina (2009), o jornalista é um “intérprete do acontecer social”, onde coloca a contextualização como uma das etapas do processo de construção da notícia. A diferença é que o jornalismo de soluções vai focar a narrativa na resposta para o problema.

O segundo aspecto importante para essa abordagem é explicar os detalhes dessa implementação da solução. Quanto mais informações, mais qualidade terá a produção. “Adicionar componentes adicionais além do problema e da solução (ou seja, implementação, resultados e percepções) pode reforçar respostas positivas ao trabalho” (MURRAY e STROUD, 2019).

A terceira característica diz respeito à eficácia da solução. O jornalista deve priorizar iniciativas que tenham sido colocadas em prática e que, de preferência, já tenham resultados disponíveis. Noticiar uma iniciativa que mudou a vida de um grupo de pessoas é muito melhor do que noticiar uma ideia que está sendo testada ainda. Simões (2022) explica que até mesmo soluções que tenham sido implementadas e não deram certo por algum motivo são boas histórias para se contar e mostrar porque não funcionaram. Cabe ao repórter olhar para a solução e os dados disponíveis e fazer um trabalho investigativo.

---

<sup>13</sup> “Do francês *suite*, isto é, série, sequência. Em jornalismo, designa a reportagem que explora os desdobramentos de um fato que foi notícia na edição anterior” (FOLHA DE S. PAULO, 2023).

Além de inspirar, o jornalismo de soluções deve promover *insights* para outras pessoas replicarem a resolução apresentada. Por isso, como dito anteriormente, detalhar o processo de implementação é importante para mostrar os caminhos para outros grupos utilizarem a iniciativa em realidades distintas. Aqui cabe ao jornalista, por exemplo, mostrar as formas de financiamento para ações mais complexas. O jornalista do Grupo Globo, André Trigueiro, através do programa “Cidades e Soluções” utiliza *insights* para dar visibilidade ao enfrentamento de problemas ambientais no Brasil. Em um dos programas, exibido no ano de 2017, ele mostra os benefícios do uso de placas de energia fotovoltaicas em âmbito domiciliar, urbano, rural e também comercial. Ele ainda mostra caminhos para que pessoas físicas e jurídicas invistam nessa forma de energia renovável. As ideias apresentadas no Cidade e Soluções são apropriadas pelos mais diversos espaços e instâncias (TRIGUEIRO, 2017). Apesar de não se tratar do jornalismo de soluções, André Trigueiro traz no programa alguns critérios deste modelo de jornalismo.

A última característica do jornalismo de soluções é a necessidade de fazer o tensionamento sobre as limitações e falhas da solução “sempre com o objetivo de deixar o leitor mais bem informado sobre aquele tema” (SIMÕES, 2022, p.108). O autor defende que é nesse momento, ao ouvir quem critique ou desconfie da resolução, que o jornalismo de soluções se diferencia de uma assessoria de comunicação.

A SJN em seu Kit de Ferramentas Básicas (2021) ressalta que algumas outras características não devem ser confundidas com o jornalismo de soluções. São elas: 1) **culto ao herói**, quando as histórias celebram ou glorificam um indivíduo às custas de explicar a ideia que ele exemplifica; 2) **solução milagrosa**, quando alguma tecnologia ou equipamento é visto como um “salva-vidas”. Podem aparecer em reportagens sobre tecnologia e inovação e geralmente são atreladas ao dinheiro como solução milagrosa; 3) **o favor para o amigo**, quando não mostra certezas, ou seja, condições para o sucesso, e soa como uma matéria de Relações Públicas ligeiramente camuflada; 4) **o laboratório de ideias** se refere ao jornalismo que propõe coisas que ainda não existem; 5) **o ativismo instantâneo** são histórias que oferecem um apelo emocional e depois pedem apoio financeiro para uma causa específica, como um meio de “resolver” o problema; 6) **a reflexão tardia**, quando é apresentado um problema e no final da história é apontada superficialmente o esforço para resolvê-lo. Nesse caso, a solução não é tratada com seriedade, mas lançada como uma reflexão tardia e 7) **o reconfortante**, são histórias positivas superficiais. Mostram iniciativas peculiares e não problematizam questões estruturais. Geralmente são histórias de superação. Um exemplo hipotético: um estudante de

baixa renda que precisa conciliar estudos e trabalho e não tem acesso à internet. Ele passa no vestibular de uma Universidade após estudar um ano em uma praça com wi-fi público. Nesse caso, a história exalta a superação, a vitória improvável ao invés de problematizar questões estruturais de desigualdade socioeconômica.

Como dito, o jornalismo de soluções apresenta algumas características específicas. Bansal e Martin (2015) organizam em seu trabalho uma relatoria para ajudar jornalistas do mundo inteiro a entenderem e praticarem o jornalismo de soluções, seja em redações ou de forma independente. São elas: 1) concentra-se profundamente na resposta a um problema social; 2) examina como a resposta funciona com detalhes significativos; 3) concentra-se na eficácia, não nas boas intenções, apresentando evidências, disponíveis dos resultados; 4) oferece não apenas inspiração, mas *insights* que outros podem usar; 5) discute o que não está funcionando na abordagem. Nem sempre uma produção apresentará todos esses critérios. Para fazer jornalismo de soluções é importante que se tenham pelo menos 3 dessas características listadas pela organização. Mas, “os leitores que recebem todos os cinco componentes se sentem mais positivos sobre o assunto” (MURRAY e STROUD, 2019, p. 02).

No mesmo trabalho, Bansal e Martin (2015), sugerem dez perguntas que devem ser feitas ao escrever ou produzir uma história voltada para soluções.

1) **A história explica as causas de um problema social?** Uma solução deve ser explicada no contexto do problema que está tentando resolver. Documentar as causas desse problema esclarecerá a oportunidade de uma solução para criar alavancagem e impacto. 2) **A história apresenta uma resposta associada a esse problema?** O teste decisivo: se a história não descreve uma resposta, não é jornalismo de soluções. 3) **A história aborda a solução de problemas e os detalhes de como fazer a implementação?** Uma grande história de soluções investiga as instruções de resolução de problemas, investigando questões como: quais modelos estão tendo sucesso melhorando um resultado educacional e como eles realmente funcionam? 4) **O processo de resolução de problemas é central para a narrativa?** O jornalismo de soluções, como todo o jornalismo, é sobre contar grandes histórias. Deve incluir personagens lutando com desafios, experimentando, tendo sucesso, falhando, aprendendo. Mas a narrativa é movida pela resolução de problemas e a tensão situa-se na dificuldade inerente à resolução de um problema. 5) **A história apresenta evidências de resultados ligados à resposta?** O jornalismo de soluções trata de ideias – mas, como todo bom jornalismo, a determinação do que funciona (ou não) é apoiada, sempre que possível, por evidências sólidas. Para ideias em estágio inicial, onde a única “evidência” pode ser as afirmações de observadores confiáveis, a chave é não exagerar. 6) **A história explica as limitações da resposta?** Não existe solução perfeita para um problema social. Cada resposta tem ressalvas, limitações e riscos. O jornalismo de boas soluções não foge da imperfeição. 7) **A história transmite uma visão ou lição ensinável?** O que torna o jornalismo de soluções atraente é a descoberta – a jornada que leva o leitor ou espectador a uma visão sobre como o mundo funciona e, talvez, como ele poderia ser feito para funcionar melhor. 8) **A história evita ser lida como um pedaço de sopro?** O jornalismo de soluções não é expressamente sobre a defesa de determinados modelos, organizações e ideias. Os jornalistas que buscam histórias de soluções estão trazendo seu discernimento para

explorar ideias e métodos, não para avançar em uma agenda ou fazer as pessoas se sentirem bem. 9) **A história baseia-se em fontes que têm uma compreensão do nível do solo, não apenas uma experiência de 30.000 pés?** O jornalismo de soluções ganha vida quando se baseia em insights práticos de pessoas que trabalham nas trincheiras, que conhecem as realidades locais e os detalhes da implementação. 10) **A história dá mais atenção à resposta do que a um líder/inovador/bem-feitor?** Vemos uma clara distinção entre jornalismo de soluções e o que costuma ser chamado de “boas notícias”. As histórias de “boas notícias” tendem a celebrar indivíduos e atos inspiradores. O jornalismo de soluções é sobre ideias, como as pessoas estão tentando fazê-las funcionar e seus efeitos observáveis. (BANSAL e MARTIN 2015, P. 5-6).

A partir destes questionamentos prévios do “The solutions journalism tool kit”, Farias e Belém (2021), sintetizam e propõem uma nova sequência de perguntas com adaptações. Para facilitar o entendimento e a identificação da presença do jornalismo de soluções em matérias analisadas, as autoras constroem a tabela com 11 respostas objetivas.

Quadro 1 - Como identificar se é ou não jornalismo de soluções?

Como identificar se é ou não jornalismo de soluções? (SIM/NÃO)
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. A história apresenta e explica as causas de um problema?</li> <li>2. A história apresenta uma ou mais respostas associada a esse problema?</li> <li>3. A história explica o funcionamento da resposta?</li> <li>4. A história explica como fazer a implementação da resposta?</li> <li>5. A resolução do problema é central na narrativa?</li> <li>6. A história apresenta personagens que estão vivenciando o problema ou as respostas?</li> <li>7. A história traz evidências dos resultados?</li> <li>8. A história apresenta as limitações da resposta?</li> <li>9. A história traz uma lição de ensinamento ou algo que pode ser replicado?</li> <li>10. As fontes possuem um entendimento sobre o assunto abordado?</li> <li>11. A história dá mais atenção à resposta do que há um líder/inovador/benfeitor?</li> </ol>

Fonte: FARIAS e BELÉM (2021)

Simões (2022, p. 106) argumenta que o jornalismo de soluções deve “fugir do relato exclusivo de fontes oficiais e dos mesmos especialistas” para enriquecer a reportagem com diversidade de vozes e focando nos beneficiados pela resposta buscada. O autor também ressalta que o “como” é a informação mais importante para o formato.

A seguir neste capítulo, propomos uma discussão sobre as principais características do jornalismo de soluções.

## 2.1 RESPOSTAS DEVEM SER O FOCO DA NOTÍCIA

Como dito anteriormente, o jornalismo de soluções é norteado pela resposta. A solução deve guiar o texto, mas não necessariamente deve aparecer antes de tudo. Se existir uma

justificativa, como a necessidade de grande contextualização para maior entendimento da problemática, a resposta pode aparecer mais tarde na estrutura textual. O jornalismo de soluções também precisa ir além de apenas revelar uma resposta. Deve mostrar como ela foi implementada e quais os caminhos para ser replicada. Por isso o “como” deve ser mais importante do que outras informações do *lead*<sup>14</sup>. A audiência é convidada a participar e replicar uma iniciativa de sucesso.

O jornalismo de soluções busca inspiração em outras vertentes jornalísticas – que serão apresentadas no próximo capítulo – que têm em seus modos de fazer jornalismo a fuga do papel tradicional desempenhado pelas fontes nas matéria. São acionados outros agentes para falarem e assumirem funções de protagonismo no relato. Para Simões (2022) o jornalismo de soluções deve fugir das fontes oficiais e dos mesmos especialistas de sempre. Bansal e Martin (2015) vão ao encontro disso quando dizem que a narrativa voltada para respostas deve ouvir quem está nas “trincheiras” e que conhece o local e os detalhes da solução implementada.

### 2.1.1 As fontes de informação

Para classificar as fontes de informações neste trabalho, vamos utilizar a Matriz das Fontes (SCHMITZ, 2011), um modelo de definição que considera a pluralidade de atores sociais que “o jornalista utiliza com o propósito de reforçar ou confirmar a verdade no relato dos fatos” (SCHMITZ, 2011, p. 06). O autor ressalta que a diversidade de fontes exige uma classificação que represente sua força, uma vez que cada uma delas age de formas diferentes e detêm qualidade diferentes. Antes de apresentar o modelo, passamos para uma breve contextualização do caminho percorrido pelo autor até chegar na proposta final.

Em seu trabalho, Aldo Antônio Schmitz disserta sobre outras teorias de fontes de informação, tais como dos promotores de notícias (MOLOTCH e LESTER, 1974) que colocam sua intencionalidade de promover certas ocorrências à categoria de notícias ou quando tentam impedir; os definidores primários e secundários (HALL et al, 1978), modelo que propõe pouca autonomia dos jornalistas. Também é olhada para outras hipóteses teóricas como a denominação de Gans (1980) em fontes institucionais, oficiosas, provisórias, passivas, ativas, conhecidas e desconhecidas:

---

<sup>14</sup> O *lead* responde às perguntas essenciais para contar uma história de maneira resumida. “O jornalismo usa o termo para resumir a função do primeiro parágrafo: introduzir o leitor no texto e prender sua atenção. Há dois tipos básicos de lead: o noticioso, que responde às questões principais em torno de um fato (o quê, quem, quando, como, onde, por quê), e o não-factual, que lança mão de outros recursos para chamar a atenção do leitor” (FOLHA DE S. PAULO, 2023)

Para o autor, as fontes não são idênticas nem apresentam igual importância, mas tentam informar o que mais lhes convém e sob o ângulo pretendido; enquanto os jornalistas, conforme a seção e especialização, cultivam laços mais ou menos fortes na relação e buscam as informações sob ângulos alternativos que, às vezes, as fontes pretendem esconder (SCHMITZ, 2011, p. 03).

Já Pinto (2000) apresenta a tipificação das fontes segundo alguns critérios. São eles: natureza (pessoais ou documentais), origem (pública ou privada), duração (esporádicas ou permanentes), âmbito geográfico (locais, nacionais ou internacionais), grau de envolvimento nos fatos (primárias ou secundárias), atitude face ao jornalista (ativa ou passiva), identificação (explicitadas ou confidenciais) e segundo a metodologia ou estratégia de atuação (proativas ou reativas). Schmitz (2011) ressalta que o modelo mostra a complexidade da relação entre fonte e jornalista.

Na classificação de Lage (2001), são apontadas a natureza das fontes mais ou menos confiáveis. Oficiais são aquelas que representam uma instituição com algum poder de Estado; oficiosas aquelas que não têm autorização para falar em nome de uma organização ou personalidade e independentes são organizações não governamentais. Lage (2001) ainda define a perspectiva de relação direta ou indireta para os fatos, são as fontes primárias e secundárias, respectivamente. Por fim, o autor indica as testemunhas que presenciam os fatos e os experts, que são os especialistas que ajudam o jornalista interpretar os acontecimentos.

Por fim, Schmitz (2011) referencia a teoria das fontes de Chaparro (2009) que classifica os sete tipos de fontes em: organizadas; informais; aliadas; de aferição; de referência; documentais e bibliográficas.

A fonte “organizada”, além da representatividade (qualquer organização, grupo ou pessoa), age proativamente, “com competência”. Denomina de “informal” a fonte “individual”, embora essa nem sempre aja na “informalidade”, como artista, esportista, profissional liberal etc., que nesse caso torna-se “organizada”. Também apresenta sobreposições entre fontes de “aferição” e de “referência”, bem como “documentais” e “bibliográficas”. Seu esquema fixa-se na representatividade e dentro dela tenta aduzir as ações e qualificações mais evidentes. Aponta apenas uma qualificação, “aliada”, no sentido de “fonte confiável”, embora nem todas apresentem este atributo (SCHMITZ, 2011, p. 04-05).

Agora sim apresentamos a Matriz da tipificação das fontes das notícias (SCHMITZ, 2011).

Quadro 2 - Matriz da tipificação das fontes de notícias

Categoria	Grupo	Ação	Crédito	Qualificação
Primária	Oficial	Proativa	Identificada	Confiável
Secundária	Empresarial	Ativa	Sigilosa	Fidedigna
	Institucional	Passiva		Duvidosa

Individual            Reativa  
 Testemunhal  
 Especializada  
 Referência

Fonte: SCHMITZ, 2011

O autor divide as fontes em cinco tipos de classificações: categoria, grupo, ação, crédito e qualificação. Nesta monografia, vamos utilizar apenas o segundo tipo, que diz respeito a qual grupo cada uma das fontes pertence. São elas: oficial, empresarial, institucional, individual, testemunhal, especializada ou referência.

#### 2.1.1.1 Oficial

Essa categoria se refere a alguém que tenha uma “função ou cargo público que se pronuncia por órgãos mantidos pelo Estado e preservam os poderes constituídos (executivo, legislativo e judiciário), bem como organizações agregadas (juntas comerciais, cartórios de ofício, companhias públicas etc.)” (SCHMITZ, 2011, p. 09). As fontes oficiais aparecem majoritariamente na mídia tradicional, pois detém informações de interesse público. Mas o autor ressalta que por vezes elas podem “falsear a realidade”. Na teoria, o jornalismo de soluções deve usá-las menos do que outros grupos.

#### 2.1.1.2 Empresarial

São os representantes de corporações empresariais da indústria, comércio, serviços ou do agronegócio. Por vezes, o interesse comercial destas fontes se sobressai, confundindo-se notícias como propaganda.

#### 2.1.1.3 Institucional

É considerado uma fonte institucional aquela que representa uma organização sem fins lucrativos ou grupo social. Lage (2001) afirma que embora ela seja considerada espontânea e sem interesses, as informações fornecidas pela fonte institucional devem ser colocadas sob suspeitas já que elas ostentam “uma fé cega naquilo que defendem”. Ela vê os meios de comunicação como parceiros para sensibilizar ou mobilizar a sociedade e o poder público sobre a importância de uma causa social ou política.

#### 2.1.1.4 Individual

Como o próprio nome já diz, a fonte individual é aquela que se auto representa, podendo ser “uma personalidade política, cultural, artística ou um profissional liberal, desde que não fale por uma organização ou grupo social” (SCHMITZ, 2011, p. 11). Para Chaparro (2009), essa fonte também é denominada de “informal” já que ela humaniza a narrativa. Essa fonte pode ser identificada em três momentos: vítima, cidadão reivindicador ou testemunha (CHARAUDEAU 2009 apud SCHMITZ, 2011). A primeira, como vítima, é de interesse do público por despertar a imagem de sofredor, injustiçado ou pela falta de graça do destino. Vale ressaltar que o jornalismo de soluções busca fugir desse tipo de imagem de um cidadão. Já o cidadão que reivindica seus direitos através da mídia é mais aceitável no modelo de jornalismo guiado por soluções. O terceiro e último momento em que a fonte individual aparece é como testemunha de um fato e “utilizada para contextualizar uma informação na vida cotidiana” (SCHMITZ, 2011, p. 11). Por vezes, a fonte individual pode ser, na verdade, uma fonte testemunhal, sobre a qual iremos falar a seguir.

#### 2.1.1.5 Testemunhal

Funciona como um alibi para a imprensa, já que representa aquilo que viu ou ouviu, seja como participante ou como observadora. Relata exatamente o que viu ou viveu. Carrega a imagem de “portadora da verdade” já que está envolvida direta ou indiretamente com um fato. É muito pouco provável que essa fonte utilize uma “estratégia de ocultamento, pois é considerada completamente ingênua” (CHARAUDEAU, 2009, p. 53 apud SCHMITZ, 2011, p. 11). Já Lage (2001) afirma que quanto mais recente for o fato presenciado, maior é a credibilidade da fonte testemunhal, por conta da memória a curto prazo.

#### 2.1.1.6 Especializada

Essa fonte é acionada pela sua capacidade de analisar possíveis consequências de determinadas ações ou acontecimentos. Geralmente, a fonte é uma pessoa com notório saber específico ou uma organização detentora de um conhecimento reconhecido. Quando o jornalista não sabe sobre o assunto, “recorre ao especialista para estabelecer conexões e analisar a complexidade do tema a ser noticiado, busca informações secundárias ou complementares, notadamente em situação de risco ou conflito, na cobertura de temas complexos ou confusos e no jornalismo científico” (SCHMITZ, 2011, p. 11).

O autor ressalta que essa fonte é considerada fidedigna e traz credibilidade a informação jornalística por representar uma instituição conceituada ou pela sua neutralidade diante dos

fatos. Por vezes, os especialistas tem dificuldades de serem breves e claros por conta do elevado grau de especialização. Cabe ao jornalista interpretar e comunicar de forma compreensível e acessível.

#### 2.1.1.7 Referência

Fontes de referência são documentos, bibliografias ou mídia em que o jornalista faz consultas durante o processo de apuração. É o que muitas vezes fundamenta os conteúdos jornalísticos e enriquece a narrativa. São boas fontes de referência confiáveis livros, artigos, teses e outras produções científicas, tecnológicas e culturais. Outras como jornais, revistas, audiovisuais e as redes sociais, portais, sites, blogs também servem como possíveis fontes de consultas embora precisem de checagem mais cuidadosa.

## 2.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS PROBLEMAS

A segunda característica do jornalismo de soluções diz respeito à contextualização social, política, econômica e, quando necessária, histórica do problema. Afinal, é preciso entender por que a alternativa apresentada na narrativa é importante. Para além de apenas noticiar, o jornalismo precisa contextualizar e aprofundar. Reginato (2019) concebe que a primeira das doze finalidades do jornalismo é informar de modo qualificado. Para a autora isso significa “fornecer para a sociedade a síntese dos principais acontecimentos, garantindo o acesso de diferentes públicos a essa informação. Para ser qualificada a informação deve ser: verificada, relevante, contextualizada, plural e envolvente” (REGINATO, 2019, p. 224). É responsabilidade do jornalista avançar e inserir o assunto abordado em um contexto familiar ao público.

Dines (2009), argumenta que contextualizar é uma maneira de engrandecer a informação. Para isso, devem-se seguir alguns elementos: “dimensão comparada, remissão ao passado, interligação com outros fatos, incorporação do fato a uma tendência e a sua projeção para o futuro (DINES, 2009, p. 108). Canavilhas (2015) afirma que, no contexto da internet, em que as informações circulam muito mais rápido do que antes, o jornalista tem um papel ainda mais importante. Além de selecionar fontes para a produção de notícias, o profissional deve buscar a contextualização com outras fontes escolhidas. “Nesse aspecto, o trabalho do jornalista hoje em dia é mais necessário e mais exigente. Mais exigente porque há mais fontes e porque é preciso trabalhar mais rapidamente. E há o trabalho de curadoria das informações, mas depois é preciso contextualizar e explicar” (CANAVILHAS, 2015, p. 221).

Davis Merrit (2019), um dos fundadores do Jornalismo Civil, uma corrente norte-americana do jornalismo, enfatiza que o ato de apenas reportar as notícias é “negar a realidade humana, mas também rejeitar qualquer responsabilidade pelas consequências de como eles [jornalistas] fazem seu trabalho” (MERRIT, 2019, p. 129). Para ele, a contextualização de uma informação é imprescindível no jornalismo. Já Kovach e Rosenstiel (2004) destacam que a contextualização não é apenas acrescentar interpretações ou análises na reportagem. “Após checar se a informação é confiável, o jornalista deve ordená-la de forma que o leitor possa entendê-la” (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004 apud REGINATO, 2019, p. 102).

### 2.3 EXPLICAÇÃO DA SOLUÇÃO

Além de apresentar a resposta, o jornalismo de soluções deve explicá-la, examinando como ela funciona. A riqueza de detalhes significa também maior qualidade na produção. “A principal inovação é a mudança na forma de observar a realidade e abordá-la para explicar como soluções foram implementadas e estão em desenvolvimento melhorando a vida de centenas, milhares ou até milhões de pessoas” (SIMÕES, 2022, p. 105).

A apuração é uma das ferramentas mais valiosas para os profissionais da área. Qualquer produto jornalístico precisa ter passado por uma apuração. Quanto mais apurado, melhor a qualidade do conteúdo apresentado. No jornalismo de soluções isso não é diferente. A investigação precisa é essencial para encontrar respostas já que “são bem mais difíceis de visualizar do que os problemas, que saltam aos olhos de todos” (SIMÕES, 2022, p. 106).

O “como” é a informação mais importante no jornalismo de soluções. Por isso, o jornalista deve consultar fontes diretamente envolvidas com a implementação da ação que está sendo mostrada. Eles poderão indicar quais foram as etapas, quais são as falhas e até mesmo sugerir melhorias, tudo de maneira detalhada de modo fidedigno. O fio condutor da narrativa deve ser o planejamento, implementação e êxito da solução.

### 2.4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DA EFICÁCIA

O jornalismo de soluções deve apresentar os resultados para justificar a eficácia da resolução apresentada. Como já diria o ditado popular, “de boas intenções o mundo está cheio”, por isso cabe ao jornalista apurar, filtrar e investigar quais são as iniciativas que estão dando certo e já apresentam resultados. “Ao se apropriar de padrões de qualidade da produção jornalística tradicional, o jornalismo de soluções desenvolve reportagens aprofundadas sobre como e por que as soluções estão funcionando” (SIMÕES, 2022, p. 94). Thier (2016, p. 330)

afirma que o jornalismo de soluções consegue reformular “as abordagens jornalísticas tradicionais para reportar problemas sociais à medida que busca envolver os leitores, oferecer um plano de mudança e alterar o tom do discurso público”.

O jornalismo de soluções pode pautar uma ideia em fase inicial e que ainda não foi implementada, desde que ela tenha sido pensada a partir de dados, estatísticas ou exemplos de outras localidades. Nesse caso, o jornalista deve contar a história e seguir acompanhando os desdobramentos da solução mesmo que ela fracasse.

Mais do que apenas humanizar a narrativa, o jornalismo de soluções se propõe a ouvir quem está na linha de frente. São esses personagens que legitimam a resolução e mostram na prática como ela mudou suas vidas. Essas fontes são muito mais importantes do que as vozes oficiais. Um líder comunitário que organiza uma horta coletiva deve ter mais espaço do que o prefeito da cidade onde a história é contada, a menos que o político tenha um papel fundamental para implementação e manutenção da solução.

## 2.5 APRESENTAR AS LIMITAÇÕES DA RESPOSTA

Não existe solução milagrosa para um problema, principalmente se esse for estrutural. Existem iniciativas que buscam conter dificuldades e melhorar a vida de comunidades. Toda solução tem um ponto fraco. Seja algo que não esteja funcionando ou uma consequência paralela. Por vezes, a limitação da solução é que ela falha ou é limitada a um certo período de tempo, por exemplo.

Apontar para as limitações é importante para indicar novos caminhos possíveis. Nem sempre as limitações vão aparecer de forma imediata e no momento da produção da reportagem. Elas podem ser exploradas até mesmo por um especialista que pode apontar para pontos não observados por quem implementou a solução. Ao ouvir quem critique ou desconfie da resposta, o jornalismo de soluções se diferencia de uma assessoria de comunicação e mantém a pluralidade de vozes (SIMÕES, 2022).

## 2.6 GERAR INSIGHTS

A nona finalidade do jornalismo<sup>15</sup>, segundo Reginato (2019), é integrar e mobilizar as pessoas, estimulando a participação cívica na vida pública. A autora afirma que o jornalismo

---

<sup>15</sup> As 12 finalidades do jornalismo de acordo com Reginato (2019) são: 1) Informar de modo qualificado; 2) Investigar; 3) Verificar a veracidade das informações; 4) Interpretar e analisar a realidade; 5) Fazer a mediação entre os fatos e o leitor; 6) Selecionar o que é relevante; 7) Registrar a história e construir memória; 8) Ajudar a

deve mobilizar o público em torno de causas cidadãs. Estudos realizados por Wolf (2001) mostram que, mais do que motivar o debate público, as notícias devem ser um ponto de partida para uma ação pública que resulte em resoluções das histórias contadas. Nesse sentido, Tocqueville (2000) afirma que é papel do jornalismo fornecer recursos para que um grande número de pessoas executem, de maneira coletiva, ações que seriam inviáveis se fossem tentadas individualmente. “O jornal é necessário para estimular uma ação, pois de nenhum outro modo pessoas que nunca se encontraram, espalhadas em larga escala, poderiam dar passos comuns” (TOCQUEVILLE, 2000 apud REGINATO, 2019, p. 54).

O estímulo do engajamento e da mobilização pública também aparece em Beltrão (1960). Para o autor, as ideias propagadas pelos meios de comunicação permitem que o cidadão tome uma decisão e aja. Deste modo, “ao fornecer dados objetivos que aclaram a opinião pública, permite à comunidade agir com discernimento na busca do progresso, da paz e da ordem justa” (BELTRÃO, 1980a apud REGINATO, 2019, p. 55).

Nesse sentido, a necessidade de gerar insights sempre esteve presente no jornalismo ao longo da história. O jornalismo de soluções carrega essa função em sua essência. Pensar em alternativas coletivas que envolvam a participação do público e melhorem a vida de comunidades é fundamental para essa vertente do jornalismo. Mostrar a possibilidade e o valor do engajamento coletivo está no alicerce do jornalismo de soluções. A participação na vida pública por parte das pessoas vai muito além da mobilização partidária e, embora uma coisa não impeça a outra, cabe ao jornalismo de soluções dar visibilidade a histórias que envolvam resoluções que poderiam ser adaptadas e replicadas em outros locais.

---

entender o mundo contemporâneo; 9) Integrar e mobilizar as pessoas; 10) Defender o cidadão; 11) Fiscalizar o poder e fortalecer a democracia e 12) Esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade.

### 3. COMO CHEGAMOS ATÉ O JORNALISMO DE SOLUÇÕES?

O jornalismo de soluções e suas características principais são inspiradas em outras correntes do jornalismo que o precedem. Ao longo dos anos, muitas iniciativas buscaram quebrar a lógica do jornalismo tradicional. A seguir, apresentamos cada uma dessas vertentes que serviram como base para o jornalismo de soluções e, posteriormente, discorreremos sobre as crises atuais do jornalismo que, embora seja uma discussão de outra ordem, pode também ser citada como um fator de desenvolvido do jornalismo de soluções.

#### 3.1 VERTENTES QUE SERVIRAM DE BASE

##### 3.1.1 Jornalismo para a paz

O jornalismo para a paz – ou jornalismo de paz – surge em um contexto de pós-guerras mundiais com o objetivo de buscar uma epistemologia da paz (FELTRIN, 2018) na década de 1970. Essa corrente faz parte de um movimento amplo interdisciplinar e multicultural nomeado *Peace Studies* que passou a “envolver temas como a justiça, a equidade, o bem-estar, os direitos econômicos e sociais e, em alguns casos, o afeto, a solidariedade e outras formas de resolução pacífica dos conflitos” (LOPEZ BECERRA, 2000, p. 02 apud FELTRIN, 2018, p. 04).

O sociólogo Johan Galtung é considerado a referência do jornalismo para a paz. Em seus estudos, ele defende que essa modalidade seria uma oposição ao que ele chamou de “jornalismo de guerra”, praticado pela mídia tradicional na época. Através do *Peace Studies*, o autor buscava o desenvolvimento de “iniciativas empenhadas em conceder respostas às interrogações sobre as causas que desencadeiam ações violentas, bem como apresentar propostas que incidam sobre a sua superação, para fazer valer os preceitos de uma cultura de paz” (FELTRIN, 2018, p. 05).

Loose (2019) aciona Cabral e Salhani (2017) para argumentar sobre as escolhas humanizadas da vertente:

As escolhas feitas pelo jornalismo para a paz buscam a humanização e o entendimento, uma vez que dá voz a todas as partes, é orientado para as pessoas e para a cultura de paz em vez de somente reportar a violência direta. As coberturas devem ser equilibradas e atenção deve ser dada a todas as etapas do que se propõe a narrar: o antes (o que levou àquela situação), o durante (o que deve ser feito para transformá-la) e o depois (legado: quais são as consequências e estratégias de prevenção) (CABRAL; SALHANI, 2017 apud LOOSE, 2019, p. 93).

Além de noticiar acontecimentos, o jornalismo de paz busca a contextualização aprofundada, promovendo análises e interpretações dos fatos. A proposta se diferencia do

modelo tradicional ancorado na objetividade e se aproxima da subjetividade do jornalista, que consegue ultrapassar as barreiras impostas pelo mercado (FELTRIN, 2018).

A variedade de assuntos também é uma das características que moldam essa vertente. Dov Shinar (2008) considera que o enquadramento voltado ao jornalismo para a paz melhora a representação midiática, a construção da realidade e da consciência crítica e, por isso, “a proposta deste tipo de jornalismo é promover uma ampliação dos assuntos que aborda, de modo a explorar os antecedentes e contextos da formação de conflitos, tendo como finalidade tornar transparentes as fontes da mídia, os processos e os efeitos” (FELTRIN, 2018, p. 09). Loose (2019, p. 94) ainda contribui afirmando que além da contextualização, essa modalidade é pensada e feita “a partir do sofrimento de todos que perpassam o conflito (e não apenas as elites) e das soluções a fim de prevenir outras guerras (e não retratar somente a vitória)”.

Para Annabel McGoldrick e Jake Lynch (2000, p. 5 apud FELTRIN, 2018), o jornalismo para a paz apresenta um novo caminho para as coberturas, permitindo que os jornalistas se conectem com as fontes, as histórias e as consequências das reportagens. A busca por indivíduos que estejam “fora do circuito oficial, além das institucionais, que sempre se pronunciam em situação de confronto” (BORGES, 2021, p. 39) é sempre priorizada para garantir maior diversidade e quebrar o padrão do jornalismo tradicional.

Cabral e Salhani (2017) ressaltam que o enfoque na paz não significa que não se falará sobre o conflito, pelo contrário, deve-se mostrar o horror, contextualizar, mas também mostrar que há quem lute pelo cessar do combate. Ou seja, o jornalismo deve fazer o papel de denunciar e fiscalizar, mas também deve mostrar onde estão as soluções do problema. O jornalismo para a paz e o jornalismo de soluções apresentam algumas semelhanças, principalmente no que diz respeito ao olhar para os pontos positivos, mostrando o que está dando certo para resolver uma problemática.

### **3.1.2 Comunitarismo**

A corrente teórica do comunitarismo surge no final do século XX para se opor às teorias liberais da época. O comunitarismo “tem como pano de fundo a complexa relação entre direitos individuais e soberania popular” (TAVARES, 2004, p. 37) operando em uma lógica coletiva em detrimento do indivíduo. A corrente defende que todo cidadão faz parte de uma comunidade e é marcado pelas raízes históricas e os valores culturais desta comunidade. A concepção presente em teorias liberais de que indivíduo abstrato, autônomo e racional, isolado de qualquer influência sociocultural são completamente desconsideradas no comunitarismo.

O Estado tem papel fundamental no comunitarismo. Os autores da teoria afirmam que ele “deve ser responsável por promover uma existência digna e uma boa vida a todos os indivíduos” (WALZER; 1998; TAYLER, 1993 apud PAIVA, 2012), de modo que todos tenham direito a participação política na comunidade.

Souza (2017, p. 47) afirma que o “objetivo da teoria comunitarista é construir a verdadeira cidadania ao estimular a participação política crescente do cidadão”. É através da valorização do espaço público, onde o cidadão pode praticar sua cidadania, que se exerce a liberdade (TAVARES, 2014, p. 38 apud SOUZA, 2017, p. 47)

Os primeiros jornalistas a incorporarem a ideologia comunitarista, fizeram após “detectar uma apatia política, o declínio da função social diante da preponderância do lucro e a perda crescente de leitores, efeito de um afastamento do jornalismo do público e das comunidades” (SOUZA, 2017, p. 47). A partir da década de 1980 surge o movimento do jornalismo cívico como contraposição ao modelo tradicional.

### 3.1.3 Jornalismo cívico

Centrado nas pessoas como cidadãos e não como meros espectadores, o jornalismo cívico (por vezes chamado de comunitário ou público) busca “uma melhor discussão pública e, quiçá, envolvimento para resolução de problemas” (LOOSE, 2019, p. 94). A corrente ganhou força em um período em que a crise no jornalismo ficou mais aguda nos Estados Unidos, entre as décadas de 1980 e 1990:

Uma onda de desconfiança atingiu os meios de comunicação norte-americanos. Os primeiros reflexos detectados foram a queda na leitura de jornais e o baixo índice de confiabilidade nos veículos informativos [...] O público já não identificava nos meios de comunicação a função de servir à sociedade ou de reportar notícias de interesse coletivo (BARROS, 2009, p. 7 apud SOUZA, 2017, p. 47).

Jornalistas em descontentamento com a cobertura superficial da mídia tradicional, principalmente em assuntos que envolviam política e eleições, fortaleceram essa corrente como uma forma de resposta às perdas de audiência dos meios de comunicação.

Entre os principais objetivos do movimento, Borges (2021) destaca a necessidade de aproximar o cidadão do centro do debate público, identificando quais são as necessidades da comunidade, pautar em reportagens os problemas sociais de maneira aprofundada e, por fim, facilitar o acesso dos cidadãos a candidatos políticos a cargos públicos para que esses respondam os questionamentos da comunidade, de modo que a cobertura não seja mais pautada nas fontes oficiais.

Traquina (2015) associa a criação dessa corrente às ideias do jornalista Davis Merritt:

O jornalismo cívico que Merritt defende envolve as seguintes mudanças: 1) ir para além da missão de dar as notícias para uma missão mais ampla de ajudar a melhorar a vida pública; 2) deixar para trás a noção do “observador desprendido” e assumir o papel de “participante justo”; 3) preocupar-se menos com as separações adequadas e mais com as ligações adequadas; 4) conceber o público não como consumidores mas como atores na vida democrática, tornando assim prioritário para o jornalismo estabelecer ligações com os cidadãos (TRAQUINA, 2015, p. 299).

As pautas no jornalismo cívico também são pensadas de forma não tradicional. Lima e Mota (2014) defendem que o desinteresse da população pela vida pública também é de responsabilidade dos jornalistas, “seja pelo recorrente uso do sensacionalismo, pela ênfase no entretenimento ou pela veiculação de informações que não contribuem para um processo reflexivo dos leitores/espectadores/receptores” (LIMA; MOTA, 2014, p. 31). Nesse caso, os autores afirmam que “o jornalismo cívico opta pela abordagem de assuntos que estimulem a reflexão e ação dos cidadãos em prol da vida cívica” (Idem).

Como já foi dito, o envolvimento do cidadão nas decisões públicas é a principal característica do jornalismo cívico. O alicerce da vertente está na promoção da cidadania dos indivíduos. Conforme Loose (2019), o modelo sofre críticas de quem pratica o jornalismo tradicional, supostamente imparcial. “Apesar deste jornalismo engajado tomar partido, é preciso entender que é um jornalismo posicionado a favor da vida, do bem-estar coletivo, do interesse público” (LOOSE, 2019, p. 94).

A aproximação com o público representou, ao mesmo tempo, um afastamento da mídia tradicional e da dita objetividade (SOUZA, 2017). Para os adeptos do jornalismo cívico “a objetividade é na verdade um obstáculo que impede o jornalismo de desempenhar um papel mais construtivo na vida pública” (WENZEL; GERSON; MORENO, 2016).

Apesar de algumas diferenças, o jornalismo cívico e o jornalismo de soluções possuem em comum algumas características. A principal delas é apresentar alternativas para os problemas sociais. A participação do jornalista na resolução da questão também é um ponto. O profissional deve estar engajado e deve engajar também o cidadão. Souza (2017) esclarece que “o jornalismo cívico é mais abrangente por não apresentar características tão específicas tal qual o jornalismo de soluções. Entretanto, [...] poderia resultar no mesmo estilo de reportagem que o jornalismo de soluções busca promover e vice-e-versa” (SOUZA, 2017, p. 57).

A autora também estabelece outra distinção entre as duas modalidades de jornalismo. O jornalismo público busca a resposta para a crise no modelo de negócio financeiro dos

veículos de comunicação. A crítica está associada, principalmente, à busca excessiva pelo lucro, deixando de lado seu propósito social. Já o jornalismo de soluções se ancora “em uma cobertura parcial, resultado do enviesamento pessimista – entre outros fatores – da cultura jornalística” (SOUZA, 2017, p. 51). Apesar dessas diferenças, ambos caminham na mesma direção, em busca de respostas às dificuldades de uma comunidade.

### 3.1.4 Jornalismo construtivo

O jornalismo construtivo surge como uma corrente emergente de jornalismo que envolve a inclusão e a aplicação de técnicas da psicologia positiva na produção jornalística. Ele é motivado pela necessidade de contar histórias mais produtivas e que envolvam o público sem deixar de ser fiel às funções centrais do jornalismo (MCINTYRE, 2015).

Alguns autores consideram o jornalismo de soluções como uma vertente do jornalismo construtivo. A apresentação de respostas realmente é um dos focos do jornalismo construtivo, porém, segundo McIntyre (2015), as duas modalidades se diferenciam nas “intenções, métodos, treinamento e compromisso, que se refletem em todas as partes do processo de notícias, desde a geração da história até a coleta e produção de notícias” (MCINTYRE, 2015, p. 10, apud BORGES, 2021, p. 33). A autora argumenta que nem toda reportagem construtiva precisa apresentar uma solução na narrativa, mas toda reportagem voltada para soluções se enquadra em uma produção construtiva. Após analisar os sites Solutions Journalism Network e da Constructive Journalism Project<sup>16</sup>, duas referências nos assuntos, Aitamurto e Varma (2018) consideram as vertentes como sinônimos pela proximidade.

Para Sillesen (2014), a grande diferença entre os dois está na maneira de produzir notícias. O jornalismo de soluções, para o autor, está mais preocupado em gerar conhecimento, mostrando como estão sendo desenvolvidos trabalhos que tentam resolver problemas, de um jeito que consiga-se entender como o mundo funciona verdadeiramente. A positividade na notícia aparece de maneira natural pela narrativa já que o jornalismo de soluções surge como uma forma de ruptura ao cenário do pessimismo, oferecendo uma visão do mundo com mais representatividade (SOUZA, 2017). Já no jornalismo construtivo, a intenção é produzir notícias positivas por conta da reação que estas provocam no público. McIntyre, Dahmen e Abdenour (2016) dizem que o jornalismo construtivo busca o bem-estar social com base na psicologia positiva, promovendo o desenvolvimento da audiência.

---

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://constructiveinstitute.org/why/>>. Acesso em 25 set. 2023.

Souza (2017) sustenta que fazer a diferenciação entre as duas modalidades é muito difícil por conta da necessidade de uma definição acadêmica mais rigorosa para o jornalismo construtivo. Ela afirma que a versão construtiva do jornalismo “tem por objetivo equilibrar a assustadora negatividade do jornalismo que afasta as pessoas, através da publicação de notícias positivas, a partir de uma perspectiva focada na solução para os problemas enfrentados pela sociedade” (*IBIDEM*, p. 59). A *Constructive Journalism Project* define como “reportagens atraentes e rigorosas que incluem elementos positivos e orientados para soluções a fim de empoderar as audiências e apresentar uma imagem completa da verdade, enquanto mantém as principais funções e a ética jornalísticas”<sup>17</sup>.

A autora ressalta que há uma tênue diferença entre os dois. No jornalismo construtivo, o estímulo de engajamento e o empoderamento do público é feito de maneira proposital, diferente do jornalismo de soluções que tem o engajamento do público e o estímulo para agir como uma consequência positiva, “sendo o objetivo principal entregar um jornalismo de qualidade a partir de reportagens mais fidedignas à realidade” (SOUZA, 2017, p. 60).

Para Loose (2019, p. 95), o jornalismo de soluções não é “pautado apenas no aspecto positivo, nas histórias que deram certo, mas nas tentativas (fracassadas ou exitosas) de se lidar com problemas”. Fazendo um paralelo com o jornalismo ambiental e as mudanças climáticas, a autora destaca que a modalidade não nega o problema, mas promove a contextualização para evitar o sentimento de um túnel sem saída ou o fim da linha. Utilizamos como exemplo o assunto do trabalho da autora como um bom exemplo de jornalismo de soluções quando ela afirma que “avança-se para a discussão do enfrentamento das Mudanças Climáticas por meio da mitigação” (*IBIDEM*, p. 96).

### 3.1.5 Modelo tradicional em crise

A partir daqui, tratamos de uma contextualização de outra ordem que não visa a identificar as correntes antecessoras ao jornalismo de soluções e que foram inspiração para que este modelo se consolidasse. Dissertamos sobre a crise atual do jornalismo.

Todo jornalista ou estudante já escutou que o jornalismo está em crise. A palavra crise é quase onipresente para os profissionais da área. Sim, de fato, o jornalismo vive uma crise, mas isso não é algo novo e surpreendente. Esse contexto de crise no jornalismo não pode ser

---

<sup>17</sup> Original em inglês: “We define constructive journalism as rigorous, compelling reporting that includes positive and solution-focused elements in order to empower audiences and present a fuller picture of truth, while upholding journalism’s core functions and ethics.”

explicado de maneira simplista, associando a um único fenômeno ou acontecimento. O jornalismo está em crise há décadas. Oliveira, Pastl e Garcia (2021, p. 01) sintetizam isso em uma frase: “a história do jornalismo é marcada por crises”. Crises, essas, que se materializam, principalmente, nas dificuldades financeiras, identificadas através da “queda das tiragens dos jornais, a pulverização da audiência e a perda da credibilidade e interesse” do público (CHRISTOFOLETTI, 2019, p. 14). Não temos a intenção e nem pretendemos apontar o jornalismo de soluções como a resposta para superar a crise no jornalismo. Mas, por outro lado, o jornalismo de soluções se mostra como uma ferramenta potencial para repensar o jornalismo como um todo. Souza (2017) constata que o jornalismo de soluções potencializa as chances de dirimir ou amenizar a crise que atinge as redações. “A cobertura do jornalismo de soluções é capaz de cumprir as funções historicamente atribuídas ao jornalismo e aponta um caminho possível para retomar o engajamento do público” (SOUZA, 2017, p. 5).

A concepção do jornalismo como produto de uma empresa com fins lucrativos e comerciais começa no século 19. Embora antes disso, no século 18, já existissem negócios que utilizavam o jornalismo dessa forma, “os jornais eram sobretudo armas na luta política estreitamente identificados com causas políticas” (TRAQUINA, 2005, p. 34) na revolução francesa, por exemplo. Souza (2017) disserta que o “primeiro jornalismo” (MARCONDES, 2000) era utilizado por agentes políticos, críticos e cientistas, e predominou entre 1789 e 1930 com características ideológicas em detrimento de fins econômicos. No entanto, a partir da década de 1930, o jornalismo passa a ser visto como um possível negócio de lucro para empresas jornalísticas, com jornais se tornando produtos e os esforços passam a ser voltados para a expansão da sua circulação, de modo que aumente a rentabilidade financeira (PENA, 2007). Depois disso, donos de jornais passaram a investir em modernidade para potencializar a produtividade e aumentar a escala de venda. Contudo, para cobrir o capital investido, empresas precisaram procurar alternativas para ampliar os lucros, uma vez que “o fato de que uma máquina [prensa] tão impressionante não poderia ser utilizada sem um gasto financeiro considerável, e que os custos mal poderiam ser cobertos com o produto da venda” (JAENICK, 1972, p. 172 apud MARCONDES, 2000, p. 22). A solução encontrada foi a disponibilização e veiculação de publicidade nas páginas dos jornais, lado a lado com informações e notícias.

Sob essa perspectiva comercial, o jornal passa a ser uma mercadoria e, conseqüentemente, se depara com interesses comerciais, indo de encontro com os valores do jornalismo e o interesse público. Souza (2017, p. 19) cita uma fala do sociólogo Max Weber, de 1910, para definir essa forma de financiamento:

[...] a imprensa é necessariamente uma empresa capitalista e privada e que, ao mesmo tempo, ocupa uma posição totalmente peculiar, já que, ao contrário de qualquer outra empresa, tem dois tipos completamente diferentes de “clientes”: os primeiros são os compradores do jornal [...]; os outros são os anunciantes (WEBER, 2006, p. 37, apud SOUZA, 2017, p. 19).

A dependência desse tipo de financiamento obrigou o jornalismo a ampliar seu público leitor para atrair mais e mais investimento publicitário. Esse modelo, ancorado na lógica comercial, transformou a notícia em um produto trabalhado que atenda às demandas impostas de consumidores e não mais leitores. “A audácia e a criatividade jornalística perdem terreno em relação ao conformismo e à repetitividade mercadológica” (MARCONDES, 2000, p. 32-33).

A partir disso, a transformação de um acontecimento em notícia não era baseada na sua importância, mas sim, no quão surpreendente ele poderia ser, argumenta o sociólogo Robert Park (2008). Os jornais passam a ser produtos com conteúdos capazes de entreter, emocionar e, claro, surpreender o leitor. Houve um empobrecimento de assuntos que direcionavam o público para a “formação cívica do indivíduo e a emergência de um jornalismo focado na atração do público leitor a partir de manchetes sensacionalistas e utilitárias que pouco contribuíam para o cumprimento da função social que legitimou a atividade” (SOUZA, 2017, p. 21).

Nesse momento, o jornalismo caminha em direção a centralidade voltada ao factual, com uma cobertura limitada aos fatos e acontecimentos apenas, separando informação e opinião (NEVEU, 2005, p. 17). De certa forma, sem deixar de considerar as modificações da sociedade e da própria profissão, esses valores ainda estão presentes em redações sob a ótica do discurso da objetividade e imparcialidade no jornalismo. Traquina (2005, p. 52) escreve que o esforço para manter o relato dos fatos separado da interpretação e opinião, tentava transformar o jornalismo em uma “máquina fotográfica da realidade”, criando uma falsa sensação de um “espelho da realidade”, o que resultou na Teoria do Espelho que, como o próprio nome já diz, defende que o “jornalista é um mediador desinteressado, cuja missão é observar a realidade e emitir um relato equilibrado e honesto sobre suas observações” (PENA, 2007, p. 125-126). A Teoria do Espelho já foi refutada por outras propostas teóricas.

Segundo Park (2008), essa passou a ser uma orientação que guiou os profissionais da área, criando-se, assim, uma cultura de produção descontinuada sem qualquer incentivo para a interpretação dos eventos relatados e, sobretudo, sem uma crítica contextual (SOUZA, 2017).

As informações são “independentes e podem ser compreendidas facilmente e rapidamente” (PARK, 2008, p. 60).

O padrão de objetividade no jornalismo se intensificou mais ainda a partir do século 19 com a invenção do telégrafo, uma tecnologia que possibilitou o aumento da velocidade de transmissão da informação. Passou-se a valorizar a atualidade como um dos princípios do jornalismo. Notícias em primeira mão e, se possível, com exclusividade viraram uma obsessão para as redações e jornalistas que se viram obrigados a, cada vez mais, informar com rapidez. Souza (2017) salienta que a premissa do favorecimento de noticiamento do factual com exclusividade de conteúdos está intrinsecamente ligado à inexistência de contextualização e aprofundamento. Assim, a velocidade de apuração e transmissão da informação é maior, de modo que “tornar-se-á um marco fundamental da identidade jornalística” (TRAQUINA, 2005, p. 38), o que se perpetua até hoje nas redações.

Como dito anteriormente, a crise no jornalismo se materializa principalmente nos aspectos econômicos. O surgimento da internet potencializou tanto o acesso à informação como também barateou os custos de produção e distribuição de conteúdos. “As novas fontes de informação, o acesso facilitado a elas e a possibilidade de produção de conteúdo por qualquer cidadão levaram ao questionamento, no primeiro momento, da justificativa social do jornalismo” (OLIVEIRA, PASTL e GARCIA, 2021, p. 03). O jornalista não detém mais a informação e o que antes funcionava como um sistema fechado e restrito, agora “torna-se passível de críticas e intervenções de qualquer cidadão” (IBIDEM, p. 03).

O modelo jornalístico calcado no duplo financiamento se mostrou frágil, já que agora há mais opções de hospedagem de anúncios publicitários. Isto é, não só aumentou a concorrência pela atenção do leitor, como também pelas empresas que procuram os melhores lugares para investir em propaganda. Com menos dinheiro, consequentemente, em uma lógica exclusivamente comercial, há menos dinheiro para investir em jornalismo.

Para compensar as perdas financeiras, grande parte dos conglomerados midiáticos decidiram que a alternativa mais viável para sair da crise seria enxugar redações e demitir profissionais, sobrecarregando quem permanecesse com o discurso de “fazer mais com menos”. Christofolletti (2019) usa a metáfora de um barco afundando para explicar isso:

Diferente de outras indústrias, a jornalística – quando fareja dificuldades – não se põe a remar mais rápido e forte, mas fica à deriva, tentando se livrar do que considera ser peso morto na embarcação. Pior: faz os cortes na carne do jornalismo em nome da racionalidade administrativa, de resultados contábeis imediatos. A curto prazo pode até funcionar, mas a estratégia não pode ser de longo alcance porque corrói

rapidamente a qualidade dos produtos e serviços [...] é um indesejável e às vezes irreversível processo de erosão (CHRISTOFOLETTI, 2019, p. 46).

Mas a internet não é a causa da crise. Ela é apenas mais um dos grandes fatores que complexifica as crises no jornalismo. A necessidade de fazer cada vez mais com menos tempo com o intuito de aumentar o lucro dos empresários, desencadeia na perda de qualidade das produções jornalísticas. “O foco dos empresários estritamente nos lucros, no entanto, deixou-os míopes para a importância de investir na qualidade da atividade por trás dos números, e de pensar nos resultados contábeis em longo prazo e não de maneira imediata” (SOUZA, 2017, p. 39). Engana-se quem acha que com menos investimentos o resultado seria menos informação. De uma maneira bem simples, Christofolletti (2019, p. 37-38), esclarece que os cortes nas redações afetaram, afetam na verdade, “menos a quantidade das informações e mais a diversidade e pluralidade de assuntos, fontes e versões”.

Nessa lógica de menos tempo de produção e apuração, aliados à necessidade de aumentar a produtividade e com recursos escassos, resultou na priorização de informações fornecidas por fontes oficiais por conta da praticidade (ENTMAN, 1989, apud SOUZA, 2017). O jornalismo acaba reproduzindo a versão oficial dos fatos através de releases e comunicados de assessorias de imprensa. Se por um lado, supostamente ganham os setores contábeis a curto prazo, por outro perde – e muito – a função social do jornalismo. Os profissionais são pautados, majoritariamente, pelo poder público, deixando de lado a participação popular nas matérias. Importante ressaltar que a problemática não está na utilização de informações advindas de agentes governamentais, mas sim, utilizar de forma preferencial sobre a ótica da objetividade e da velocidade de produção.

Para Christofolletti (2019), além do surgimento de plataformas como o Youtube e as mídias sociais, a crise no jornalismo está associada também à crescente queda de confiança na mídia e os questionamentos sobre as funções do jornalismo nas democracias atuais. O afastamento do público é um dos fatores que aumentou a desconfiança dos leitores. “Deste modo, o jornalismo comprometeu igualmente a sua função social de atuar enquanto elo entre a opinião pública e o Estado” (SOUZA, 2017, p. 41). Nesse sentido, Oliveira, Pastl e Garcia (2021, p. 02) reforçam que a crise também está, principalmente, na perda de credibilidade “compreendida a partir da ideia de que há uma relação entre o que o leitor percebe e o que já sabe sobre o que deveria ser o jornalismo e dele espera”.

O jornalismo centrado, quase completamente, em discursos factuais resultou na fragmentação de notícias e na falta de aprofundamento, o que caracterizou “uma ausência de

um fio condutor lógico e de uma contextualização capaz de conceder sentido para os acontecimentos” (MARCONDES, 1989, apud SOUZA, 2017, p. 41). A autora ainda argumenta que, com a internet, abriu-se uma brecha para indivíduos com formação especializada e facilidade comunicacional ofertarem conteúdos com qualidade superior ao oferecido pelos jornalistas. Reforçamos essa ideia com o que diz Christofolletti (2019, p. 17):

A deterioração das métricas contábeis preocupa, mas há mais motivos para perder o sono: a redução do interesse no noticiário, a migração das audiências, o aumento da desconfiança na mídia, o crescente distanciamento do público e a busca por alternativas no consumo de informação e entretenimento.

Se por um lado as crises acompanham o jornalismo desde os seus primórdios, por outro, ao longo das décadas o modelo de negócio tradicional do jornalismo foi sendo tensionado e problematizado, de modo que pensou-se em alternativas para o fazer jornalístico. O jornalismo de soluções, tema principal deste trabalho, é inspirado em algumas dessas vertentes já apresentadas neste capítulo.

### 3.2 UMA ALTERNATIVA À CRISE?

Assim como outras vertentes nascem para buscar uma alternativa ao modelo tradicional, alicerçado na lógica comercial, o jornalismo de soluções emerge como uma proposta de explorar outras maneiras de fazer jornalismo. A crise que antes já preocupava, tornou-se mais aguda nos últimos anos.

No cenário atual, notícias com viés positivo, voltadas para história com soluções para problemas sociais, podem ser um convite para que leitores e espectadores cansados voltem a consumir o jornalismo. Os estudos de recepção feitos por Jackson (2016, p. 18) apontaram que “os participantes geralmente consideram as notícias positivas como “histórias substanciais” centradas em respostas positivas para os problemas, a fim de aprender como as questões estão sendo tratadas”.

O jornalismo de soluções se propõe a apontar para alternativas de problemas estruturais, com foco no “como”. A audiência é convidada para fazer parte desse processo. O professor Fernando Firmino da Silva, durante o prefácio do livro *Jornalismo de Soluções* (2022, p. 10), reflete sobre a prática estar ganhando força no país e afirma que “o jornalismo de soluções pode ser a própria solução para a reinvenção do jornalismo em crise”.

Fazer o jornalismo de soluções vai além de apenas reportar cases que geram notícias positivas. Ele busca, através de pesquisa e apuração aprofundada, apresentar resoluções de

problemas que possam servir de exemplo em outros locais e situações. Antônio Simões (2022) argumenta que o jornalismo de soluções não deve substituir notícias que apresentam os problemas da sociedade ou que denunciem abusos. Isto é, o jornalismo não deve deixar de ser um fiscalizador e agente de denúncia. Mas, essa modalidade deve estar presente no noticiário, junto com outras produções tradicionais. Uma reportagem que fale de um homicídio, por exemplo, deve sim ser apresentada, mas de maneira contextualizada e, se possível, sucedida por um mapeamento de possível (s) solução (s) para diminuir o número de mortos naquela localidade.

Existe quase que um consenso no jornalismo sobre o interesse do público leitor – e aqui não me refiro ao interesse público – por notícias com viés negativo. Lima (2019, p. 04) sinaliza que o jornalismo está em um “desvio vicioso de se exagerar na cobertura de temas considerados negativos”. Diversas pesquisas apontam que, na maioria dos casos, o excesso de conteúdo enquadrado negativamente causam sentimentos de depressão, desânimo, apatia, sensação de impotência diante de um mundo visto como cruel, insensível, caótico e pode até distorcer a realidade (LIMA, 2019). O autor conclui que isso leva ao abandono do jornalismo pelo público.

Por dois anos, entre 2020 e 2022, o principal assunto dos noticiários mundiais foi a pandemia de coronavírus que afetou a todos de maneira direta. O jornalismo, assim como outros setores da sociedade, precisou se reconfigurar para lidar com um tema urgente. A imprevisibilidade da doença e letalidade presente nos índices de mortes causaram preocupação e medo. O jornalismo foi um dos atores sociais fundamentais para o enfrentamento da crise sanitária, política e econômica que se instaurou no Brasil. As informações constantes, 24 horas por dia e 7 dias por semana, ajudaram os cidadãos a se orientarem. Mas, a carga noticiosa com teor negativo durante todo esse tempo trouxe exaustão mental em muitas pessoas. Pesquisas de recepção demonstram que essas notícias negativas podem causar um efeito prejudicial:

Os entrevistados relacionaram o excesso de negatividade nas notícias como indutor de ansiedade. Os leitores experimentaram isso em vários graus, com a maioria falando sobre isso suavemente, referindo-se a isso como um “estado de alerta”, mas em alguns casos foi mais extremo. (JACKSON, 2016, p. 25).

Evidentemente, a cobertura jornalística da Covid-19 aconteceu em tom de alerta devido a seriedade do acontecimento. Também há de se levar em conta sobre as condições do trabalho jornalístico que, em muitos momentos, é precarizado com equipes enxugadas e *deadlines* curtos – por conta da crise financeira e outros motivos – dificultando que se olhasse de outra maneira para a cobertura. Simões (2022, p. 22) cita um estudo desenvolvido por Pablo

Boczkowski em 2021 que mostrou que reportagens que causam emoções fortemente negativas, foram decisivas para levar as pessoas a se afastar do consumo de noticiários durante o período.

Wenzel, Gerson e Moreno (2016) sustentam que o negativo nas notícias é uma forma de chamar atenção e fazerem as pessoas lembrarem dos acontecimentos. Porém, diante do excesso de notícias negativas, “os cidadãos se tornam céticos em relação ao problema e respondem negativamente” (SOUZA e CAMURÇA, 2020, p. 05), demonstrando que essa pode ser uma estratégia arriscada.

No campo jornalístico, existe, de fato, o pressuposto que “notícias boas são notícias ruins” (LOOSE, 2019), já estas prendem mais a atenção do público. Souza e Camurça (2020, p. 05) acrescentam que “existe um estímulo oculto para a negatividade”, em contrapartida ao que é necessário e positivo. Neste cenário, Loose (2019) enfatiza que não basta apenas que o jornalismo apresente histórias de sucesso, mas sim responda como é possível enfrentar determinado problema. Apresentar a solução ao invés de apenas apontar o problema vai promover o encorajamento e gerará mais envolvimento do público (Wenzel, Gerson e Moreno, 2016). Sobre o jornalismo de soluções:

O importante não é apresentar cases de sucesso ou respostas rápidas de eficácia comprovada, mas focar em como sair dessa situação, no avanço das soluções. Não é um jornalismo pautado apenas no aspecto positivo, nas histórias que deram certo, mas nas tentativas (fracassadas ou exitosas) de se lidar com problemas. (LOOSE, 2019, p. 95-96).

É importante ressaltar que o papel fiscalizador do jornalismo, de apontar os problemas, denunciar e fiscalizar autoridades, e abordar assuntos indigestos não está sendo questionado. Pelo contrário, o jornalismo precisa e deve continuar fazendo isso. Mas, o fato é que:

O excesso e a vulgarização é que são o problema. E por quê? Porque só a exposição dos aspectos negativos é insuficiente, raramente contribui para a transformação na qual o jornalista e o veículo bem-intencionados apostam. Porque o público [...] não se contenta com a abordagem que se limita a denunciar um escândalo ou a expor um problema que parece sem solução. O público quer matérias que mostrem soluções, mesmo que – e preferencialmente – a narrativa tenha uma parte que contempla os aspectos negativos (LIMA, 2019, p. 04).

Neste sentido, o jornalismo de soluções ainda conseguiria olhar para as finalidades do jornalismo tradicional. Não cabe aos repórteres criarem as resoluções, mas sim apresentá-las como resultado de apuração com fontes e pesquisa.

Para Christofolletti (2019, p. 43) não existe uma saída única para a crise no jornalismo, mas apresentar um produto que gere “prazer na experiência de consumo, adiciona novidades

ao conhecimento já acumulado e [...] apresenta uma satisfatória relação custo-benefício” são boas estratégias para enfrentar as crises. Neste caso, para Simões (2022, p. 50), o jornalismo de soluções pode “proporcionar o reencontro do público com o prazer de vislumbrar um futuro promissor, já que o relato que lhe chega vai além da simples exposição de um problema, pois apresenta respostas, baseadas em dados substanciais, para desafios sociais”, e dessa forma se credencia para atender as expectativas do público, principalmente de quem está cansado mentalmente.

#### 4. CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO EMPÍRICO E PASSOS METODOLÓGICOS

Neste trabalho, são analisadas 10 reportagens produzidas entre maio e junho de 2023 disponíveis na *tag* “Jornalismo de Soluções” presente no site de GZH do Grupo RBS. Como o próprio nome já explica, essa é a seção dedicada a reportagens guiadas pela resolução de problemas. Optamos por esse recorte de tempo porque se tratam das produções mais recentes até o início das análises do trabalho. Consideramos que o jornalismo de soluções, por se tratar de um método que foge do tradicional, pode ser difícil de ser aplicado. Mas a prática e a autorreflexão permitem que os profissionais aperfeiçoem a forma de produzir utilizando essa vertente. Portanto, presumimos que as matérias mais recentes de GZH são aquelas que apresentam maior potencial de se aproximar do ideal do jornalismo de soluções.

Metodologicamente, após a reflexão teórica este trabalho segue alguns passos a fim de cumprir cada um dos objetivos definidos.

Sistematizamos um protocolo de análise para aplicar nas matérias que compõem o *corpus* da pesquisa. Após aplicação do protocolo, mapeamos as características presentes e, então, parte-se para a análise das matérias para entender quais são os aspectos mais presentes e quais são os menos usados pelo jornal online. Por fim, após o resultado das análises, propomos uma reflexão sobre a estrutura textual, a contextualização, as explicações presentes, os resultados, as limitações e os insights.

##### 4.1 GZH E O JORNALISMO DE SOLUÇÕES

A GaúchaZH ou GZH foi lançada no dia 21 de setembro de 2017 como uma plataforma de jornalismo digital do Grupo RBS, e reúne conteúdos gerados pelo jornal impresso Zero Hora e pela Rádio Gaúcha. A plataforma também se dedica à produções exclusivamente digitais. Sua criação representou um novo marco na empresa, já que, a partir daquele momento, as redações do grupo passaram a ser integradas. Mesmo com a fusão dos modelos de jornalismo impresso e do rádiojornalismo, ambos continuaram existindo separadamente. “Tem-se, assim, um novo veículo - a plataforma GZH - que além de agregar conteúdos adaptados das outras duas marcas, tem também produções específicas para a plataforma” (TEIXEIRA, 2022, p. 57).

GZH é a primeira plataforma que une os dois formatos na web, registrado no Rio Grande do Sul. Em sua dissertação de mestrado Teixeira (2022) argumenta que o Grupo RBS além de se apresentar como maior grupo de comunicação do Estado, demonstra o potencial

para buscar alternativas e “se adaptar às novas formas de consumir conteúdo no contexto de convergência” (Idem).

Em 2023, a plataforma completou 6 anos. Esse marco foi comemorada pelo grupo em uma reportagem publicada na própria GZH<sup>18</sup> e na Zero Hora. Segundo a publicação, são mais de 108 mil assinantes digitais, um aumento de 125%, em relação ao ano de sua criação. O texto também informa que o site registra uma média de 31,8 milhões de visualizações de página por mês e o aplicativo de celular 28,5 milhões de visualizações mensais de tela. As produções são feitas por mais de 200 jornalistas e comunicadores. Em números de acesso são 11,7 milhões de usuários por mês.

Como dito anteriormente, desde 2020, o Grupo RBS se propõe a investir em jornalismo de soluções nas suas produções. O primeiro texto, publicado no jornal impresso Zero Hora de 9 de maio, é assinado por Marcelo Gonzatto e foi intitulado como “Plano gaúcho de distanciamento entra em vigor apontando caminho inédito na luta contra a covid-19 no país”. O jornalista explica no texto como será o funcionamento do plano de enfrentamento à Covid-19 proposta pelo governo do Estado. Na estrutura do texto há introdução do problema, além de explicar qual é a inspiração da solução. Deve-se destacar que, conforme anunciado na Carta da Editora, publicada um dia antes, todas as reportagens desse gênero estariam identificadas com um box com título “O que é jornalismo de soluções, presente nesta reportagem?”. A pergunta é respondida em seguida: “É uma prática jornalística que abre espaço para o debate de saídas para problemas relevantes, com diferentes visões e aprofundamento dos temas. A ideia é, mais do que apresentar o assunto, focar na resolução das questões, visando ao desenvolvimento da sociedade” (CARTA DA EDITORA, 2020).

Em entrevista para o IJNET (2020, s/p) Marta Gleich, Diretora-executiva de Jornalismo e Esporte do grupo, revelou que essa é uma estratégia que vinha sendo trabalhada desde antes da pandemia. Adotar uma abordagem mais construtiva do jornalismo foi a resposta para reafirmar a credibilidade e relevância do Grupo RBS.

Nesse contexto, GZH tem uma seção especial para reportagens guiadas por respostas para problemas. A tag “Jornalismo de Soluções” reúne as produções feitas pelos jornalistas do grupo em um único lugar. São matérias de diversas editorias voltadas para cidades do Rio Grande do Sul. O *corpus* de análise desse trabalho foi coletado dessa sessão. Entendemos que,

---

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2023/09/gzh-completa-seis-anos-levando-informacao-com-credibilidade-e-dando-voz-aos-gauchos-clmsfseiv00a5016719wr1jn3.html>>. Acesso em: jun de 2023.

por estarem dispostos nesse local, todas as matérias são definidas como jornalismo de soluções por GZH.

Figura 01 – Tag Jornalismo de Soluções



Fonte: GZH

#### 4.2 PROTOCOLO DE ANÁLISE

Utilizamos as características apresentadas por Bansal e Martin (2015), Farias e Belém (2021) e Simões (2022) para criar um protocolo de análise que foi aplicado em reportagens selecionadas para o *corpus* da pesquisa. Além de questões que dizem respeito às características do jornalismo de soluções, já apresentadas ao longo desta monografia, olhamos para outros fatores, como: quais são os problemas apresentados; de qual âmbito são (local, regional, nacional ou internacional); a natureza desses problemas (políticos, econômicos, ambientais e sociais); as soluções apresentadas são de problemas estruturais; quais são as fontes acionadas nas reportagens; e se a narrativa começa pela solução.

O protocolo está dividido em seis indicadores de análise principais. São eixos que consideramos importantes na narrativa voltada para soluções. Em cada um deles, propomos algumas perguntas que nos ajudam enxergar o quão perto o modelo de GZH está do considerado ideal para os autores.

As perguntas do protocolo serão respondidas em três possibilidades: sim, não ou em parte. Junto com as respostas objetivas, ampliamos e justificamos o motivo que nos levou a classificá-las de tal maneira.

Apresentamos a seguir o protocolo de análise e em seguida explicamos cada um dos indicadores. Depois discorremos sobre o *corpus* da pesquisa.

Quadro 3 - Protocolo de Análise

<b>Título da Matéria:</b>		
<b>Editoria:</b>		<b>Data:</b>
<b>INDICADORES</b>	<b>PERGUNTAS</b>	<b>CONSIDERAÇÕES SOBRE O ITEM</b>

ESTRUTURA TEXTUAL	A solução do problema é apresentada em primeiro lugar?	
	Que tipos de fontes utilizadas? Quais são?	<input type="checkbox"/> Oficial <input type="checkbox"/> Empresarial <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Individual <input type="checkbox"/> Testemunhal <input type="checkbox"/> Especializada <input type="checkbox"/> Referência
	A estrutura da reportagem está ancorada no “como” ao invés de outras perguntas do lead?	
CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA	A história apresenta e explica as causas de um problema?	
	São problemas de âmbito local, regional, nacional?	
	A história apresenta uma ou mais respostas associada a esse problema?	
	A história explica o funcionamento da resposta?	

EXPLICAÇÃO		
	As fontes possuem um entendimento sobre o assunto abordado?	
	As soluções remetem a problemas de que ordem? Políticos, econômicos, ambientais e sociais?	
	A história dá mais atenção à resposta do que há um líder/inovador/benfeitor?	
	As soluções são para problemas superficiais e gerenciais ou referem-se também a problemas estruturais?	
RESULTADOS/EFICÁCIA	A história apresenta personagens que estão vivenciando o problema ou as respostas?	
	A história traz evidências dos resultados?	
LIMITAÇÕES	A história apresenta as limitações da resposta?	

GERAR INSIGHTS	A história explica como fazer a implementação da resposta?	
-------------------	--	--

Fonte: elaboração própria

#### 4.3 INDICADOR “ESTRUTURA TEXTUAL”

O indicador “estrutura textual” busca entender quais escolhas são feitas na construção da matéria. Definimos três perguntas que o norteiam: “A solução do problema é apresentada em primeiro lugar?”; “A estrutura da reportagem está ancorada no “como” ao invés de outras perguntas do lead?” e “Que tipos de fontes utilizadas?”. O primeiro questionamento se refere ao momento que a resposta aparece na produção. O segundo reflete se isso realmente acontece nas reportagens. A terceira pergunta diz respeito as fontes de informação utilizadas nas produções. A classificação das fontes das matérias será a partir da Matriz das Fontes de Schmitz (2011).

#### 4.4 INDICADOR “CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA”

Nosso segundo indicador diz respeito à problemática que foi solucionada. Para entender como é apresentado a contextualização, definimos três perguntas neste indicador. Com a primeira questão “a história apresenta e explica as causas de um problema?”, buscamos entender se há explicação e como ele aparece na reportagem. Com o segundo questionamento, buscamos compreender de que âmbito são problemas: local, regional, nacional. Já no terceiro tópico “a história apresenta uma ou mais respostas associada a esse problema?”, olhamos para as soluções do problema, ou seja, se são apresentadas possíveis alternativas, independente do sucesso ou fracasso da tentativa.

#### 4.5 INDICADOR “EXPLICAÇÃO”

Nesse indicador buscamos investigar se a solução é apenas apresentada ou se é aprofundada. Elencamos cinco perguntas para fazer essa análise. “A história explica o funcionamento da resposta?” diz respeito ao funcionamento na prática. “As fontes possuem um entendimento sobre o assunto abordado?” revela a qualidade das fontes escolhidas e se

essas são justificáveis na narrativa. Na terceira pergunta, “as soluções remetem a problemas de que ordem? Políticos, econômicos, ambientais e sociais?”, buscamos definir de que área é o problema, podendo ser, inclusive, de mais de uma. Questionamos também se “a história dá mais atenção à resposta do que a um líder/inovador/benfeitor?”, já que o jornalismo de soluções deve acionar personagens que ajudem a explicar uma iniciativa positiva para um problema e não pessoalizar a solução. Em alguns casos há sim uma liderança ou figura que assume protagonismo na implementação da resposta, mas não cabe ao jornalismo de soluções colocá-la como elemento central na narrativa. Por fim, questionamos se “as soluções são destinadas a problemas superficiais e gerenciais ou referem-se também a problemas estruturais?” para entender a natureza histórica do problema e como a solução é apresentada. A resolução de problemas estruturais são muito mais complexas de resolver. Importante ressaltar que não cabe ao jornalismo de soluções apresentar a resposta definitiva para esses obstáculos estruturais, já que a resposta envolve muitos fatores. O jornalismo de soluções tem dever de apresentar iniciativas que buscam enfrentar os problemas, seja de forma parcial, completa ou até mesmo quando fracassam.

#### 4.6 INDICADOR “RESULTADOS/EFICÁCIA”

O jornalismo de soluções deve apresentar os resultados da resolução apresentada. Aqui elencamos duas perguntas: “A história apresenta personagens que estão vivenciando o problema ou as respostas?” e “A história traz evidências dos resultados?”. Na primeira, o objetivo é entender se personagens envolvidos de fato na solução são acionados na matéria. O jornalismo de soluções deve ouvir quem está na linha de frente. A segunda pergunta se refere a evidências. Seja em números através de estatísticas ou na prática com o relato de quem vivencia a realidade da comunidade. O fracasso, como dito anteriormente, também é um resultado.

#### 4.7 INDICADOR “LIMITAÇÕES”

Neste tópico buscamos entender quais são as limitações da solução apresentada. Por isso, elencamos uma pergunta: “a história apresenta as limitações da resposta?”. Toda solução tem um ponto fraco, basta olhar mais a fundo. O processo de apontar limitações é importante para aprimorar a resolução e servir de exemplo para outras comunidades.

#### 4.8 INDICADOR “GERAR INSIGHTS”

O último indicador do nosso protocolo se refere à necessidade de gerar insights para que o público leitor replique as respostas dentro da realidade de sua comunidade. Aqui é respondida a pergunta “a história explica como fazer a implementação da resposta?” que questiona sobre caminhos para que a solução seja replicada em outros lugares.

#### 4.9 CORPUS

A seguir fazemos uma breve apresentação das 10 matérias que compõem o *corpus* da pesquisa e que foram aplicadas no protocolo de análise. Do total, 3 reportagens de soluções pertencem à editoria “ambiente”, 3 são de “educação” e 2 de “saúde”. Ainda há 2 matérias que abrangem mais de um tema e, portanto, foram classificadas como “educação e trabalho”, uma vez e “educação e ambiente”, uma vez também.

As reportagens exploram cases de diferentes regiões ou do estado como um todo. Percebe-se que uma localidade aparece mais de uma vez em matérias produzidas pelo mesmo jornalista. Entendemos que, levando em conta a rotina produtiva do profissional, ao se deslocar para uma região, ele aproveita para produzir mais de um conteúdo. Sendo assim, 3 matérias são da região norte do estado, 2 da região noroeste, 1 é referente a histórias da região metropolitana de Porto Alegre e, por fim, 4 dizem respeito ao Rio Grande do Sul como um todo. Durante a etapa de exploração e coleta do *corpus*, percebemos que se ampliássemos o recorte de tempo encontraríamos reportagens de outras regiões também.

No que diz respeito à autoria das produções, as 10 matérias foram escritas por 7 jornalistas diferentes, todos para GZH. Alguns nomes aparecem repetidos no *corpus*, como de Vinicius Coimbra. Também destacamos os formatos presentes em cada uma das matérias. Além de texto escrito e de uma foto principal, outros elementos que foram encontrados: carrossel de fotos, vídeo curto com as principais informações em GC<sup>19</sup> ou narração e infográficos.

Outro elemento que está presente no corpo das reportagens é o “selo jornalismo de soluções”. GZH utiliza esse recurso para identificar que se trata de uma produção guiada por soluções. Na imagem 02 é possível ver um exemplo. O selo também traz uma definição prática do que é o jornalismo de soluções que ajuda o leitor entender sobre o assunto. Nem todas as matérias que estão na *tag* jornalismo de soluções possuem o selo, mas, para nossa análise, elas

---

<sup>19</sup> Gerador de caracteres ou GC são inserções de caracteres escritos sobre imagens. “Podem ser os nomes e as profissões dos entrevistados, tarjas com números citados numa reportagem ou a identificação de local” (BISTANE e BACELLAR, 2005).

foram consideradas jornalismo de soluções já que estão dispostas em uma seção especial para o assunto. Resumindo, a *tag* é utilizada para centralizar em um único lugar, organizando as matérias que utilizam o jornalismo de soluções de GZH. Já o selo, é utilizado como um elemento de contexto e explicação sobre o que é o jornalismo de soluções presente nas reportagens.

Figura 02 – Selo jornalismo de soluções

## O que é jornalismo de soluções, presente nessa reportagem?

É uma prática jornalística que abre espaço para o debate de saídas para problemas relevantes, com diferentes visões e aprofundamento dos temas. A ideia é, mais do que apresentar o assunto, focar na resolução das questões, visando ao desenvolvimento da sociedade.

Fonte: GZH

Para finalizar, apresentamos a seguir as matérias que compõem o *corpus* da pesquisa em um quadro.

Quadro 4 - *Corpus* da pesquisa

<b>Título</b>	<b>Editoria</b>	<b>Autor</b>	<b>Data</b>
Reduzir, reutilizar e reciclar: o caminho para minimizar o excesso de plástico no ambiente	Ambiente	Marcel Hartmann	30/06/2023
Da integração ao investimento na Defesa Civil: as soluções para o RS evitar novas tragédias climáticas	Ambiente	Vinicius Coimbra	23/06/2023
De carro de som a boca a boca: como municípios conseguiram superar meta de vacinação contra a gripe	Saúde	Vinicius Coimbra	12/06/2023
Equipamento utilizado em escolas municipais de Espumoso transforma resíduos orgânicos em gás de cozinha e adubo	Educação Ambiente	Matheus Moraes	12/06/2023
Conheça o kit de robótica 10 vezes mais barato do que o tradicional e que apoia escolas no ensino de ciência e tecnologia	Educação	Isabella Sander	02/06/2023

Como outras capitais podem inspirar Porto Alegre na prevenção a desastres naturais em áreas de risco	Ambiente	Caroline Tidra	19/05/2023
Convênio com universidade permite tratamento de fisioterapia a pacientes do SUS nas Missões	Saúde	Vinicius Coimbra	17/05/2023
Preservação de abelhas sem ferrão une universidades, produtores e alunos nas Missões	Educação Trabalho	Vinicius Coimbra	15/05/2023
Cinco projetos educacionais de Barcelona que podem servir de exemplo	Educação	Maria Eduarda Ely	14/05/2023
O que Passo Fundo pode aprender com Barcelona	Educação	Rebecca Mistura	12/05/2023

Fonte: elaboração própria

## 5. RESULTADOS DAS ANÁLISES

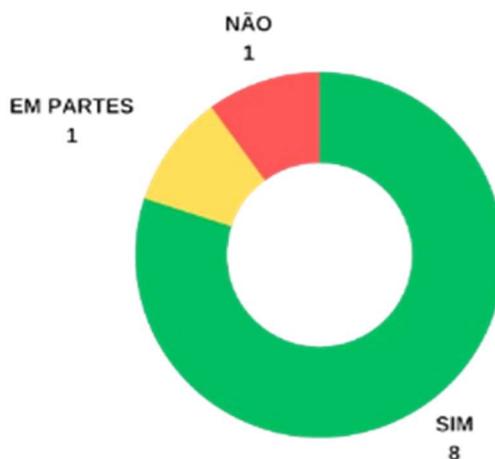
Após executar as etapas de coleta do *corpus* e aplicação do protocolo, passamos agora para a apresentação das análises feitas e o resultado encontrado em cada um dos indicadores.

### 5.1 INDICADOR “ESTRUTURA TEXTUAL”

Como dito anteriormente, neste indicador buscamos compreender quais os recursos utilizados para construir a reportagem. Foram elencadas três perguntas apresentadas previamente no capítulo 04.

Na primeira pergunta “a solução do problema é apresentada em primeiro lugar?”, analisamos como e quando a solução é apresentada na matéria. Pontuamos que, para fins de contextualização ou de forma estratégicas para manter o interesse do leitor, os autores, em alguns momentos, iniciaram o texto de outras formas, como por exemplo apresentando um dos cases, e não diretamente pela proposta de resolução. Mas por outro lado, entendemos que a solução não pode demorar muito para aparecer já que esse modelo de jornalismo foca na solução de um problema.

Gráfico 01 - A solução do problema é apresentada em primeiro lugar?



Fonte: elaboração própria.

Das 10 reportagens analisadas, 08 trouxeram a solução no início. Destaque para a matéria “*Equipamento utilizado em escolas municipais de Espumoso transforma resíduos orgânicos em gás de cozinha e adubo*” que inicia o texto com: “*Uma iniciativa do poder público [...] visa fomentar temas como a sustentabilidade e a conscientização com o meio*

*ambiente em escolas municipais da cidade [...] adquiriram oito biodigestores que transformam resíduos orgânicos em gás de cozinha e adubo para dez instituições de ensino Infantil e ensino Fundamental*". De maneira simples, o repórter Matheus Moraes vai direto ao ponto e fala do que vai se tratar a reportagem. Em seguida, vem o complemento falando sobre como esse investimento será usado na Cidade de Espumoso, na região norte do Estado: *"o biogás será utilizado para cozinhar a merenda dos estudantes. Já os biofertilizantes serão usados nas hortas das escolas."*

Outras matérias escolheram iniciar o texto com uma contextualização. É o caso da matéria *"Como outras capitais podem inspirar Porto Alegre na prevenção a desastres naturais em áreas de risco"*, que inicia falando que *"Algumas iniciativas no Brasil podem inspirar alternativas de prevenção, combate e soluções para as áreas de risco de Porto Alegre"*. A reportagem promete apresentar bons exemplos para a capital gaúcha e faz isso ao longo do texto. Mas antes de ampliar, ela contextualiza rapidamente o problema com dados oficiais e a fala de especialistas. Essa matéria, assinada por Caroline Tidra, faz parte de uma série de reportagens falando do assunto. A contextualização é importante aqui já que é um assunto complexo e estruturalmente problemático na sociedade. Trazer a explicação permite que o leitor se informe de modo qualificado (REGINATO, 2019).

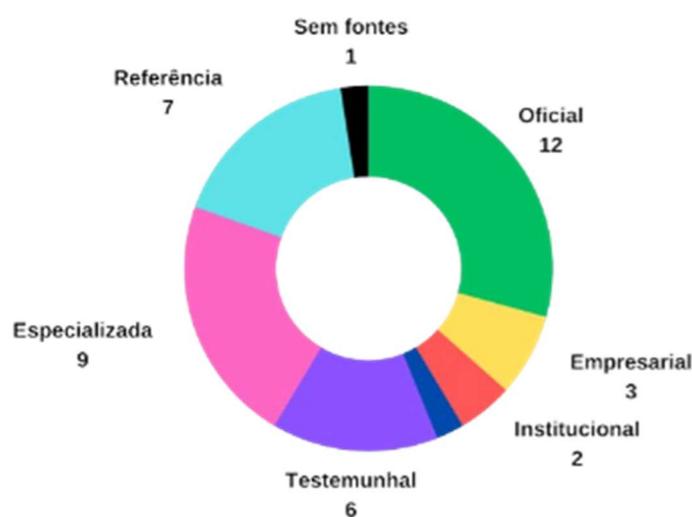
Consideramos esse um exemplo muito bom de jornalismo de soluções. Como dito por Simões (2022), a prática não deve substituir o modelo tradicional que aponta problemas e faz denúncias, mas deve vir acompanhado em uma série de reportagens como essa ou como um *suíte*. No texto é possível acessar as outras matérias da série, o que permite uma experiência completa para o leitor que consegue entender todas as faces de um problema social que atinge milhares de famílias no Rio Grande do Sul.

Passamos para a matéria denominada *"Preservação de abelhas sem ferrão em universidades, produtores e alunos nas Missões"*. Aqui o contexto está presente também, mas de forma muito maior. Apenas no 9º parágrafo o autor fala da iniciativa, antes disso apenas contextualização sobre abelhas, sua importância para a vida na terra e problematização sobre ação humana. Como dito, a contextualização é importante, porém, a iniciativa é o foco principal. O autor talvez devesse ter apresentado a proposta antes. Em nossas análises consideramos que a solução aparece "em partes" em primeiro lugar. Entendemos que a contextualização aqui é necessária pela complexidade do assunto e a necessidade de dados para justificar. No final das contas, toda contextualização justifica a importância da solução apresentada.

Por fim, definimos que apenas 01 texto não apresentou a solução logo. A matéria “*O que Passo Fundo pode aprender com Barcelona*” fala sobre a Missão Cidade Educadora que levou alunos de escolas de Passo Fundo para Barcelona para conhecerem iniciativas que tornam a cidade catalã como referência em Cidade Educadora no mundo. Entretanto não cita as iniciativas e nem como poderiam ser replicadas no município Gaúcho.

Na segunda pergunta do indicador “Que tipos de fontes utilizadas e quais são?”, buscamos entender o papel das fontes acionadas na reportagem. No jornalismo como um todo, é importante que se escutem todos os lados envolvidos. Mas, no jornalismo de soluções, a fuga do relato exclusivo de fontes oficiais é o que enriquece a narrativa, trazendo diversidade (SIMÕES, 2022). A presença das pessoas que vivenciam a solução traz credibilidade e detalha a realidade dos beneficiados – ou não – pela resposta. Farias e Belém (2020), de modo metafórico, enfatizam que é quem está nas trincheiras que realmente conhece a realidade local e os detalhes da implementação da solução.

Gráfico 02 - Que tipos de fontes utilizadas? Quais são?



Fonte: elaboração própria

Em nossa pesquisa, detectamos que as fontes oficiais e as fontes especializadas prevalecem na cobertura. A soma das duas chega a 52% das 40 fontes utilizadas por GZH em nosso *corpus*. As fontes testemunhais representam apenas 15% do total, aparecendo apenas 06 vezes. Destacamos a reportagem “*Conheça o kit de robótica 10 vezes mais barato do que o tradicional e que apoia escolas no ensino de ciência e tecnologia*”, da jornalista Isabella Sander, que aciona 04 fontes em seu texto, sendo uma delas do tipo empresarial e as outras 03 testemunhais. Consideramos esse um bom exemplo já que a repórter foge do tradicional e opta

por ouvir uma professora e dois estudantes que estão sendo beneficiados pela solução de maneira contrária ao relato exclusivo de fontes oficiais.

Fontes referenciais aparecem em 07 oportunidades. São pesquisas, estudos ou dados que trazem embasamento para a reportagem. Na reportagem “*Preservação de abelhas sem ferrão une universidades, produtores e alunos nas Missões*” essa tipificação de fonte aparece 03 vezes. Fontes empresariais aparecem 03 vezes, institucional 02, individual 01 e uma das reportagens não utiliza fontes.

A terceira e última pergunta deste indicador é “a estrutura da reportagem está ancorada no “como” ao invés de outras perguntas do lead?”. O jornalismo de soluções mais do que mostrar o que dá certo, precisa dizer como deu certo para que sirva de inspiração a outras comunidades. É preciso detalhar os pontos que fazem dessa alternativa uma referência de solução para um problema.

Gráfico 03 - A estrutura da reportagem está ancorada no “como” ao invés de outras perguntas do lead?



Fonte: elaboração própria

O “como” é o fio norteador da narrativa em 06 das 10 matérias analisadas. A matéria “*De carro de som a boca a boca como municípios conseguiram superar meta de vacinação contra a gripe*” é um bom exemplo para essa questão já que explica como os municípios referências na vacinação conseguiram bater as metas. São apresentadas ações e é conversando com quem pensou e executou essas estratégias. Trechos como “*As equipes de saúde também focaram nos avisos em redes sociais, em grupos de WhatsApp da cidade e em uma rádio local*”, permitem ao leitor ter uma dimensão da maneira como o trabalho foi executado na cidade.

Já a matéria “*Reduzir, reutilizar e reciclar: o caminho para minimizar o excesso de plástico no ambiente*”, apesar de apresentar uma boa solução com resultados comprovados, não aprofunda no funcionamento da cooperativa de reciclagem responsável pela ação. Aqui

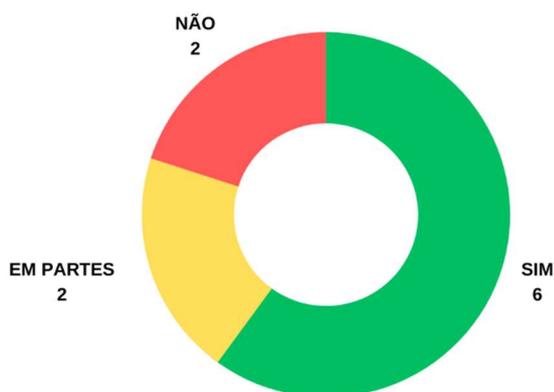
neste caso, prevalece o “o que” e o “por que”. O espaço destinado ao que deveria ser o principal elemento na reportagem foge da proposta de jornalismo de soluções. Apresenta os processos e o funcionamento muito rápido, não dando condições do leitor entender a resposta a fundo. Uma possível replicação da alternativa se torna mais difícil sem o detalhamento.

## 5.2 INDICADOR “CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA”

A partir do segundo indicador de análise, propomos entender como e se acontece a contextualização do problema. O jornalismo de soluções é focado na resposta, mas antes de tudo, é papel fundamental do jornalismo explicar e contextualizar. Para isso, definimos 03 perguntas.

Na primeira, “a história apresenta e explica as causas de um problema?”, o objetivo é entender de maneira objetiva se há ou não a explicação e como ela é apresentada na reportagem. Em nossas análises, identificamos que 6 matérias cumpriram essa função, 02 não e outras 02 em partes.

Gráfico 04 - A história apresenta e explica as causas de um problema?



Fonte: elaboração própria

A reportagem “*Da integração ao investimento na Defesa Civil: as soluções para o RS evitar novas tragédias climáticas*” é um bom exemplo de contextualização do problema, principalmente porque fala dele de forma estrutural. Inclusive, a apresentação do problema aqui é mais aprofundada do que a solução em si. O autor toca em pontos importantes como mudanças climáticas, falta de educação ambiental, baixo investimento em técnicas ambientais de escoamento de água e falta de recursos humanos e financeiros na defesa civil. No último tópico “*Problemas comuns identificados*” é apresentado o histórico de desastres no RS nos últimos anos, especialmente as inundações e enxurradas. Uma especialista é acionada para falar

sobre uma solução de melhorar a drenagem. Destacamos um trecho em que fala sobre a necessidade qualificar o acesso a informação e sobre a educação ambiental:

Para Venisse Schossler, doutora em Geociências e pesquisadora do Centro Polar e Climático da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), prevenir e mitigar efeitos dos eventos climáticos implica qualificar o acesso à informação. Segundo ela, em geral, a população tem conhecimento de que desastres podem ocorrer, em especial por meio de notícias da imprensa tradicional. O problema é o que se faz com os alertas [...] E educar sobre o tema é uma tarefa que demanda tempo. Isso porque, conforme a especialista da UFRGS, a disseminação de discursos anti-ciência – cita a negação das mudanças climáticas – fazem que a discussão de longo prazo fique à parte, pois cientistas da área, que alertam sobre eventos climáticos sejam, por vezes, desacreditados e não ouvidos no debate (GZH, 2023).

Outra matéria a se destacar é *“Como outras capitais podem inspirar Porto Alegre na prevenção a desastres naturais em áreas de risco”*, que apresenta a contextualização do problema através de um relatório da prefeitura que diz: *“as áreas de risco de Porto Alegre, que cresceram 19% nos últimos 10 anos”*. Atualmente, são 142, sendo 51 pontos classificados com o grau de risco *“muito alto”*. O problema é apresentado de forma rápida neste caso por que essa produção compõe uma série de reportagens sobre o assunto, sendo esta voltada para soluções. No corpo do texto há links que levam para as outras matérias. Apesar do texto em si não aprofundar a contextualização, ele oferece a opção do leitor acessar outros que fornecem mais detalhes.

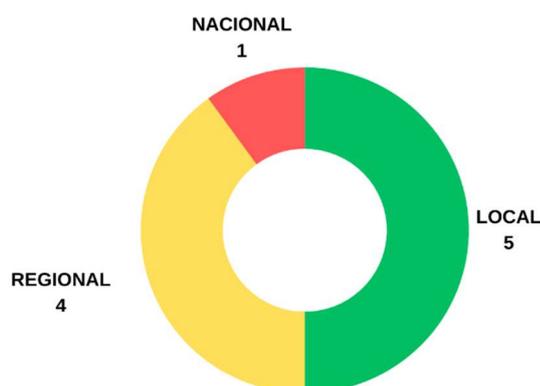
A reportagem *“Equipamento utilizado em escolas municipais de Espumoso transforma resíduos orgânicos em gás de cozinha e adubo”* é classificada como *“em partes”* para a apresentação do problema. Isso porque o próprio problema não é apresentado de maneira explícita. A iniciativa visa promover temas como a sustentabilidade e a conscientização com o meio ambiente nas escolas, gerando uma transformação sustentável. Os problemas seriam a poluição ambiental, a não cultura de reutilização de materiais e a não consciência sobre a importância do meio ambiente. Logo, são problemas estruturais. A solução aqui visa criar uma cultura sustentável com os estudantes ao mesmo tempo que vai trazer benefícios a curto prazo para as escolas, isto é, uma solução estrutural e gerencial.

As matérias *“Cinco projetos educacionais de Barcelona que podem servir de exemplo”* e *“O que Passo Fundo pode aprender com Barcelona”* são referentes à mesma pauta e falam sobre a Missão Cidade Educadora que levou alunos de escolas de Passo Fundo para Barcelona para conhecerem iniciativas que tornam a cidade catalã referência mundial como Cidade Educadora. Entretanto, não explica por que as iniciativas são boas propostas para Passo Fundo. Um dos subtítulos, por exemplo, é *“Mobilidade Urbana”*. Fala de maneira superficial que esse

é um bom exemplo de Barcelona, mas não avança na discussão do porquê seria importante reproduzir as soluções na cidade do norte Gaúcho.

Na nossa segunda pergunta do indicador “são problemas de âmbito local, regional, nacional?”, como o próprio nome já diz, gostaríamos de saber se são problemas de qual âmbito. Aqui nossa investigação buscou mapear e entender se as soluções são voltadas a problemáticas das cidades, do estado ou até do país. O jornalismo de soluções é uma forma de gerar engajamento do público mostrando como comunidades resolveram seus problemas através de ações próprias ou de setor público. Para isso, as propostas podem ser específicas de cada localidade ou até mesmo amplas, comuns em outros lugares. No primeiro caso, cabe à população adaptá-las para replicar. No segundo, basta entender como foi implementada e buscar reproduzir. Classificamos 05 reportagens como local, 04 como regional e 01 nacional.

Gráfico 05 - São problemas de âmbito local, regional, nacional?



Fonte: elaboração própria

Os problemas locais são os que mais aparecem. Como dito, muitas vezes são específicos do lugar onde a solução foi implementada, mas não deixa de ser uma possibilidade para inspirar outros locais. A reportagem “*Convênio com universidade permite tratamento de fisioterapia a pacientes do SUS nas Missões*” aborda a falta de atendimentos gratuitos para pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS). Não seria nenhum absurdo falar que esse é um obstáculo em outras cidades. Mas também não é uma regra de que em todo lugar é assim. A solução aqui passa por uma iniciativa simples e local também: mão de obra de universitários, em uma relação ganha-ganha entre pacientes, prefeitura, estudantes e a Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI).

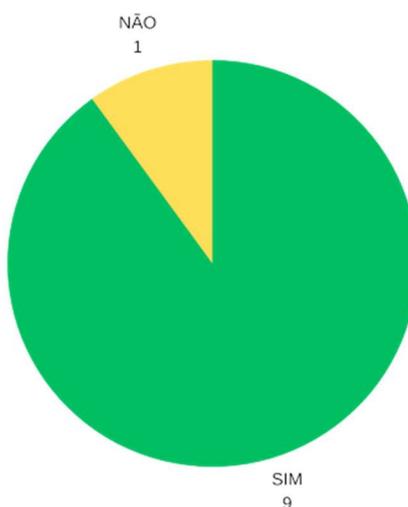
No âmbito regional são apresentados problemas comuns em todo o Estado. A matéria “*Preservação de abelhas sem ferrão une universidades, produtores e alunos nas Missões*”

apresenta uma solução local do norte do Rio Grande do Sul, mas que diz respeito a um problema de todo o Estado que é o cuidado de abelhas para preservação do meio ambiente.

Classificamos como um problema nacional, a matéria “*Reduzir, reutilizar e reciclar: o caminho para minimizar o excesso de plástico no ambiente*”, já que se trata de uma questão estrutural no Brasil. Apenas da solução ser de âmbito local, ela poderia ser inspirada em qualquer lugar. O autor do texto apresenta dados referentes ao país também: “*No Brasil, só 4% do lixo sólido é reciclado, segundo dados da International Solid Waste Association (ISWA)*”. Na cidade de Dois Irmãos, no Vale do Sinos, a média é de 20% de resíduos recicláveis.

Por fim, a terceira e última pergunta desse indicador é: “a história apresenta uma ou mais respostas associada a esse problema?”. Em 09 das 10 matérias a resposta é sim. Uma delas é não e, neste caso, não pode ser considerada como jornalismo de soluções.

Gráfico 06 - A história apresenta uma ou mais respostas associada a esse problema?



Fonte: elaboração própria

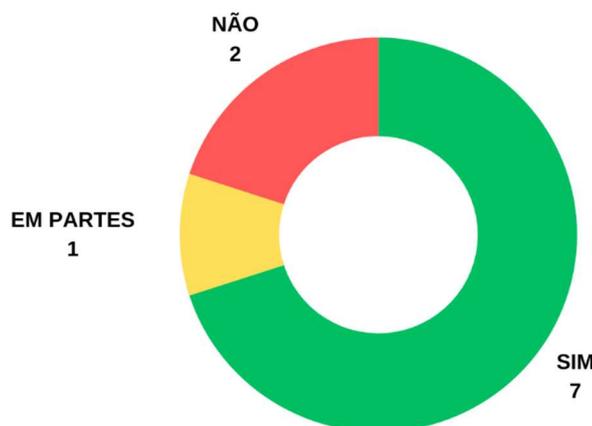
A pergunta dessa resposta deveria ser sim em 100% das reportagens que compõe a tag de GZH. Entretanto, a matéria “O que Passo Fundo pode aprender com Barcelona” não responde um problema porque também não apresenta um problema. Na verdade aqui, apenas noticia que os estudantes foram para Barcelona para conhecer iniciativas educacionais, ambientais e urbanas que tornam a capital catalã uma cidade integrada com toda a população. Para ser jornalismo de soluções é necessário seguir pelo menos 03 das 05 características propostas pela Solutions Journalism Network (SJM), sendo a principal a apresentação de solução.

### 5.3 INDICADOR “EXPLICAÇÃO”

Chegamos ao terceiro indicador de análise desta monografia. Aqui queremos saber se as iniciativas são apenas citadas ou há um aprofundamento com explicação. Como foi explicado no capítulo 2, o jornalismo como um todo precisa explicar para trazer qualificação a informação (REGINATO, 2019). O modelo guiado por soluções não é diferente. Para entender como isso acontece, elencamos 05 perguntas.

No primeiro questionamento, “a história explica o funcionamento da resposta?”, 07 matérias foram classificadas com sim, 02 com não e 01 em partes.

Gráfico 07 – A história explica o funcionamento da resposta?



Fonte: elaboração própria

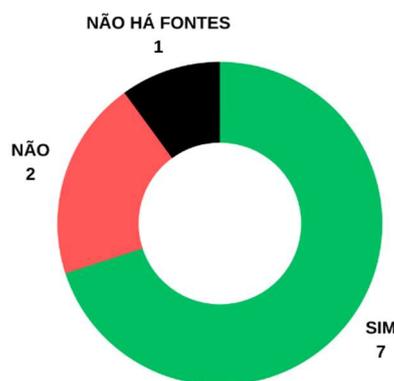
Em “*Conheça o kit de robótica 10 vezes mais barato do que o tradicional e que apoia escolas no ensino de ciência e tecnologia*”, o funcionamento é mostrado através do relato das fontes testemunhais que estão vivenciando a solução e isso mostra que a alternativa encontrada tem dado certo. A explicação sobre os kits serem usados em diversas áreas do conhecimento mostra como o investimento é positivo. Aqui, uma citação em aspas de uma das fontes: “*Está sendo a minha primeira experiência com robótica, comigo manejando. Está sendo muito enriquecedor. Para mim, como professora de Ciências, é um leque de possibilidades que se abre*”. Também são escutados alunos que estão sendo beneficiados: “*Como são kits muito diversos, com muitos componentes e sensores, é possível ter um pensamento muito abrangente. Hoje, já é muito natural olhar para a sala de aula e pensar no que a gente consegue aplicar a robótica*”.

Na matéria “*Como outras capitais podem inspirar Porto Alegre na prevenção a desastres naturais em áreas de risco*”, autora traz a explicação de cada uma das soluções citadas na fala de fontes especializadas: “*Nas comunidades próximas à praia, foram realizadas obras do Projeto Vila do Mar. A maioria das famílias foram transferidas para os residenciais. Além da retirada das pessoas das áreas de risco, houve a urbanização do local onde elas viviam [...]*”.

A matéria “*Da integração ao investimento na Defesa Civil: as soluções para o RS evitar novas tragédias climáticas*” foi classificada em partes pois a maioria das repostas são promessas para o futuro. Apenas uma é concreta e não é aprofundada. As duas reportagens que não cumprem esse objetivo são as, já citadas, produções de Passo Fundo que não se enquadram como jornalismo de soluções.

Na segunda pergunta “as fontes possuem um entendimento sobre o assunto abordado?”, buscamos compreender se as fontes acionadas agregam valor a reportagem ou apenas cumprem um papel sem relevância. Em 07 das 10 matérias sim, as fontes possuem propriedade sobre o assunto. Em 02 são classificadas como não e em 01 em partes. Ainda há uma matéria onde não há fontes.

Gráfico 08 – As fontes possuem um entendimento sobre o assunto abordado?



Fonte: elaboração própria

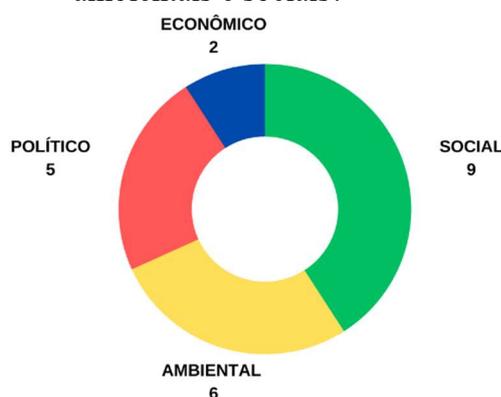
Em “*Convênio com universidade permite tratamento de fisioterapia a pacientes do SUS nas Missões*” há 03 fontes, mas que são variadas na tipologia. Cada uma delas agrega um bom entendimento a pauta. A fonte testemunhal relata o que está vivendo com solução e aparece como protagonista. Já a fonte individual, a estudante é quem desenvolve o trabalho. Aqui ela fala da experiência dela, mostrando o outro lado, mas não sendo alçada ao papel de

protagonismo. Por fim, a fonte institucional, que é quem supervisiona e organiza os trabalhos, e traz os benéficos para os profissionais em formação na instituição também.

Já na matéria “*O que Passo Fundo pode aprender com Barcelona*” o relato da fonte tem um papel irrelevante para o jornalismo de soluções já que não agrega em nada. A matéria “*Cinco projetos educacionais de Barcelona que podem servir de exemplo*” é no formato de listas não utiliza fontes.

O terceiro questionamento é “as soluções remetem a problemas de que ordem? Políticos, econômicos, ambientais e sociais?”. Aqui, em alguns momentos, enquadrámos o problema em mais de uma origem. Por isso, no total são mais de 10 opções.

Gráfico 09 – As soluções remetem a problemas de que ordem? Políticos, econômicos, ambientais e sociais?



Fonte: elaboração própria

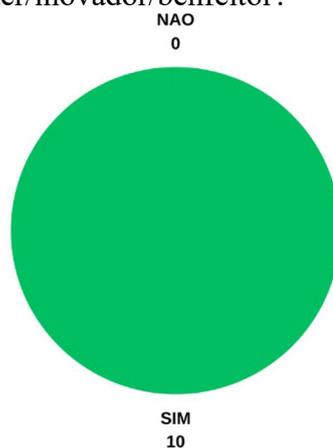
Enquadrámos os problemas apresentados nas 10 matérias em 04 categorias. O que mais aparece é social, em 09 vezes; seguido por ambiental, 06 vezes; político, 05; e econômico parece em 02 oportunidades. A maioria das matérias é enquadrada em pelo menos 02 desses. Questões de educação e saúde foram incluídos na categoria social. Vamos a alguns exemplos de classificação.

Em “*Reduzir, reutilizar e reciclar: o caminho para minimizar o excesso de plástico no ambiente*” são considerados problemas de ordem ambiental, social e político. Já em “*De carro de som a boca a boca como municípios conseguiram superar meta de vacinação contra a gripe*” são problemas político e social. Por último, na matéria “*Equipamento utilizado em escolas municipais de Espumoso transforma resíduos orgânicos em gás de cozinha e adubo*” classificamos como ambiental, econômico e social.

Na quarta parte deste indicador, questionamos também se “a história dá mais atenção à resposta do que há um líder/inovador/benfeitor?”. O mais relevante na história precisa ser a

solução, e não o personagem. Ele pode ser protagonista mas nunca estar acima da resolução do problema. Neste ponto, GZH cumpre em todas as produções do nosso *corpus*. Até mesmo quando fontes oficiais aparecem, como em “*Reduzir, reutilizar e reciclar: o caminho para minimizar o excesso de plástico no ambiente*”, não são tratados como heróis ou salvadores. Apenas facilitadores para implementação da solução.

Gráfico 10 – A história dá mais atenção à resposta do que há um líder/inovador/benfeitor?



Fonte: elaboração própria

A última pergunta desse indicador questiona se “as soluções são destinadas à problemas superficiais e gerenciais ou referem-se também a problemas estruturais?”. Em nossas análises classificamos em superficiais, estruturais ou ambos. Nenhuma matéria trata de problemas exclusivamente superficiais ou gerenciais. Todas são de problemas estruturais ou de ambos.

Gráfico 11 – As soluções são destinadas à problemas superficiais e gerenciais ou referem-se também a problemas estruturais?



Fonte: elaboração própria

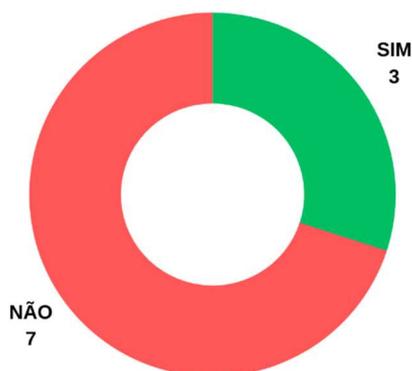
Há 4 matérias que tratam exclusivamente de problemas estruturais. Destacamos “*Como outras capitais podem inspirar Porto Alegre na prevenção a desastres naturais em áreas de risco*” que fala sobre a questão das moradias urbanas em situação de risco e de desastres ambientais na capital gaúcha. Traz dados e compara com outros lugares que vivem ou viveram situações parecidas.

Na categoria ambos representa 50% das produções. A matéria “*De carro de som a boca a boca como municípios conseguiram superar meta de vacinação contra a gripe*” aborda um problema gerencial que são os baixos níveis de vacinação contra a gripe nos municípios e um problema estrutural que é a falta de conscientização sobre a importância das vacinas e a imunização coletiva. Já na matéria “*O que Passo Fundo pode aprender com Barcelona*” não é possível identificar já que essa não apresenta uma solução.

#### 5.4 INDICADOR “RESULTADOS/EFICÁCIA”

Chegamos ao quarto indicador de análise. Aqui, propomos observar se as matérias comprovam a eficácia da ação apresentada. O jornalismo de soluções deve ser amparado no que existe e é comprovadamente eficaz. No capítulo 02 deste trabalho apresentamos algumas características que podem se confundir com o jornalismo de soluções. Uma delas é o “laboratório de ideias” que são propostas que ainda não foram implementadas ou que tenham o tempo de implementação muito curto de modo que seja impossível mensurar sua capacidade de resolução. Para analisar o indicador resultados/eficácia, selecionamos duas perguntas. A primeira é “a história apresenta personagens que estão vivenciando o problema ou as respostas?”. O objetivo é entender se e como esses personagens envolvidos na resolução são acionados na matéria. Como já mencionado neste trabalho, o jornalismo de soluções deve priorizar a escuta de quem está na linha de frente. Concluímos a resposta foi sim em 03 matérias e não em 07 delas.

Gráfico 12 – A história apresenta personagens que estão vivenciando o problema ou as respostas?



Fonte: elaboração própria

Elencamos a reportagem “*Conheça o kit de robótica 10 vezes mais barato do que o tradicional e que apoia escolas no ensino de ciência e tecnologia*” como um ótimo exemplo de reportagem que dá o espaço para os beneficiados pela solução. A autora aciona três personagens que cumprem o papel de comprovar que aquela é uma boa solução. A professora fala sobre a dificuldade de trabalhar com robótica em sala de aula e como os cursos têm preparado ela e as colegas de escola para aplicarem conhecimentos em sala de aula. Ela também reforça a importância didática que esse matéria e como ele agrega conhecimentos e novidades para os alunos. Depois são ouvidos dois estudantes de escolas contempladas. Eles falam sobre os benefícios que a ação tem proporcionado para eles e ressaltam criação de uma familiaridade com esses materiais que são supostamente complexos, mas que passam a parecer simples graças ao incentivo que ganham. Aqui o relato de quem vive diariamente com essa proposta comprova que é uma iniciativa que já vem dando certo: “*No começo, tu pensa que aquilo não é pra ti, mas, quando tenta entender, fica tudo claro e tu fica realizado*”.

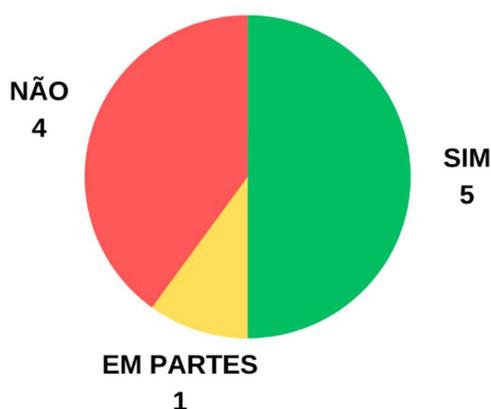
A matéria “*Convênio com universidade permite tratamento de fisioterapia a pacientes do SUS nas Missões*” também é um bom exemplo. O case ganha protagonismo abrindo a reportagem. Depois, ao explicar os benefícios que a solução traz, o relato da fonte ganha ainda mais relevância.

Mas neste indicador, o que prevalece é a não utilização de personagens que estão vivenciando a resposta. São 6 no total. Algumas das reportagens que são consideradas ótimos exemplos de jornalismo de soluções, como “*Como outras capitais podem inspirar Porto Alegre na prevenção a desastres naturais em áreas de risco*” e “*Preservação de abelhas sem ferrão une universidades, produtores e alunos nas Missões*”, pecam neste quesito e deixam de fora um elemento importante pela notícia guiada por soluções. Nas duas reportagens citadas, por exemplo, a fala de fontes especializadas se sobressaem.

Já em “*De carro de som a boca a boca como municípios conseguiram superar meta de vacinação contra a gripe*”, o autor focou nas fontes oficiais. Elas tem um papel importante aqui para explicar o funcionamento da reposta, mas não devem ser as únicas. Poderiam ser ouvidos cidadãos das comunidades ou até mesmo quem está na linha de frente aplicando a imunização nas pessoas.

A segunda pergunta deste eixo é “a história traz evidências dos resultados?”. Procuramos saber como são apresentados os resultados. Além do relato das fontes, eles podem ser vistos em estatísticas e dados. Resultados negativos também são considerados comprovantes da eficácia ou da falta dela. Neste tópico identificamos 05 respostas positivas, 04 negativas e uma parcial.

Gráfico 13 – A história traz evidências dos resultados?



Fonte: elaboração própria

Se por um lado a matéria “*Como outras capitais podem inspirar Porto Alegre na prevenção a desastres naturais em áreas de risco*”, não traz fontes testemunhais que vivenciam as ações implementadas, por outro ela justifica muito bem a eficácia das soluções através da fala de fontes especializadas. Esses assumem o papel explicativo e detalham como cada uma das iniciativas deu certo em outros lugares e poderia ser replicada em Porto Alegre: “*Ele cita o caso da Defesa Civil do Recife, com o Programa Parceria, que fornece projeto, material e orientação técnica para intervenções em áreas planas e morros, enquanto a população entra com a mão de obra.*” A autora ainda traz dados da prefeitura de Recife que comprovam como essa iniciativa é benéfica. “*Conforme informações da prefeitura do Recife, as obras concluídas já beneficiaram 2,4 mil famílias, e outras 347 estão em andamento neste ano*”. O subtítulo “*Como Fortaleza erradicou 24 áreas de risco*” já é uma forma de justificar o que vem a seguir, mostrando que a capital cearense é considerada uma referência na prevenção contra desastres.

Na matéria *“De carro de som a boca a boca como municípios conseguiram superar meta de vacinação contra a gripe”*, os números mostram que as cidades citadas são referências de imunização. *“Brochier [...] tem a melhor cobertura vacinal no Estado: 106,45%. Ou seja: vacinou mais do que o previsto no início da campanha, que é 1,8 mil pessoas. O trabalho feito pelos agentes de saúde do município de 5,1 mil habitantes é feito no “boca a boca”*. Em outro trecho o autor Vinicius Coimbra fala: *“As equipes de saúde também focaram nos avisos em redes sociais, em grupos de WhatsApp da cidade e em uma rádio local. Ações em pontos mais afastados também foram feitas para melhorar a cobertura vacinal”*. Ao longo do texto é possível ir identificando mais estratégias adotadas pelas cidades. No subtítulo *“Capital usa escolas para melhorar cenário”* ele cita o *“Rolê da Vacina”* uma medida adotada em Porto Alegre que estimula a vacinação de crianças e adolescentes: *“Desde o retorno da iniciativa, na semana passada, 2,5 mil crianças e adolescentes receberam doses”*.

Outras 04 reportagens não trazem resultados para comprovar a eficácia das soluções apresentadas. Uma delas é *“Equipamento utilizado em escolas municipais de Espumoso transforma resíduos orgânicos em gás de cozinha e adubo”*. Acreditamos que a razão para isso se dá pelo tempo de implementação que, no momento da publicação, era de uma semana. A matéria explora as potencialidades da solução mas não avança para pontos importantes. Se a escola em questão não tivesse números ou estatísticas ainda poderiam ter sido escolhidos outros locais para exemplificar e mostrar onde aquela comunidade escolar poderia chegar com o equipamento adquirido.

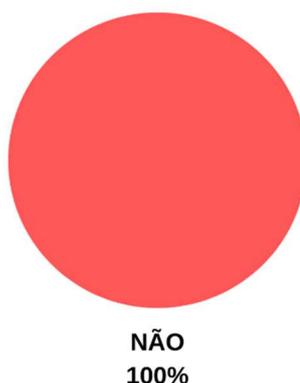
Já na matéria *“Reduzir, reutilizar e reciclar o caminho para minimizar o excesso de plástico no ambiente”* a resposta foi em partes. A porcentagem de reciclagem de plástico no município mostra que a cidade de Dois Irmãos, no Vale dos Sinos, já é eficaz no assunto. 20% de todo o resíduo gerado na cidade é reciclado. No Brasil, a média desse número é de apenas 4%. O resultado justifica a pauta ser voltada para soluções, mas em nosso entendimento, a forma como é apresentada ainda é pouco. Poderia ter sido explorado mais do que em apenas um parágrafo. Para deixar o texto mais completo, o autor poderia ter explorado tópicos como: quais são outros benefícios que esse trabalho tem na cidade? Econômicos? Sociais? Ambientais?

## 5.5 INDICADOR “LIMITAÇÕES”

No penúltimo indicador do protocolo, propomos olhar para as limitações das soluções. É importante entender que uma resolução nunca será perfeita e, em alguns casos, terá pontos

de vista diferentes e discordâncias. O jornalista deve procurar ouvir os outros lados e entender o que não dá certo na ação observada. Essa etapa do processo ajuda no aprimoramento da solução e serve de exemplo para outras comunidades melhorarem o processo quando forem replica-la. Para isso, selecionamos uma pergunta: “a história apresenta as limitações da resposta?”.

Gráfico 14 – A história apresenta as limitações da resposta?



Fonte: elaboração própria

O resultado, como pode ser observado no gráfico 14 é de 100% das matérias sem apresentar limitações. Em nosso *corpus* de análise percebemos que GZH não avança no debate neste sentido. A seguir apresentamos alguns exemplos de matérias que poderiam ter mostrados fatores limitantes.

Em “*Preservação de abelhas sem ferrão une universidades, produtores e alunos nas Missões*”, poderiam ter sido explorado questões como dificuldade com os recursos financeiros, burocracias que existem para implementação, como a informação gerada poderia chegar à outras comunidades e a falta de políticas públicas voltadas a projetos como este de preservação de abelhas. Já em “*Equipamento utilizado em escolas municipais de Espumoso transforma resíduos orgânicos em gás de cozinha e adubo*”, o autor mostra a origem da verba para implementação da resposta mas ele poderia explorar como o dinheiro pode contribuir para promover a mudança na educação ambiental no município de Espumoso. Também não dá indícios se essa implementação é fácil ou complexa, se existe necessidade de manutenção contínua, quanto custa e quem arcaria com esse valor. Na matéria “*Convênio com universidade permite tratamento de fisioterapia a pacientes do SUS nas Missões*”, poderia ser dito se existe uma lista de espera e o tempo que leva para as pessoas serem chamadas. Também poderia

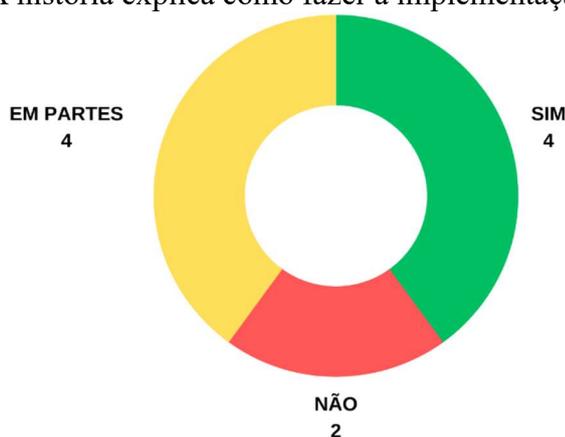
apontar limitações de infraestrutura do projeto ou até deficiências para alguns tipos de terapia de fisioterapia que não são ofertadas.

Todas essas são consideradas boas reportagens de soluções, mas que, assim como as outras, pecam nesta característica do jornalismo de soluções.

## 5.6 INDICADOR “GERAR INSIGHTS”

Chegamos ao último indicador de análise do nosso protocolo. Nesta etapa, olhamos para a necessidade do jornalismo de soluções em gerar insights que podem ser replicados em outras comunidades que estejam passando por problemas semelhantes. A pergunta “a história explica como fazer a implementação da resposta?” busca entender se são apresentados os caminhos para reprodução da resposta. Das 10 matérias analisadas, 4 tiveram resposta positiva, 02 não cumpriram o objetivo e outras 04 foram classificadas como em partes.

Gráfico 15 – A história explica como fazer a implementação da resposta?



Fonte: elaboração própria

Em “*Como outras capitais podem inspirar Porto Alegre na prevenção a desastres naturais em áreas de risco*”, o próprio título já é um insight. A matéria sugere que Porto Alegre pode se inspirar em outros lugares para mudar a questão dos desastres. Ao longo do texto é explicado de que maneira algumas soluções foram implementadas. “*Trata-se de um exemplo [...] que já existe em Porto Alegre: são os Núcleos de Defesa Civil (Nudec), compostos por cidadãos da comunidade que passam por formação e capacitação de voluntários para atuação preventiva em áreas sujeitas a inundação e deslizamento*”. Aqui falam de uma proposta que se aproxima do que já existe em Porto Alegre e que poderia ser aperfeiçoado e replicado. Em outro ponto fala sobre outra alternativa que poderia ser replicado na capital que possui um Centro Integrado de Comando (Ceic): “*O uso de tecnologia também tem ajudado, com o*

*monitoramento por câmera. A Defesa Civil conta com 103 equipamentos disponíveis, sendo 35 dentro de 26 áreas de risco (das 65), e outras 68 em "pontos de atenção". Investimento em recursos humanos para defesa civil é mais uma das iniciativas destacadas ao longo da matéria. “Enquanto Fortaleza, que obteve avanços para diminuição de áreas de risco, tem 105 membros na equipe da Defesa Civil, Porto Alegre tem 11 servidores”.*

Destacamos a produção *“Conheça o kit de robótica 10 vezes mais barato do que o tradicional e que apoia escolas no ensino de ciência e tecnologia”* como um bom exemplo de geração de insights também. Ao citar a iniciativa considerada barata no orçamento público e explica-la de forma detalhada, a reportagem serve de insight para outras escolas reproduzirem. Cita o exemplo de uma escola de fora da capital, na cidade de Wesfália, no Vale do Taquari. Aborda questões como o valor do investimento unitário, a empresa responsável e ainda a maneira de capacitação para utilizar o equipamento. *“Fabricado desde 2019 [...] tem tornado viável que escolas públicas do RS ampliem o ensino de robótica entre seus alunos. O motivo é o preço – o valor, que gira em torno de R\$ 700, é até 10 vezes mais baixo do que o produto feito pela Lego”.* Tudo isso serve como caminhos para replicação. *“Apesar de a iniciativa ser encabeçada pelo Sesi-RS [...] outros municípios têm adquirido os kits, a fim de incorporar a robótica em suas atividades em sala de aula”.* No fim a autora ainda deixa dois links disponíveis para quem está lendo encontrar mais detalhes. *“Para mais informações sobre o Instituto Sesi de Formação de Professores, clique aqui. Já as informações sobre o GoGo Board estão aqui”.*

Outras 04 matérias foram classificadas como “em parte”. Citamos duas como exemplo: *“Convênio com universidade permite tratamento de fisioterapia a pacientes do SUS nas Missões”* e *“Reduzir, reutilizar e reciclar: o caminho para minimizar o excesso de plástico no ambiente”.* Definimos dessa maneira porque entendemos que os insights estão presentes nos textos, mas não de maneira explícita. É algo que aparece sutil. Na primeira é sugerido que cidades com faculdades de fisioterapia poderiam reproduzir. A solução é simples: uma parceria entre prefeitura e universidade em uma relação de ganha-ganha, oferecendo serviços à população e promovendo experiência para profissionais em formação. Na segunda também não há indícios de como promover a cultura da coleta seletiva. Em nosso entendimento, um dos principais motivos para funcionar a solução na cidade Dois Irmãos é a conscientização da população e isso não é explorado. Importante ressaltar que essa matéria apresenta no final do texto um três tópicos com dicas para os cidadãos: como reduzir a poluição plástica, como reduzir o uso de plástico e como separar o lixo adequadamente em casa. São pontos

interessantes, mas que poderiam vir acompanhados de outros insights, como a organização de uma cooperativa, campanhas públicas, incentivo à empresas, entre outros.

As duas matérias que não cumpriram essa característica são “*O que Passo Fundo pode aprender com Barcelona*” e “*Cinco projetos educacionais de Barcelona que podem servir de exemplo*”. Ambas dizem respeito a mesma pauta que é destrinchada em duas matérias, porém nenhuma explora as soluções. Apenas citam algumas iniciativas que deram certo em Barcelona. Não há indícios de como isso poderia ser aplicado em Passo Fundo pois não há explicação de como funcionou na cidade catalã.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a estudar uma amostra do rol produções do maior grupo de comunicação do Rio Grande do Sul, no que diz respeito ao jornalismo de soluções, uma corrente que, embora não seja tão nova assim, é considerada de tal maneira no Brasil. Em nossas pesquisas para o estado da arte, observamos como o Grupo RBS é considerado uma das referências no assunto em território nacional, e o jornal digital GZH, uma das marcas do grupo, é o espaço que reúne mais produções desse tipo, com uma sessão dedicada exclusivamente ao jornalismo de soluções.

Inclusive, foi através do Grupo RBS, em 2020, que eu tive meu primeiro contato com essa proposta. Assim como muitos jornalistas, eu olhei para o jornalismo de soluções com desconfiança. Afinal, que jornalismo é esse que busca um lado positivo nas notícias? “O noticiário é negativo porque a realidade é cruel. Pobreza, guerras, doenças e preconceitos estão por todas as partes da sociedade”, pensei na época. Sim, de fato, o mundo está repleto de injustiça e desigualdade e é o papel do jornalismo mostrar isso. Denunciar, reportar os fatos obscuros e contar essas histórias. Mas também cabe no jornalismo o papel de apontar caminhos. Essa é uma forma de engajar cidadãos, mostrar que existem outras realidades possíveis e, em algum lugar do planeta alguém conseguiu – ou tentou ao menos – resolver um problema comum a outras comunidades. Muito se ouve sobre a função social do jornalismo em ser um vigilante da sociedade. O jornalismo de soluções pode propor e contribuir o bem-estar social, fornecendo ferramentas para que os indivíduos participem da vida pública e fortaleçam a democracia. O jornalismo de soluções antes de tudo prioriza o que é de interesse público e comunitário em suas produções.

Neste sentido, nos dedicamos em observar como o jornal digital GZH produz o jornalismo de soluções. Propomos olhar para as 5 características fundamentais da corrente: 1) concentra-se profundamente na resposta a um problema social; 2) examina como a resposta funciona com detalhes significativos; 3) concentra-se na eficácia, não nas boas intenções, apresentando evidências, disponíveis dos resultados; 4) oferece não apenas inspiração, mas insights que outros podem usar; 5) discute o que não está funcionando na abordagem. Aqui a quantidade é proporcionalmente importante à qualidade. O jornalismo de soluções exige que se tenham ao menos 3 das características listadas pela Solutions Journalism Network (SJN), principal fonte sobre o tema no mundo.

Assim como nas redações, na área acadêmica no Brasil o jornalismo de soluções não é consolidado. Ainda são poucas as referências de autores nacionais que se dedicam a estudar o

tema. Fizemos discussões teóricas sobre o jornalismo de soluções a partir de autores como Souza (2017), Loose (2019), Farias e Belém (2020), Borges (2021), Oliveira, Pastl e Garcia (2021), Simões (2022) e Santos (2022). Nas referências internacionais, nos ancoramos em Curry e Hammonds (2014), Bansal e Martin (2015), Thier (2016) e Murray e Stroud (2019). A discussão também avançou para outras correntes que serviram de inspiração para o jornalismo de soluções, como o jornalismo para a paz, o jornalismo cívico e o jornalismo construtivo.

Em nosso percurso metodológico, construímos um protocolo de análise a partir dos estudos dos autores citados anteriormente. O documento foi aplicado em dez matérias produzidas entre maio e junho de 2023. De uma maneira geral, GZH cumpre com os critérios propostos pela SJN para fazer jornalismo de soluções, embora nenhuma das matérias analisadas tenha 100% de acerto no padrão definido pela entidade.

Além das cinco características fundamentais segundo a SJN, nosso protocolo traz outro critério de análise: estrutura textual. Aqui, buscamos entender como são construídas estruturalmente as reportagens de soluções. Buscamos observar quais são as escolhas feitas pelos jornalistas responsáveis por cada texto. Em 80% do *corpus*, as resoluções são apresentadas logo no início. Isso indica que de fato é dado prioridade para a solução. No que diz respeito às fontes acionadas, GZH utilizou majoritariamente fontes oficiais e especializadas, aparecendo 12 e 9 vezes, respectivamente. Enquanto isso, fontes testemunhais apareceram apenas 6 vezes, sendo que uma das matérias teve metade desse número (3). O jornalismo de soluções propõe dar voz para quem vivencia a resposta e atua na linha de frente da implementação desta. Em 60% das produções o texto é estruturado no “como” ao invés de outras perguntas do lead. Esse é um ponto positivo já que a corrente tem como papel fundamental mostrar e ensinar como reproduzir uma iniciativa.

O número de 60% também representa das produções que explicaram a causa de um problema. O jornalismo deve contextualizar, aqui não é diferente. Em 20% dos casos a explicação foi parcial e o restante não houve. Esses problemas, inclusive, são a maioria de âmbito local (5) e regional (4). Após serem apresentados, em 90% das matérias são apresentadas alternativas para serem resolvidos.

Em 7 das 10 matérias é explicado como funciona a resposta. Na maioria dos casos, as fontes acionadas nas matérias possuem um bom entendimento do assunto tratado. Um dos pontos positivos é que os personagens acionados não são tratados com mais importância do que a solução em si. Eles ajudam explicar, mas não são vistos heróis ou benfeitores. Por outro lado, negativamente, é importante citar que GZH peca ao apresentar personagens que

vivenciam as respostas em somente 3 das 10 matérias. As fontes testemunhais aqui poderiam trazer credibilidade ao contarem suas experiências pessoais. Quando o meio fez isso, as matérias foram enriquecidas, quando não fez, deixou a sensação de faltar algo.

Apesar de se tratar de 10 produções, cada uma delas se enquadra em mais de uma área. Por isso, ao observarmos sobre de qual ordem se tratam os problemas apresentados, enquadrámos em mais de uma opção. Problemáticas de caráter social aparecem 9 vezes, seguido por ambiental, 6 vezes; político, 5; e econômico parece em 2 oportunidades. Esses problemas são, em 90% das vezes, estruturais. Desses, 5 remetem a problemas gerenciais também, sendo enquadrámos como “ambos”. Aqui nesse ponto discussão avança e não fica no superficial.

No que diz respeito às evidências das respostas, 50% cumprem essa características, seja através de dados ou do relato de quem vivencia a solução. 1 matéria, ou 10%, é enquadrada em partes já que apresenta mas não aprofunda. Outras 4, ou 40%, falham nesse aspecto. Apesar de indicar que GZH está no caminho e cumpre com mais da metade desse requisito, entendemos que ainda deve avançar mais. Apresentar evidências enriquece a história guiada por soluções e justifica a escolha.

Quando observamos a característica fundamental do jornalismo de soluções, apresentada pela SJN, de apontar as limitações das respostas, percebemos que GZH não cumpre. Nenhuma das matérias problematizou ou trouxe outros pontos de vista no que se refere às soluções. Consideramos que esse é o principal ponto de melhoria da cobertura de soluções do meio. As soluções apresentadas não são perfeitas e sempre há espaço para problematização. Podem ser olhados para diversos aspectos: econômicos, logísticos, de infraestrutura e etc. É importante mostrar o que falha e deixar indícios para outras pessoas aperfeiçoarem essa resolução.

Já em outra características primordial da corrente, apresentar insights, GZH está no caminho certo. Em 4 produções ela cumpre com qualidade esse tópico. Em outras 4 consideramos em partes pois acreditamos que ainda poderiam avançar mais. Em alguns casos os insights estavam de forma implícita.

Ao final deste trabalho concluímos que, em nossas percepções, 8 das 10 matérias podem ser consideradas bons exemplos de jornalismo de soluções. Essas cumprem com pelo menos 3 características da corrente. Embora entendamos que a rotina produtiva nas redações exija cada vez mais agilidade nas produções, cabe ao veículo, aos repórteres e aos editores buscarem a excelência para atingir o melhor nível de jornalismo de soluções.

Assim, diante do exposto, este trabalho é uma pequena contribuição para os estudos na área. Outros estudos podem usar essa monografia como referência para avançar no debate da corrente. Esse campo possui muitas potencialidades de pesquisas sobre o próprio objeto ou outros distintos.

Para o jornalismo, ponderamos que, sendo considerados como um modelo, GZH e o Grupo RBS como um todo, podem servir de inspiração para outras redações reproduzirem o jornalismo de soluções. Este trabalho também pode contribuir para o aperfeiçoamento da prática em alguns pontos e o reforço do que está dando certo em outros.

Atentamos ainda que o jornalismo de soluções é apenas uma das muitas possibilidades de contribuição para a qualificação do jornalismo. A corrente emerge como uma possibilidade interessante para as redações, mas também apresenta limitações que devem ser discutidas e adaptadas. Outras correntes podem ser agregadas ao jornalismo de soluções, suprimindo as necessidades não contempladas por este, como a dificuldade de apontar causas dos problemas e indicar responsáveis por tais.

Acreditamos na potencialidade que essa “nova” corrente pode trazer para a cobertura de problemas sociais no Rio Grande do Sul e no Brasil. Mostrar que existem possibilidades concretas para esses problemas é também uma forma de munir a sociedade para cobranças ao poder público. Além disso, em alguns casos, o jornalismo de soluções pode servir como um gatilho para promover mudanças e ser um estímulo para o ativismo social de cidadãos. O jornalismo de soluções apresenta potencial para tratar dos problemas sociais de uma maneira estrutural, a partir de uma perspectiva mais prática: apresentando respostas a esses problemas.

## REFERÊNCIAS

- AITAMURTO, Tanja; VARMA, Anita. The constructive role of journalism: Contentious metadiscourse on constructive journalism and solutions journalism. **Journalism Practice**, v. 12, n. 6, p. 695-713, 2018.
- BANSAL, Sarika; MARTIN, Courtney. **The Solutions Journalism Toolkit**. 2015. Disponível em: <https://reedkath.files.wordpress.com/2017/04/new-sjn-toolkit-20162.pdf>. Acesso: 08/07/2023.
- BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2005.
- BORGES, Cecília Almeida. **Em busca das boas notícias: uma análise dos conteúdos de viés positivo e do jornalismo de soluções dentro da plataforma Ecoa**. 2021. 128 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2021.
- CABRAL, Raquel; SALHANI, Jorge. Jornalismo para a paz: conceitos e reflexões. In: **E-Compós**. 2017.
- CANAVILHAS, João. Provedores de internet e empresas de tecnologia, que também lucram com a notícia, deveriam ajudar a financiá-la [Entrevista cedida a] Patrícia Specht. **Revista Famecos**. V. 22, n. 3. Porto Alegre: PUC-RS, 2015.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. **A crise do jornalismo tem solução?**. Barueri: Estação Das Letras e Cores, 2019.
- GAÚCHA ZH (GZH). **Da integração ao investimento na Defesa Civil: as soluções para o RS evitar novas tragédias climáticas**. RS: GZH, 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/ambiente/noticia/2023/06/da-integracao-ao-investimento-na-defesa-civil-as-solucoes-para-o-rs-evitar-novas-tragedias-climaticas-clj8x587p000701519dzip101.html>. Acesso em: 06 de out. de 2023.
- CURRY, Alexander L.; HAMMONDS, Keith H. The power of solutions journalism. **Solutions Journalism Network**, v. 7, p. 1-14, 2014.
- CURRY, Alex; STROUD, Natalie Jomini; MCGREGOR, Shannon. Solutions journalism and news engagement. **Engaging News Project/Annette Strauss Institute for Civic Life at the University of Texas Austin**, 2016.
- DINES, Alberto. **O papel do jornal e a profissão do jornalista**. São Paulo: Summus Editorial, 2009.
- REDE DE JORNALISTAS INTERNACIONAIS (IJNET). **3 formas como grandes empresas de mídia estão inovando durante a pandemia**. 2020. Disponível em: <https://ijnet.org/pt-br/story/3-formas-como-grandes-empresas-de-m%C3%ADdia-est%C3%A3o-inovando-durante-pandemia>. Acesso em: 15 jan. 2023

FARIAS, Camila Gabrielle Oliveira de; BELÉM, Vitor Curvelo Fontes. Jornalismo de Soluções e os Valores-notícia: um estudo de caso dos telejornais da RBS - Rio Grande do Sul em 2020. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44, 2021, Virtual. **Anais [...]**. Intercom, 2021. p. 1-15. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt1-te/camila-gabrielle-oliveira-de-farias.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2023.

FELTRIN, Diuan dos Santos. Jornalismo para a paz: reflexões sobre uma nova forma de se fazer notícias. **Contemporânea Revista UniToledo: Arquitetura, Comunicação, Design, Educação e História**, v. 3, n. 1, 2018.

FOLHA DE S. PAULO (São Paulo). **Manual de produção**. Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual\\_producao\\_s.htm](https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_producao_s.htm). Acesso em: 19 ago. 2023.

JACKSON, Jodie. Publishing the positive. Exploring the motivations for and the consequences of reading solutions-focused journalism. **Constructivejournalism.org**, 2016.

KIT DE FERRAMENTAS BÁSICAS. **Solutions Journalism Network**. 2021. Disponível em: <https://learninglab.solutionsjournalism.org/pt/courses/basic-toolkit/introduction/welcome>. Acesso em: 19 ago. 2023.

LIMA, Marcus Assis; MOTA, Flavia M. Jornalismo cívico como alternativa e ferramenta par uma prática mais social da comunicação. **Revista Pauta Geral**, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 22-39, 2014.

LOOSE, Eloisa Beling. Jornalismo de soluções e mudanças climáticas: estudo sobre a cobertura da mitigação no site brasileiro G1. **La comunicación de la mitigación ante la emergencia climática**, 2019.

MCINTYRE, Karen; DAHMEN, Nicole Smith; ABDENOUR, Jesse. The contextualist function: US newspaper journalists value social responsibility. **Journalism**, [S. l.], p. 1-19, 2016. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/epub/10.1177/1464884916683553>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000. 171 p.

MERRITT, Davis. O Civic Journalism/Public Journalism examinado por um de seus criadores. [Entrevista cedida a] Márcio Fernandes. **Ação Midiática**. N. 17, Jan/Jun. Curitiba: PPGCOM UFPR, 2019.

MURRAY, Caroline; STROUD, Natalie Jomini. The keys to powerful solutions journalism. **Center for Media Engagement**, 2019.

NEVEU, Érik. **Sociologia do Jornalismo**. Porto: Porto Editora, 2005. 143 p.

OLIVEIRA, Felipe Moura de; PASTL, Carolina Monego Lins; GARCIA, Isadora Smaniotto. Para a crise do jornalismo, "jornalismo de soluções"? Apontamentos a partir da experiência do Grupo RBS. **Revista Fronteiras**, v. 25, n. 1, 2021.

PAIVA, Raquel. Novas formas de comunitarismo no cenário da visibilidade total: a comunidade do afeto. **MATRIZES**, v. 6, n. 1, p. 63-75, 2012.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007. 235 p. POSITIVE News. [S.l.: s.n.]. Disponível em: <https://www.positive.news>. Acesso em: 25 jul. 2023.

REGINATO, Gisele Dotto. **As finalidades do jornalismo**. Florianópolis: Editora Insular, 2019.

RODRIGO ALSINA, Miguel. **A Construção da notícia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

SANTOS, Tainá Castro Binelo dos. **Jornalismo de Soluções na Revista Superinteressante: a vacinação da covid-19 como problema a ser solucionado**. 2022. 19 p. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2022.

SCHMITZ, Aldo Antônio. Classificação das fontes de notícias. **Florianópolis, SC: UFSC**, 2011.

SHINAR, Dov. Mídia democrática e jornalismo voltado para a paz. **LÍBERO**, n. 21, p. 39-48, 2016.

SILLESEN, Lene Bech. Good news is good business, but not a cure-all for journalism. **Columbia Journalism Review**, 29 set. 2014. Disponível em: [https://archives.cjr.org/behind\\_the\\_news/good\\_news\\_is\\_good\\_business\\_but.php](https://archives.cjr.org/behind_the_news/good_news_is_good_business_but.php). Acesso em: 20 de ago. de 2023.

SIMÕES, Antônio. **Jornalismo de Soluções**. Curitiba: Appris, 2022. 152 p.

SOUZA, Mariana Göelzer de. **JORNALISMO DE SOLUÇÕES: um caminho possível**. 2017. 81 p. TCC (Graduação) – Curso de Habilitação em Jornalismo, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/177692>. Acesso em: 23 jul. 2023.

SOUZA, Maria Aparecida da Silva; CAMURÇA, Eulália Emília Pinho. JORNALISMO DE SOLUÇÕES: um modo de produzir notícias em tempos de pandemia. **10º Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (Jpjour)**, Virtual, p. 1-17, set. 2020. Disponível em: <https://sbpjour.org.br/congresso/index.php/jpjour/jpjour2020/paper/viewFile/2791/1541>. Acesso em: 20 ago. 2023.

TAVARES, Felipe Cavaliere. O comunitarismo e seu ideal de justiça. **Legis Augustus**, v. 5, n. 1, p. 31-44, 2014.

THIER, Kathryn; ABDENOUR, Jesse; WALTH, Brent; DAHMEN, Nicole Smith. A narrative solution: The relationship between solutions journalism, narrative transportation, and news trust. **Journalism**, v. 22, n. 10, p. 2511-2530, 2021.

THIER, Kathryn. Opportunities and Challenges for Initial Implementation of Solutions Journalism Coursework. University of Oregon. **Journalism & Mass Communication Educator**, [s.l.], v. 71, n. 3, 2016.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. 2. Ed. Florianópolis: Insular, 2005. 224 p.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo cívico**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.

TRAQUINA, Nelson, MESQUITA, Mário (Org.) **Jornalismo Cívico**. Lisboa: Livros Horizonte. 2003. 143 p.

TRIGUEIRO, André. **Cidades e soluções**: como construir uma sociedade sustentável. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

WALTH, Brent; DAHMEN, Nicole Smith; THIER, Kathryn. A new reporting approach for journalistic impact: Bringing together investigative reporting and solutions journalism. **Newspaper Research Journal**, v. 40, n. 2, p. 177-189, 2019.

WENZEL, Andrea; GERSON, Daniela; MORENO, Evelyn. **Engaging Communities Through Solutions Journalism**. [S. l.: s. n.], 2016. Disponível em: [https://www.cjr.org/tow\\_center\\_reports/engaging\\_communities\\_through\\_solutions\\_journalism.php](https://www.cjr.org/tow_center_reports/engaging_communities_through_solutions_journalism.php). Acesso em: 05 set. 2023.

## APÊNDICE A – Aplicação do protocolo 1

Título da Matéria: Reduzir, reutilizar e reciclar: o caminho para minimizar o excesso de plástico no ambiente		
Editoria: AMBIENTE		Data: 30/06/2023 Autor: Marcel Hartmann
INDICADOR	PERGUNTAS	CONSIDERAÇÕES SOBRE O ITEM
ESTRUTURA TEXTUAL	A solução do problema é apresentada em primeiro lugar?	<p><b>SIM.</b></p> <p>A reportagem começa com uma pergunta: “<i>Como solucionar o problema do excesso de plástico, que faz com que milhões de toneladas de sejam depositadas anualmente nos oceanos e tornam o microplástico presente no ar e até em nossos corpos?</i>”. Em seguida apresenta de forma simples uma resposta: os 3 R’s.</p> <p>Em seguida, passa para um relatório que mostra que é possível solucionar o problema <b>ESTRUTURAL</b> do excesso no consumo de plástico no mundo. <b>Considero que mais aspectos do estudo poderiam ser explorados pelo autor neste momento já que reforçaria a importância da solução que vem a seguir.</b></p> <p>Logo após ele passa para o problema e apresenta dados – de outro estudo – de reciclagem no Brasil em comparação com outros lugares.</p> <p>O autor utiliza uma “fonte especialista” para ir na estrutura do problema e saindo da individualização de “cada um faz sua parte”. O engenheiro de produção aponta que a responsabilidade maior é do Estado que deve regular a reutilização do plástico. <b>Acredito que aqui o autor deveria ter explorado mais para sair do jornalismo declaratório. Que tipo de ações e políticas públicas seriam eficientes? O que já existe e não é seguido? São questões que o profissional poderia ter trazido para sair apenas da fala da fonte, que por sinal ficou com 8 linhas.</b></p> <p>Somente no sétimo parágrafo um bom exemplo é apresentado. Mostra como diferentes segmentos sociais se uniram para resolver o problema da reciclagem na cidade de Dois Irmãos. “<i>No início da década de 1990, a cidade começou a usar aterro sanitário, coletar lixo separado e investir em campanhas de conscientização. A indústria calçadista, carro-chefe da economia local,</i></p>

		<p><i>abraçou a ideia.</i>”. <b>A solução para a reciclagem de plástico aqui é a educação ambiental e de coleta seletiva.</b></p> <p><b>A apresentação da iniciativa está boa. Mostra dados, descreve processos, exemplifica de forma simples o conceito de “economia circular”. Também mostra outros benefícios da cooperativa de reciclagem na cidade: emprego e renda. Poderia aprofundar mais na cooperativa já que ela é apresentada como solução.</b></p>
	<p>Que tipos de fontes utilizadas? Quais são?</p>	<p>(x) Institucional - Fábio Bamberg (presidente da cooperativa)  (x) Testemunhal- Delci Simch (triadora)  (x) Oficial – Prefeito Dois Irmãos (Jerri Meneghetti)  (x) Referencia - Relatório publicado em março pelo Programa das Nações Unidas  (x) Referencia - Dados da International Solid Waste Association (ISWA)  (x) Especializada - Guilherme Nunes (prof. Biologia Marinha)  (x) Especializada - Victor Fassina (Engenheiro de produção)  (x) Empresarial - Gerson Haas (presid. Sind. Ind. Mat. Plástico)  (x) Oficial - Secretaria Estadual do Meio Ambiente (<b>indireta</b>)</p>
	<p>A estrutura da reportagem está ancorada no “como” ao invés de outras perguntas do lead?</p>	<p><b>NÃO. A história mostra uma solução com resultados e descreve os processos, mas não aprofunda no como funciona a cooperativa de reciclagem. O como aparece mas é superficial. Considero que outras perguntas tem mais destaque: O QUE? e o POR QUE?</b></p> <p>O espaço destinado ao que deveria ser o principal elemento na reportagem foge da proposta de jornalismo de soluções. Apresenta os processos e o funcionamento muito rápido.</p>
	<p>A história apresenta e explica as causas de um problema?</p>	<p><b>Sim</b>, a contextualização do problema está muito bem apresentada. Mostra de maneira estrutural: o consumo de plástico em excesso. Traz dados e especialistas para problematizarem o texto. Inclusive com infográfico, traduzindo os dados no dia-a-dia de quem lê:</p>

		<p><i>“Quantidade anual de microplástico liberado por pessoa no ambiente” “1230 g de desgaste de pneus (dos quais 81% são de carros)”</i></p>
<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA</p>	<p>São problemas de âmbito local, regional, nacional?</p>	<p>Nacional</p>
	<p>A história apresenta uma ou mais respostas associada a esse problema?</p>	<p><b>Sim.</b> Apresenta um case de sucesso em uma cidade gaúcha. Mostra o caminho encontrado e explora a solução parcialmente. No fim, apresenta algumas medidas de que, de certo modo, contribuem na redução do consumo de plástico:  <i>“[...] com subsídios no pagamento de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) para indústrias que utilizam 75% de plástico reciclado em suas produções (a cota, nesses casos, é de 4,25%, em vez de até 17%)”</i>  Também cita projetos em discussão que poderiam auxiliar. Mas não passa disso, uma citação. Não explora esses projetos. Apenas reproduz o que diz a Secretaria Estadual do Meio Ambiente.</p>
<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">EXPLICAÇÃO</p>	<p>A história explica o funcionamento da resposta?</p>	<p><b>Sim</b>, de maneira superficial.  <i>“Todos os anos, mais de mil alunos do município visitam a Cooperativa de Recicladores de Dois Irmãos para entender que o lixo, depois de sair de casa, não desaparece.”</i>  <i>“Todos os dias, entre três e cinco caminhões de lixo seco chegam à cooperativa. O resíduo desce por uma esteira e, na sequência, é separado por material e cor por trabalhadores. Alguns tipos de plásticos são moídos e reciclados ali mesmo para serem revendidos às indústrias – que retransformam o material em mangueiras, garrafas, lonas e baldes. É a chamada “economia circular”.”</i></p>
	<p>As fontes possuem um entendimento sobre o assunto abordado?</p>	<p><b>Sim</b>, especialistas possuem propriedade. Presidente da cooperativa aparece pouco, mas possui propriedade para falar. Uma das triadoras é limitada a 1 frase. O presidente do Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Rio Grande do Sul traz</p>

		dados e conhece leis e regras, está bem informado.
	As soluções remetem a problemas de que ordem? Políticos, econômicos, jurídicos e sociais?	Minimizar o excesso de plástico no ambiente: <b>Ambiental, Social e Político</b>
	A história dá mais atenção à resposta do que há um líder/inovador/benfeitor?	<b>Sim</b> , as fontes são acionadas apenas para reforçar a importância da iniciativa.
	As soluções são para problemas superficiais e gerenciais ou referem-se também a problemas estruturais?	<b>Trata de um problema estrutural</b>
RESULTADOS/EFICÁCIA	A história apresenta personagens que estão vivenciando o problema ou as respostas?	<b>NÃO</b> . A presença dos integrantes da cooperativa deveria ser maior. O presidente da cooperativa e uma membra aparecem apenas 1 vez cada. O prefeito da cidade também aparece 1 vez. Falta cidadãos para falar sobre como participam do processo de separação e destinação dos resíduos. Também alguém que viveu durante os dois períodos (antes e depois da solução ser implementada) A cooperativa precisa ter mais espaço já que é a engrenagem principal de resolução do problema no município.
	A história traz evidências dos resultados?	<b>Em partes</b> . Mostra um número impressionante: 20% do lixo seco na cidade é reciclado. No Brasil: média de 4%. O resultado justifica a pauta ser voltada para soluções. Mas a forma como é apresentada ainda é pouca. Poderia ter explorado mais do que em apenas um parágrafo. Que tipo de outros benefícios esse trabalho tem na cidade? Econômicos? Sociais? Ambientais? Acho que poderia ficar mais prático para quem lê
LIMITAÇÕES	A história apresenta as limitações da resposta?	<b>NÃO</b> apresenta as limitações da cooperativa como resposta.

GERAR INSIGHTS	A história explica como fazer a implementação da resposta?	<p><b>EM PARTES.</b> A narrativa não explica explicitamente como promover a cultura de coleta seletiva, mas no final, cria três tópicos com dicas para o cidadão: Como reduzir a poluição plástica; Como reduzir o uso de plástico; Como separar o lixo adequadamente em casa.</p> <p>No meu entendimento, um dos principais motivos para funcionar a solução na cidade Dois Irmãos é a conscientização da população. Mas, não só. Por isso os tópicos são interessantes, mas poderiam vir acompanhados de outros insights, como a organização de uma cooperativa, campanhas públicas, incentivo à empresas, e etc.</p>
----------------	--	---

## APÊNDICE B – Aplicação do protocolo 2

<b>Título da Matéria: Da integração ao investimento na Defesa Civil: as soluções para o RS evitar novas tragédias climáticas</b>		
<b>Editoria: AMBIENTE</b>		<b>Data: 23/06/2023</b>
		<b>Autor: Vinicius Coimbra</b>
<b>INDICADOR</b>	<b>PERGUNTAS</b>	<b>CONSIDERAÇÕES SOBRE O ITEM</b>
ESTRUTURA TEXTUAL	A solução do problema é apresentada em primeiro lugar?	<p><b>SIM</b></p> <p>A reportagem começa com uma pergunta: <i>como evitar mortes e reduzir o prejuízo material quando outro evento climático atingir o Estado?</i> Em seguida contextualiza o problema rapidamente “<i>A dúvida ocorre dias após o fenômeno ter causado 16 óbitos</i>”, e apresenta o que pensam as autoridades públicas para resolver o problema a curto prazo. Logo após, apresenta de forma resumida as soluções a médio e longo prazo, propostas por especialistas.</p> <p><b>(Aqui é interessante olhar que ele traz 2 soluções de forma resumida: curto e médio e longo prazos.)</b></p> <p>Logo em seguida passamos para o subtítulo “<i>Um exemplo em Porto Alegre</i>”, em que o autor fala de uma solução na capital com o uso de câmeras de monitoramento do Centro Integrado de Comando (Ceic) para combater os momentos de crise. <b>(A solução aqui diz respeito a remediar o problema e não precaver. As câmeras são usadas para</b></p>

	<p><b>salvar pessoas já em situação de risco com o ciclone)</b></p> <p>O segundo subtítulo “<i>Preparação para o pior cenário</i>” aborda uma solução para o problema de forma estrutural. Com o auxílio de fontes especializadas, o repórter aponta que a longo prazo a solução para o problema é educação e o acesso à informação qualificado. Ainda toca de forma breve na questão das mudanças climáticas e a anti-ciência como obstáculos. <b>(Bem, o autor traz a solução, mas não aprofunda. Já existe algum lugar que tenha uma boa iniciativa? Como fazer isso? Quem deve promover essa solução?)</b></p> <p>No terceiro subtítulo “Investimento nas defesas civis”, o autor fala sobre a importância de investir mais na defesa civil. Depois ele apresenta dados de municípios do RS: <i>Nos municípios da Região Sul – o que inclui 161 prefeituras gaúchas –, apenas 33% das defesas civis têm orçamento próprio, 15% dependem das transferências de outras secretarias e 4% dispõem de emendas parlamentares.</i></p> <p>Após, entra a fala de uma fonte oficial (vice-governador) justificando a falta de investimentos nas defesas civis das cidades “<i>As prefeituras pequenas não têm estrutura para manter uma defesa civil do tamanho das cidades maiores, porque, felizmente, na maior parte do tempo, não acontece nenhum evento que seja necessária essa atuação</i>”. <b>Para o jornalismo de soluções essa parte pouco agrega.</b> Ao final, uma especialista contrapõe a fonte oficial e apresenta uma solução rápida, sem aprofundar. “<i>É preciso um projeto de redução de risco a desastres mitigador de verdade, ou seja, que faça com que as pessoas se sintam seguras para sair de casa e deixar tudo para trás.</i>” <b>(Aqui foi apresentado um problema e uma solução superficial. A ideia é boa, mas novamente falta um bom exemplo e/ou proposta concreta)</b></p> <p>No último tópico “Problemas comuns identificados” é apresentado o histórico de desastres no RS nos últimos anos, especialmente as inundações e enxurradas. Uma especialista é acionada para falar sobre uma solução de melhorar a drenagem: “<i>Uma medida importante é investir em soluções baseadas na natureza, em mecanismos que simulam banhados, locais que vão ajudar a reter a água, como jardins de chuvas, por</i></p>
--	---

		<i>exemplo</i> ". Novamente a solução é apresentada mas não é aprofundada.
	Que tipos de fontes utilizadas? Quais são?	(x) Oficial - Sebastião Melo, prefeito de Porto Alegre (x) Oficial – Gabriel Souza, vice-governador RS (x) Especializada - Venisse Schossler, pesquisadora do Centro Polar e Climático da UFRGS (x) Especializada - George Ulguim Pedra, meteorologista e analista de dados hidroclimáticos da RNP e do Inpe (x) Especializada - Danielle Martins, coordenadora do Laboratório de Vulnerabilidades, Riscos e Sociedade (LaVuRS) da Feevale.
	A estrutura da reportagem está ancorada no “como” ao invés de outras perguntas do lead?	<b>NÃO. A história mostra aponta algumas ideias que podem servir de soluções. Uma delas é usada como uma solução que pode ser replicada (Ceic), mas não mostra COMO. As soluções de longo prazo são dos especialistas que não explicam como fazer, mas sim, O QUE FAZER. O “O QUE” e o “POR QUE” são predominantes. O “QUEM” pode ser percebido em alguns momentos também.</b>
CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA	A história apresenta e explica as causas de um problema?	<b>Sim</b> , as contextualizações do problema estão bem apresentadas. Mostra o problema estruturalmente: mudanças climáticas, falta de educação ambiental, baixo investimento em técnicas ambientais de escoamento de água e falta de recursos humanos e financeiros na defesa civil.
	São problemas de âmbito local, regional, nacional?	Regional/estadual. Todo RS.
	A história apresenta uma ou mais respostas associada a esse problema?	<b>Sim</b> , a história apresenta no mínimo quatro soluções para responder o problema.

<b>EXPLICAÇÃO</b>	<p>A história explica o funcionamento da resposta?</p>	<p><b>EM PARTES.</b>  Apenas uma das soluções é concreta. As outras são propostas de soluções a serem aplicadas.  Na solução do Centro Integrado de Comando (Ceic), explica em partes.  <i>Vinculado à Secretaria Municipal de Segurança (SMSEG), o Ceic gerencia 2,3 mil câmeras de videomonitoramento internas e externas espalhadas pela Capital</i></p> <p><i>o dia do ciclone, 10 secretarias e órgãos municipais trabalhavam na chamada Sala de Situação, onde a reportagem de GZH esteve na sexta-feira (16), para acompanhar as operações e os chamados.</i></p> <p><i>“Quando começou a chuva, nós nos deslocamos para o centro de comando. Fizemos uma reunião, todos os secretários falaram e passamos a tomar decisões. As demandas vinham e rapidamente mobilizávamos equipes e servidores.”</i></p>
	<p>As fontes possuem um entendimento sobre o assunto abordado?</p>	<p><b>SIM</b>  Sebastião Melo tem conhecimento sobre o Ceic  Os três especialistas dominam e contribuem com conhecimentos das suas áreas</p> <p><b>Exceção</b> é o vice-governador, Gabriel Souza, que tem uma resposta política que é contraposta na própria reportagem.</p>
	<p>As soluções remetem a problemas de que ordem? Políticos, econômicos, jurídicos e sociais?</p>	<p>Minimizar os impactos de desastres ambientais nas cidades:  <b>Ambiental, Social e Político</b></p>
	<p>A história dá mais atenção à resposta do que há um líder/inovador/benfeitor?</p>	<p><b>Sim</b>, as fontes são acionadas apenas para reforçar a importância da iniciativa.</p>
	<p>As soluções são para problemas superficiais e gerenciais ou referem-se também a problemas estruturais?</p>	<p><b>Estruturais:</b> a questão de conscientização sobre mudanças climáticas, aumento de desastres ambientais no estado, necessidade da educação ambiental.  Necessidade de investimento público para mitigar e precaver desastres.  <b>Gerenciais:</b> o que fazer durante a crise.</p>

RESULTADOS/EFICÁCIA	A história apresenta personagens que estão vivenciando o problema ou as respostas?	<b>NÃO.</b> Apenas quem executa ou quem pensa a solução. Pessoas envolvidas com a resolução não são apresentadas. Até por que não são apresentadas iniciativas mudaram a vida das pessoas. Apenas um sistema integrado de monitoramento.
RESULTADOS/EFICÁCIA	A história traz evidências dos resultados?	<b>Não.</b> Mostra a solução mas não traz dados ou cases.
LIMITAÇÕES	A história apresenta as limitações da resposta?	<b>Não.</b> O próprio texto mostra uma solução concreta e em seguida mostra outras que, apesar de não dizerem explicitamente, são soluções que complementariam o monitoramento do CEIC em outros níveis. Isto é, o monitoramento não é uma solução estrutural e sim emergencial, sendo necessário outras medidas para combater o problema na raiz.
GERAR INSIGHTS	A história explica como fazer a implementação da resposta?	<b>Em partes.</b> Mostra que o Centro Integrado de Comando (Ceic) é uma solução. Não diz como implementar, mas fala como é a atuação do centro que já existia para outros propósitos. Apresenta-lo como uma resposta é uma maneira de mostrar que cidades que tenham centros integrados (como Santa Maria), podem utiliza-los também.

### APÊNDICE C – Aplicação do protocolo 3

<b>Título: De carro de som a boca a boca como municípios conseguiram superar meta de vacinação contra a gripe</b>		
<b>Editoria: SAÚDE</b>	<b>Data: 12/06/2023</b>	<b>Autor: VINICIUS COIMBRA</b>

INDICADOR	PERGUNTAS	CONSIDERAÇÕES SOBRE O ITEM
ESTRUTURA TEXTUAL	A solução do problema é apresentada em primeiro lugar?	<p><b>SIM.</b> Começa com uma contextualização (<b>importante</b>) do problema dos baixos índices de cobertura vacinal no estado. Em seguida, fala de forma resumida de ações que estão sendo feitas na capital e em municípios do interior que são bons exemplos. <b>Aqui está perfeito o jornalismo de soluções. Problema + uma boa iniciativa para inspirar.</b></p> <p>Depois vem o ranking das melhores cidades gaúchas no quesito cobertura vacinal da gripe e os seus respectivos índices. <b>Aqui o autor justifica por que está analisando essas cidades em específico.</b></p> <p>O subtítulo “<i>Boas iniciativas</i>” usa Brochier (Vale do Cai) e Palmares do Sul (Litoral Norte) como exemplos de sucesso.</p> <p>“<i>O trabalho feito pelos agentes de saúde do município de 5,1 mil habitantes é feito no “boca a boca”</i>”</p> <p>“<i>As equipes de saúde também focaram nos avisos em redes sociais, em grupos de WhatsApp da cidade e em uma rádio local.</i>”</p> <p>“<i>A primeira coisa que fizemos neste ano foi colocar um carro de som falando dos horários, dos locais onde estava acontecendo a vacinação</i>”</p> <p>Depois o subtítulo “<i>Capital usa escolas para melhorar cenário</i>” o autor traz uma iniciativa que está em andamento pela prefeitura, mas ainda não tem resultados. O “rolê da vacina” feito em escolas voltado para grupos que estão com os índices abaixo.</p>
	Que tipos de fontes utilizadas? Quais são?	<p>(x) Referencia - dados de vacinação do Ministério da Saúde (MS)</p> <p>(x) Oficial - Deisi Adriane Grunvald, enfermeira responsável pelas imunizações de Brochier</p> <p>(x) Oficial - Juliana Gasso, secretária municipal de saúde de Palmares do Sul</p> <p>(x) Oficial - Vânia Frantz, diretora de atenção primária da Secretaria Municipal de Saúde (SMS)</p>

	A estrutura da reportagem está ancorada no “como” ao invés de outras perguntas do lead?	<b>SIM.</b> O como está muito presente no texto. Explica como os municípios referências conseguiram bater as metas.
CONTEXUALIZAÇÃO DO PROBLEMA	A história apresenta e explica as causas de um problema?	<b>EM PARTES.</b> Apresenta o problema e mostra que os números estão abaixo. Mas não tem uma explicação das causas. Aqui poderia ter um especialista analisando o cenário.
	São problemas de âmbito local, regional, nacional?	<b>Estadual</b> (mas poderia ser nacional pois não é um problema exclusivo do RS)
	A história apresenta uma ou mais respostas associada a esse problema?	<b>SIM.</b> Apresenta duas cidades referencias e uma iniciativa em andamento
EXPLICAÇÃO	A história explica o funcionamento da resposta?	<b>SIM.</b> Explica como tem dado retorno para as cidades.
	As fontes possuem um entendimento sobre o assunto abordado?	<b>SIM.</b> São fontes diretamente envolvidas com a resposta
	As soluções remetem a problemas de que ordem? Políticos, econômicos, jurídicos e sociais?	<b>Político e social.</b>
	A história dá mais atenção à resposta do que há um líder/inovador/benfeitor?	<b>SIM.</b> O foco é nas respostas.
	As soluções são para problemas superficiais e gerenciais ou referem-se também a problemas estruturais?	<b>Ambos.</b> Gerencial: Aumento do número de vacinados na cidade Estrutural: conscientização sobre a importância da vacinação.

RESULTADOS/EFICÁCIA	A história apresenta personagens que estão vivenciando o problema ou as respostas?	<b>Em partes.</b> São apresentados representantes oficiais das cidades que falam sobre a implementação que os mesmos são responsáveis. Poderiam ter cases para ilustrar, mas isso envolve outros fatores (como o repórter se deslocar até a cidade).
	A história traz evidências dos resultados?	<b>Sim.</b> Os dados comprovam que as iniciativas dão certo.
LIMITAÇÕES	A história apresenta as limitações da resposta?	<b>NÃO.</b> Poderia falar sobre o método ser aplicado em cidades maiores. Teria o mesmo resultado? Exigiria mais investimento?
GERAR INSIGHTS	A história explica como fazer a implementação da resposta?	<b>Sim.</b> A solução é simples então a implementação também é fácil de explicar. O autor traz essa explicação de maneira rápida mas suficiente.

#### APÊNDICE D – Aplicação do protocolo 4

<b>Título da matéria: Equipamento utilizado em escolas municipais de Espumoso transforma resíduos orgânicos em gás de cozinha e adubo</b>		
<b>Editoria: EDUCAÇÃO</b>		<b>Data: 12/06/2023</b>
		<b>Autor: MATHEUS MORAES</b>
<b>INDICADOR</b>	<b>PERGUNTAS</b>	<b>CONSIDERAÇÕES SOBRE O ITEM</b>

ESTRUTURA TEXTUAL	A solução do problema é apresentada em primeiro lugar?	<p><b>SIM.</b></p> <p>O texto começa falando da iniciativa que está promovendo mudanças: <i>“Uma iniciativa do poder público [...] visa fomentar temas como a sustentabilidade e a conscientização com o meio ambiente em escolas municipais da cidade. Por meio de um investimento de aproximadamente R\$ 165 mil [...] adquiriram oito biodigestores que transformam resíduos orgânicos em gás de cozinha e adubo para dez instituições de ensino Infantil e ensino Fundamental.”</i></p> <p>Depois fala de outro benefício da iniciativa: <i>“o biogás será utilizado para cozinhar a merenda dos estudantes. Já os biofertilizantes serão usados nas hortas das escolas.”</i></p> <p>Depois no subtítulo: <i>“Como funciona”</i> é explicado o que é um biodigestor. E como eles já foram implementados em outras escolas do estado.</p>
	Que tipos de fontes utilizadas? Quais são?	<p>(x) Oficial – secretária de Educação, Cultura e Turismo, Magali Pereira de Oliveira</p> <p>(x) Empresarial – representante da empresa HomeBiogas, João Carlos Ramos da Silva</p>
	A estrutura da reportagem está ancorada no “como” ao invés de outras perguntas do lead?	<p><b>SIM.</b></p> <p>Mostra o que foi implementado e como foi, inclusive citando os custos.</p>
CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA	A história apresenta e explica as causas de um problema?	<p><b>Em partes.</b></p> <p>As causas não são apresentadas porque não é apresentado de maneira explícita qual é o problema. A iniciativa visa promover temas como a sustentabilidade e a conscientização com o meio ambiente nas escolas, gerando uma transformação sustentável.</p> <p>Nesse sentido, os problemas seriam a poluição ambiental, a falta de reuso de materiais e a não consciência sobre a importância do meio ambiente. Logo, problemas estruturais. A solução aqui visa criar uma cultura sustentável com os estudantes, ao mesmo tempo, que vai trazer benefícios a curto prazo para as escolas, isto é, uma solução estrutural e gerencial.</p>

		Consideramos que as causas são apresentadas em partes já que estão de maneira implícita no texto, assim como o problema em si.
	São problemas de âmbito local, regional, nacional?	<b>Local.</b> Mas, poderiam ser regional e nacional também.
	A história apresenta uma ou mais respostas associada a esse problema?	<b>SIM.</b> A solução é uma resposta a esses problemas implícitos.
<b>EXPLICAÇÃO</b>	A história explica o funcionamento da resposta?	<b>SIM.</b> Poderia ser mais aprofundado. Mas a explicação está no texto. <i>“Desta forma, os alunos observam e aprendem a reutilizar os resíduos e ser sustentável. Eles terão muito conhecimento por meio da observação deste processo e também vão aprender a proteção ao meio ambiente.”</i>  <i>“Segundo ela, o biogás será utilizado para cozinhar a merenda dos estudantes. Já os biofertilizantes serão usados nas hortas das escolas.”</i> <b>Aqui a resposta fala do futuro, como vai contribuir com a escola e os alunos.</b>
	As fontes possuem um entendimento sobre o assunto abordado?	<b>SIM.</b> A secretária de Educação é a responsável política pela implementação e fala bem da parte pedagógica da proposta. <b>Talvez caberia aqui uma explicação técnica com alguém que ajudou na implementação.</b> O representante da empresa HomeBiogas fala dos benéficos ambientais do iniciativa. <b>Como se trata de uma fonte empresarial, ela tem interesses comerciais. Acho que poderia ter uma fonte especializada. Acredito que também faltou uma fonte testemunhal que está vivenciando a iniciativa. Poderia ser um aluno, professor ou diretor.</b>
	As soluções remetem a problemas de que ordem? Políticos, econômicos, jurídicos e sociais?	<b>Ambiental, econômico, social.</b>

	A história dá mais atenção à resposta do que há um líder/inovador/benfeitor?	<b>SIM.</b> A secretária aparece como fonte principal, mas não chega ser retratada como uma benfeitora.
	As soluções são para problemas superficiais e gerenciais ou referem-se também a problemas estruturais?	<b>Ambos.</b> <b>Estrutural:</b> educação ambiental e sustentabilidade <b>Gerencial:</b> Energia limpa e renovável para utilizar nas escolas. Uso de biofertilizantes nas hortas das escolas
RESULTADOS/EFICÁCIA	A história apresenta personagens que estão vivenciando o problema ou as respostas?	<b>NÃO.</b>
	A história traz evidências dos resultados?	<b>NÃO.</b> Fala dos benéficos que a solução pode trazer mas não apresenta resultados.
LIMITAÇÕES	A história apresenta as limitações da resposta?	<b>NÃO.</b> Não é debatido limitações.
GERAR INSIGHTS	A história explica como fazer a implementação da resposta?	<b>Em partes.</b> A história mostra de onde vem os recursos e apresenta a empresa que produz o produto. Não aprofunda na questão de preparação das escolas, estrutura, manutenção necessária, armazenamento e etc. São questões que poderiam aparecer para servir de inspiração para outros locais.

## APÊNDICE E – Aplicação do protocolo 5

Título da matéria: Conheça o kit de robótica 10 vezes mais barato do que o tradicional e que apoia escolas no ensino de ciência e tecnologia			
Editoria: EDUCAÇÃO		Data: 02/06/2023	Autor: Isabella Sander
INDICADOR	PERGUNTAS	CONSIDERAÇÕES SOBRE O ITEM	
ESTRUTURA TEXTUAL	A solução do problema é apresentada em primeiro lugar?	<p><b>SIM.</b> Na primeira frase é apresentada a solução. “[...] o kit GoGo Board tem tornado viável que escolas públicas do RS ampliem o ensino de robótica entre seus alunos”.</p> <p>Logo em seguida explica o motivo pela solução ser algo viável: “O motivo é o preço – o valor, que gira em torno de R\$ 700, é até 10 vezes mais baixo do que o produto feito pela Lego, tradicionalmente utilizado por instituições de ensino”.</p> <p>Após, mostra a origem da solução e como ela nasce. <b>Algo legal aqui é que fala que o SESI-RS implementou em suas escolas, mas o grande foco é oferecer em seu curso de capacitação de docentes para que estes possam utilizarem a robótica em sala de aula.</b> “Para mim, como professora de Ciências, é um leque de possibilidades que se abre”</p>	
	Que tipos de fontes utilizadas? Quais são?	<p>(X) Empresarial - o diretor-geral da Novus, Marcos Dillenburg.</p> <p>(X) Testemunhal - professora Kássia Trapp, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila Schmidt</p> <p>(X) Testemunhal - Thiago Neves, estudante da Escola Sesi de Ensino Médio Albino Marques Gomes</p> <p>(X) Testemunhal - Laura Saraiva, estudante na Escola Sesi Gravataí.</p>	

	A estrutura da reportagem está ancorada no “como” ao invés de outras perguntas do lead?	<b>SIM.</b> O como aparece do início ao fim da matéria. Através do valor unitário de cada um dos kits ou na capacitação de professores. No final, link para acessar o curso do SESI e o acesso a empresa que fabrica os kits. O PORQUE também está bem presente quando se justifica os motivos para implementar esse sistema.
CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA	A história apresenta e explica as causas de um problema?	<b>SIM.</b> A dificuldade de trabalhar com robótica em sala de aula é apresentada através dos cases (alunos e professores). <i>“A docente revela que, antes de fazer a formação, a robótica parecia muito difícil – os kits já tinham sido adquiridos pela prefeitura no ano passado, mas eram pouco usados, porque a maioria dos professores não se arriscava.”</i>  <i>“No começo, tu pensa que aquilo não é pra ti, mas, quando tenta entender, fica tudo claro e tu fica realizado”</i>
	São problemas de âmbito local, regional, nacional?	<b>Regional.</b> O estado do RS.
	A história apresenta uma ou mais respostas associada a esse problema?	<b>SIM.</b> Apresenta um case de sucesso utilizando robótica para ensinar.
EXPLICAÇÃO	A história explica o funcionamento da resposta?	<b>SIM!</b> O relato das fontes que vivenciam a solução comprova que ela tem dado certo. A explicação sobre os kits serem usados em diversas áreas do conhecimento mostra como o investimento é positivo.
	As fontes possuem um entendimento sobre o assunto abordado?	<b>SIM.</b> O diretor-geral da Novus traz uma explicação bem contextualizada sobre o kit. No vídeo ele amplia esse assunto e também fica muito bom. As três fontes testemunhais que vivenciam a solução tem o papel de comprovar suas experiências.

	As soluções remetem a problemas de que ordem? Políticos, econômicos, jurídicos e sociais?	<b>Social.</b>
	A história dá mais atenção à resposta do que há um líder/inovador/benfeitor?	<b>SIM.</b> A história foca na solução.
	As soluções são para problemas superficiais e gerenciais ou referem-se também a problemas estruturais?	<b>Ambos.</b> <b>Estruturais:</b> trabalhar com robótica nas escolas <b>Gerencial:</b> Escolas adquirir equipamentos de robótica.
RESULTADOS/EFICÁCIA	A história apresenta personagens que estão vivenciando o problema ou as respostas?	<b>SIM!</b> Três personagens são apresentados
	A história traz evidências dos resultados?	<b>SIM.</b> Na fala dos cases mostra o quanto a solução tem sido positiva.
LIMITAÇÕES	A história apresenta as limitações da resposta?	<b>NÃO.</b> A história mostra o bom exemplo, mas não avança para limitações. Poderia ser explorado se a empresa conseguiria entregar o produto em grande quantidade para mais escolas, quanto tempo os kits tem de vida útil, outras empresas poderiam fabricar, etc.

GERAR INSIGHTS	A história explica como fazer a implementação da resposta?	<p><b>SIM.</b> A história explica como chegamos até a solução. Mostra como as escolas estão se capacitando. No final dois links: para o curso do Sesi e para o site da empresa.</p>
----------------	--	---

#### APÊNDICE F – Aplicação do protocolo 6

Título da matéria: Como outras capitais podem inspirar Porto Alegre na prevenção a desastres naturais em áreas de risco			
Editoria: AMBIENTE		Data: 19/05/2023	Autor: Caroline Tidra
INDICADOR	PERGUNTAS	CONSIDERAÇÕES SOBRE O ITEM	
ESTRUTURA TEXTUAL	A solução do problema é apresentada em primeiro lugar?	<p><b>SIM.</b> Começa falando do problema e municípios que podem ser referência para Porto Alegre: Recife e Fortaleza. Ao longo do texto a autora amplia duas iniciativas que tem apresentados bons resultados para problemas de desastres ambientais.</p>	
	Que tipos de fontes utilizadas? Quais são?	<p>(x) Especializada - Victor Marchezini, pesquisador do Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais (Cemaden) (x) Oficial - coordenador da Defesa Civil, coronel Evaldo Rodrigues Júnior (x) Oficial - coordenador da Defesa Civil de Fortaleza, coronel Heraldo Pacheco (x) Referência – um relatório da prefeitura de POA, sobre áreas de risco</p>	
	A estrutura da reportagem está ancorada no “como” ao invés de outras perguntas do lead?	<p><b>SIM.</b> Mostra as soluções e explica como elas foram implementadas pelos municípios. O COMO está presente do início ao fim. <i>“o caso da Defesa Civil do Recife, com o Programa Parceria, que fornece projeto, material e orientação técnica para</i></p>	

		<p><i>intervenções em áreas planas e morros, enquanto a população entra com a mão de obra.”</i></p> <p><i>“Os serviços realizados incluem tratamento de encosta com soluções técnicas de rip rap, tela argamassada e alvenaria armada, além de melhorias de infraestrutura com implantação de acessos, microdrenagem e corrimão, entre outras.”</i></p> <p><i>“o, trata-se de um exemplo possível que se aproxima do que já existe em Porto Alegre: são os Núcleos de Defesa Civil (Nudec), compostos por cidadãos da comunidade que passam por formação e capacitação de voluntários para atuação preventiva em áreas sujeitas a inundação e deslizamento.”</i></p> <p><i>“Porto Alegre tem uma virtude que é a iniciativa do Orçamento Participativo. É uma possibilidade interessante o fato de já terem associado as áreas mapeadas, como de risco de inundação e deslizamento, entre outras, a regiões do Orçamento Participativo.”</i> <b>Aqui a fonte especializada mostra um ponto positivo para que Porto Alegre implemente a solução com recursos do orçamento participativo.</b></p> <p><i>“o trabalho ocorreu em comunidades socioeconomicamente vulneráveis. As intervenções nas áreas focaram na qualificação dos espaços urbanos ou na remoção dos moradores para locais mais seguros [...] Houve investimento em drenagem, galerias e bocas de lobos. Também temos uma política de limpeza preventiva de canais e riachos que acontece antes, durante e depois da quadra chuvosa”</i></p>
<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA</p>	<p>A história apresenta e explica as causas de um problema?</p>	<p><b>SIM.</b></p> <p>Cita um relatório da prefeitura que mostra que “as áreas de risco de Porto Alegre, que cresceram 19% nos últimos 10 anos”. Atualmente, são 142, sendo 51 pontos classificados com o grau de risco "muito alto".</p> <p>Importante destacar aqui que o problema é apresentado de forma rápida porque essa é</p>

		uma série de reportagens da mesma repórter e essa produção é voltada para soluções.
	São problemas de âmbito local, regional, nacional?	<b>Local.</b> Mas, poderiam ser ampliados para regional e nacional.
	A história apresenta uma ou mais respostas associada a esse problema?	<b>SIM,</b> são 3 propostas de respostas bem apresentadas e detalhadas.
EXPLICAÇÃO	A história explica o funcionamento da resposta?	<b>SIM.</b> A produção traz detalhes de cada proposta
	As fontes possuem um entendimento sobre o assunto abordado?	<b>SIM.</b> Tanto a fonte especializada, quanto as fontes oficiais dominando o assunto completamente.
	As soluções remetem a problemas de que ordem? Políticos, econômicos, jurídicos e sociais?	<b>Sociais, ambientais, econômicos e políticos</b>
	A história dá mais atenção à resposta do que há um líder/inovador/benfeitor?	<b>SIM.</b> O foco são as soluções.
	As soluções são para problemas superficiais e gerenciais ou referem-se também a problemas estruturais?	<b>Estruturais: questão moradias urbanas, desastres ambientais</b>
RESULTADOS/EFICÁCIA	A história apresenta personagens que estão vivenciando o problema ou as respostas?	<b>Não.</b> A história mostra um especialista e representantes oficiais das defesas civis. Não são ouvidas pessoas que vivenciaram a solução. Talvez pela distância de Porto Alegre (Fortaleza, Recife e Belo Horizonte). Sobre pessoas em situação de risco na cidade, a repórter ouviu seus relatos em outras matérias dessa mesma série. <b>Portanto, consideramos que é justificável a falta de fontes testemunhais nesse caso.</b>

	A história traz evidências dos resultados?	<b>SIM.</b> No relato da fonte especializada justifica que são iniciativas que dão certo. Ele é autoridade no assunto e confirma que são soluções que podem e devem ser replicadas.
LIMITAÇÕES	A história apresenta as limitações da resposta?	<b>Não.</b> As propostas são apresentadas, mas não é discutido o que poderia ser limitantes nelas.
GERAR INSIGHTS	A história explica como fazer a implementação da resposta?	<b>Sim</b> , o foco da matéria é justamente esse. Bons exemplos para Porto Alegre.

#### APÊNDICE G – Aplicação do protocolo 7

<b>Título da matéria: Convênio com universidade permite tratamento de fisioterapia a pacientes do SUS nas Missões</b>		
<b>Editoria: SAÚDE</b>		<b>Data: 17/05/2023</b>
		<b>Autor: Vinicius Coimbra</b>
<b>INDICADOR</b>	<b>PERGUNTAS</b>	<b>CONSIDERAÇÕES SOBRE O ITEM</b>
ESTRUTURA TEXTUAL	A solução do problema é apresentada em primeiro lugar?	<b>SIM.</b> O texto começa contando brevemente a história de um case. Mostra a situação e o problema de Dalvina.  Em seguida, apresenta a solução: “[...] acompanhada por uma das estudantes do curso de Fisioterapia da instituição de ensino, no Centro de Práticas da faculdade. Na estrutura são oferecidos atendimentos gratuitos por meio de um convênio firmado em 2012 com a Prefeitura de São Luiz Gonzaga.”

		<p><i>“Os beneficiados são usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) encaminhados por profissionais de saúde da rede municipal. [...]O convênio prevê atividades de “promoção, prevenção e recuperação da saúde da comunidade e região”.</i></p>
	<p>Que tipos de fontes utilizadas? Quais são?</p>	<p>(x) Testemunhal - Dalvina Silva de Souza, paciente  (x) Individual - Isadora Bonatto, aluna do nono semestre do curso de Fisioterapia  (x) Institucional - Marzane Bolzan Morais de Oliveira, professora e coordenadora do curso da URI</p>
	<p>A estrutura da reportagem está ancorada no “como” ao invés de outras perguntas do lead?</p>	<p><b>SIM.</b>  Explica a solução e mostra como foi resolvido um problema de carência no atendimento especializado de fisioterapia para pacientes do SUS.  <i>“Na URI são oferecidos serviços nas áreas de fisioterapia em neurologia e pediatria, disfunções músculo-esqueléticas, hidrocinesioterapia, cardiologia e pneumologia, de segunda a sexta-feira.”</i>    <i>“Os atendimentos são feitos por 12 alunos que estão nos últimos dois semestres da faculdade, em atividades que compõem o currículo obrigatório do curso, com total de 800 horas de estágio. O desempenho é avaliado por um professor supervisor. Em 2022, foram feitos 2,6 mil atendimentos por conta da parceria. A prefeitura de São Luiz Gonzaga destina apoio financeiro para as atividades na universidade.”</i>    <i>“Esse trabalho desenvolvido pelos alunos com os pacientes do SUS gera frutos para todos os envolvidos [...]”</i></p>

CONTEXUALIZAÇÃO DO PROBLEMA	A história apresenta e explica as causas de um problema?	<b>SIM.</b> O problema é apresentado de forma implícita. Existe uma carência de atendimento e a prefeitura da cidade firmou uma parceria com a Universidade URI. O sistema é ganha-ganha.
	São problemas de âmbito local, regional, nacional?	<b>Local.</b>
	A história apresenta uma ou mais respostas associada a esse problema?	<b>SIM.</b> Uma solução para a falta de opções de atendimentos em fisioterapia para pacientes do SUS.
EXPLICAÇÃO	A história explica o funcionamento da resposta?	<b>SIM.</b> Atendimentos gratuito no Centro de Práticas da faculdade
	As fontes possuem um entendimento sobre o assunto abordado?	<b>SIM.</b> Fonte testemunhal está vivendo a solução Estudante é quem faz o trabalho Coordenadora é quem supervisiona tudo e organiza a dinâmica.
	As soluções remetem a problemas de que ordem? Políticos, econômicos, jurídicos e sociais?	<b>Social</b>
	A história dá mais atenção à resposta do que há um líder/inovador/benfeitor?	<b>SIM.</b> História focada na solução.
	As soluções são para problemas superficiais e gerenciais ou referem-se também a problemas estruturais?	<b>Ambos.</b> <b>Superficiais e gerenciais:</b> Falta de profissionais no sistema de saúde público <b>Estruturais:</b> direito a saúde dos pacientes. Eles encontram na universidade a alternativa para receber o atendimento gratuito. Ainda são formados profissionais para a cidade.
RESULTADOS/EFICÁCIA	A história apresenta personagens que estão vivenciando o problema ou as respostas?	<b>SIM.</b> Case tem protagonismo. Muito bom!

	A história traz evidências dos resultados?	<b>SIM.</b> Em números no ano passado foram: 2,6 mil atendimentos por conta da parceria. A iniciativa atua desde 2012.
LIMITAÇÕES	A história apresenta as limitações da resposta?	<b>NÃO.</b> Não mostra limitações. Poderia falar de lista de espera, limitações estruturais ou até deficiências para alguns tipos de terapia de fisioterapia.
GERAR INSIGHTS	A história explica como fazer a implementação da resposta?	<b>EM PARTES.</b> Não fala de maneira explícita, mas ela sugere que cidades com faculdades poderiam reproduzir. A solução é simples: uma parceria entre prefeitura e universidade em uma relação de ganha-ganha.

#### APÊNDICE H – Aplicação do protocolo 8

<b>Título da matéria: Preservação de abelhas sem ferrão une universidades, produtores e alunos nas Missões</b>		
<b>Editoria:</b> Educação, Trabalho e Meio Ambiente		<b>Data:</b> 15/05/2023
		Autor: Vinicius Coimbra
<b>INDICADOR</b>	<b>PERGUNTAS</b>	<b>CONSIDERAÇÕES SOBRE O ITEM</b>
ESTRUTURA TEXTUAL	A solução do problema é apresentada em primeiro lugar?	<b>EM PARTES.</b> Nos primeiros cinco parágrafos é apresentado o problema. A importância das abelhas para a manutenção da vida na terra. A contextualização aqui está perfeita. Com várias referências. <i>“urbanização e uso de defensivos agrícolas no campo são alguns dos fatores que explicam a menor presença do inseto (abelhas) no território nacional, dizem especialistas.”</i>  <i>“não existem dados oficiais sobre essa população no Brasil. Por isso, a fonte mais</i>

	<p><i>confiável é a percepção de criadores e pesquisadores”</i></p> <p>Em seguida é apresentado a solução: o projeto “Abelhas Missioneiras”, que incentiva a criação do inseto e avalia a situação das abelhas sociais (que formam colônia) no Estado.</p> <p>Depois de uma maneira bem explicada, mostra a origem do projeto, forma de financiamento, órgãos envolvidos e os trabalhos desenvolvidos.</p> <p><i>“O trabalho é dividido em sete subprojetos: levantamento da flora apícola, identificação de espécies de abelhas presentes na região das Missões, identificação dos substratos de nidificação, popularização da meliponicultura (criação de abelhas sem ferrão) com cursos e acompanhamento de produtores, publicações de livros e material informativo, construção de meliponários (onde são instaladas as colmeias) e atividades de educação ambiental.”</i></p> <p>Depois explica quais são as abelhas que são utilizadas nas pesquisas <i>“Os pesquisadores gaúchos trabalham com abelhas sem ferrão, que pertencem à família Apidae, tribo Meliponini, também chamadas de meliponíneos.”</i> São apresentados os benefícios que essa espécie pode ter para os produtores. Também traz o contexto ambiental dela.</p> <p><i>“O mel de abelhas sem ferrão tem uma composição físico-química diferente se comparado ao mel de abelha com ferrão. Isso dá características de sabor, cor e odor distintos e que mudam conforme a espécie de abelha criada e a florada da região”.</i></p> <p>No último subtítulo aborda outra questão do projeto: a educação ambiental nas escolas.  <i>“O projeto ensina como se produz, como se faz a transformação desse produto em alimentos e trata a pedagogia, que é como trabalhamos a educação, o ensino formal das crianças”</i>  <i>“Esse é um trabalho para que a criança seja conscientizada da importância do cuidado, de</i></p>
--	---

		<i>preservar e para que se refaça a cultura em relação às abelhas”</i>
	Que tipos de fontes utilizadas? Quais são?	<p>(x) Referencial – Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO)</p> <p>(x) Referencial – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA)</p> <p>(x) Especializada – Rafael Meirelles, pesquisador e professor do curso de Agronomia da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs)</p> <p>(x) Referencial – Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura (Sema)</p> <p>(x) Especializada – Joney Braun, agrônomo, extensionista rural da Emater e meliponicultor</p> <p>(x) Oficial – Secretaria da Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação</p> <p>(x) Especializada – Arisa Araújo da Luz, coordenadora do curso de Pedagogia da universidade estadual</p>
	A estrutura da reportagem está ancorada no “como” ao invés de outras perguntas do lead?	<p><b>SIM.</b> Explica de forma detalhada como o projeto funciona, quais são os eixos que guiam ele. O “O QUE” e o “POR QUE” também aparecem muito.</p>
	A história apresenta e explica as causas de um problema?	<p><b>SIM.</b> Contextualização está impecável. Justifica e explica a importância da preservação dessas abelhas.</p>
	São problemas de âmbito local, regional, nacional?	<p><b>REGIONAL.</b> Apesar da história ser contada em nível local, o problema é do estado.</p>

CONTEXTO TUALIZAÇÃO D PROBLEMA	A história apresenta uma ou mais respostas associada a esse problema?	<b>SIM.</b> Uma iniciativa que atua em várias frentes.
	EXPLICAÇÃO	A história explica o funcionamento da resposta?
As fontes possuem um entendimento sobre o assunto abordado?		<b>SIM.</b> São acionadas muitas fontes especializadas e referenciais. O que traz um bom contexto. Faltou a presença de uma fonte testemunhal que vive uma das soluções do projeto.
As soluções remetem a problemas de que ordem? Políticos, econômicos, jurídicos e sociais?		<b>Ambientais e sociais.</b>
A história dá mais atenção à resposta do que há um líder/ inovador/ benfeitor?		<b>SIM.</b> A solução é o foco principal.
As soluções são para problemas superficiais e gerenciais ou referem-se também a problemas estruturais?		<b>ESTRUTURAL:</b> Preservação das abelhas para a manutenção da vida na terra e educação ambiental.
RESULTADOS/EFICÁCIA	A história apresenta personagens que estão vivenciando o problema ou as respostas?	<b>NÃO.</b> Não são apresentados produtores rurais.
	A história traz evidências dos resultados?	<b>SIM.</b> Além de trazer os resultados nas falas das fontes especializadas, ressaltando a importância do projeto, são apresentados alguns números: <i>“O projeto já mapeou mais de 80 plantas de interesse para as abelhas da região das Missões. Em São Luiz Gonzaga, foram estudados mais de 70 ninhos na zona urbana; pontos dos municípios de Bossoroca, São Pedro</i>

		<i>do Butiá e Santo Antônio das Missões também são analisados pelo grupo.”</i>
LIMITAÇÕES	A história apresenta as limitações da resposta?	<b>NÃO.</b> Não são explorados limitações. Poderiam aparecer temas como: recursos financeiros, burocracias, acesso a informação gerada, falta de políticas públicas voltadas a projetos como este e etc.
GERAR INSIGHTS	A história explica como fazer a implementação da resposta?	<b>SIM.</b> A História além de explicar e justificar a importância dessas abelhas, mostra como pessoas comuns podem se tornar produtores de abelhas sem ferrão. <i>“A obtenção de enxames deve ser feita com utilização de ninhos-isca, aquisição de meliponários autorizados ou outros métodos não destrutivos [...] Por isso, para obter colônias, o interessado deve adquiri-las de um produtor autorizado ou espalhar ninhos-isca em locais estratégicos para captura.”</i>

### APÊNDICE I – Aplicação do protocolo 9

<b>Título da matéria: Cinco projetos educacionais de Barcelona que podem servir de exemplo</b>		
<b>Editoria: Educação</b>		<b>Data: 14/05/2023</b>   <b>Autor: Maria Eduarda Ely</b>
<b>INDICADOR</b>	<b>PERGUNTAS</b>	<b>CONSIDERAÇÕES SOBRE O ITEM</b>
ESTRUTURA TEXTUAL	A solução do problema é apresentada em primeiro lugar?	<b>SIM.</b> A reportagem fala em uma cultura educacional na cidade. Barcelona é a primeira Cidade Educadora do mundo. A matéria é construída em forma de 5 tópicos, em que é mostrado boas iniciativas que podem servir de exemplo.

	Que tipos de fontes utilizadas? Quais são?	<b>NÃO TEM.</b> A autora optou por montar em listas os projetos referencias sem citar fontes.
	A estrutura da reportagem está ancorada no “como” ao invés de outras perguntas do lead?	<b>NÃO.</b> É voltada para o “O QUE”.
CONTEXUALIZAÇÃO DO PROBLEMA	A história apresenta e explica as causas de um problema?	<b>NÃO.</b> Apenas ressalta uma boa iniciativa.
	São problemas de âmbito local, regional, nacional?	<b>Local.</b>
	A história apresenta uma ou mais respostas associada a esse problema?	<b>SIM.</b> A história mostra iniciativas para alguns problemas, mas sem aprofundamento.
EXPLICAÇÃO	A história explica o funcionamento da resposta?	<b>NÃO.</b> Apenas cita.
	As fontes possuem um entendimento sobre o assunto abordado?	Não há fontes
	As soluções remetem a problemas de que ordem? Políticos, econômicos, jurídicos e sociais?	<b>Políticos, sociais, ambientais.</b>
	A história dá mais atenção à resposta do que há um líder/inovador/benfeitor?	<b>SIM.</b> Não são citadas pessoas.
	As soluções são para problemas superficiais e gerenciais ou referem-se também a problemas estruturais?	<b>Estruturais.</b>
RESULTADOS/EFICÁCIA	A história apresenta personagens que estão vivenciando o problema ou as respostas?	<b>NÃO.</b>

	A história traz evidências dos resultados?	<b>NÃO.</b> Apenas as iniciativas.
LIMITAÇÕES	A história apresenta as limitações da resposta?	<b>NÃO.</b>
GERAR INSIGHTS	A história explica como fazer a implementação da resposta?	<b>NÃO.</b> Apenas cita.

### APÊNDICE J – Aplicação do protocolo 10

<b>Título da matéria: O que Passo Fundo pode aprender com Barcelona</b>		
<b>Editoria: Educação</b>		<b>Data:</b> 12/05/2023
		<b>Autor: Rebecca Mistura</b>
<b>INDICADOR</b>	<b>PERGUNTAS</b>	<b>CONSIDERAÇÕES SOBRE O ITEM</b>
ESTRUTURA TEXTUAL	A solução do problema é apresentada em primeiro lugar?	<b>NÃO.</b> A reportagem fala sobre a Missão Cidade Educadora que levou alunos de escolas de Passo Fundo para Barcelona para conhecerem iniciativas que tornam a cidade catalã como referência em Cidade Educadora no mundo. Mas não cita as iniciativas e nem como poderiam ser replicadas em Passo Fundo

	Que tipos de fontes utilizadas? Quais são?	(x) oficial – secretário de Educação Adriano Teixeira (x) testemunhal – Sabrina Schmitz dos Santos
	A estrutura da reportagem está ancorada no “como” ao invés de outras perguntas do lead?	<b>NÃO.</b> Muito mais no O QUE.
CONTEXUALIZAÇÃO DO PROBLEMA	A história apresenta e explica as causas de um problema?	<b>NÃO.</b> Não apresenta causas e nem soluções.
	São problemas de âmbito local, regional, nacional?	<b>Local.</b>
	A história apresenta uma ou mais respostas associada a esse problema?	<b>Não.</b>
EXPLICAÇÃO	A história explica o funcionamento da resposta?	<b>Não.</b>
	As fontes possuem um entendimento sobre o assunto abordado?	<b>NÃO.</b>
	As soluções remetem a problemas de que ordem? Políticos, econômicos, jurídicos e sociais?	<b>Não há soluções.</b>
	A história dá mais atenção à resposta do que há um líder/inovador/benfeitor?	<b>SIM.</b>
	As soluções são para problemas superficiais e gerenciais ou referem-se também a problemas estruturais?	<b>Não apresenta soluções.</b>

RESULTADOS/EFICÁCIA	A história apresenta personagens que estão vivenciando o problema ou as respostas?	<b>Sim</b> , de forma superficial mostra os estudantes que tiveram acesso à soluções.
	A história traz evidências dos resultados?	<b>NÃO.</b>
LIMITAÇÕES	A história apresenta as limitações da resposta?	<b>Não.</b>
GERAR INSIGHTS	A história explica como fazer a implementação da resposta?	<b>NÃO.</b>